

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

ADILIO JUNIOR DE SOUZA

**LEXICALIZAÇÃO E NEOLOGISMO: ANÁLISE FUNCIONAL
EM *CORPUS* DIGITAL**

JOÃO PESSOA

2015

ADILIO JUNIOR DE SOUZA

**LEXICALIZAÇÃO E NEOLOGISMO: ANÁLISE FUNCIONAL EM *CORPUS*
DIGITAL**

Dissertação submetida à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para obtenção do grau de Mestre em Linguística pelo programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING).

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.
Linha de pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

JOÃO PESSOA

2015

S729I Souza, Adilio Junior de.
Lexicalização e neologismo: análise funcional em corpus digital / Adílio Junior de Souza.- João Pessoa, 2015.
155f. : il.
Orientador: Denilson Pereira de Matos
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA
1. Linguística. 2. Teoria e análise linguística. 3. Léxico.
4. Neologismo. 5. Lexicalização. 6. Linguística centrada no uso.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

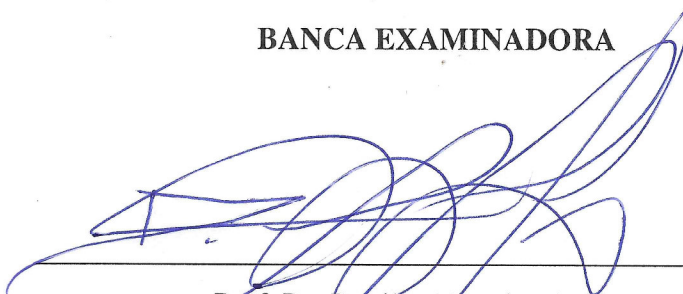
ADILIO JUNIOR DE SOUZA

**LEXICALIZAÇÃO E NEOLOGISMO: ANÁLISE FUNCIONAL EM *CORPUS*
DIGITAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística.

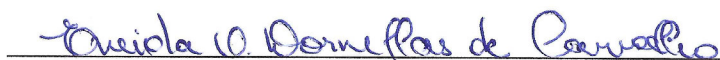
Aprovada em: 04/12/2015

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Mônica Mano Trindade Ferraz
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
(1^a Examinadora)



Prof^a. Dr^a. Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
(2^a Examinadora)

Este trabalho é dedicado à minha família:
Damiana Maria (mãe), João Evangelista (pai,
In memoriam), Ângela Maria, Maria Adriana e
Maria Aparecida (irmãs) e, sobretudo, à minha
companheira Dálete Lima (esposa).

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo e de todos, agradeço a Deus, por ter me permitido chegar até aqui! Que Deus seja glorificado por isso!

Para muitos e, com certeza, para mim, esta parte do trabalho não é uma tarefa simples. Não pelo fato de dizer o quão importante foram as pessoas que me ajudaram, mas pelo fato de cometer o erro de não citar todos os nomes, esquecendo-me de alguém. Dito isto, agradeço ao Professor Dr. Denilson Pereira de Matos, que foi muito mais do que um orientador para mim, foi, antes de tudo, um guia. Com ele revivi a sensação de ser aluno-pesquisador. Isso me enriqueceu bastante, visto que compreendi que, por mais que eu me sentisse um professor, eu tive a certeza de que era apenas um aprendiz. Agradeço, acima de tudo, os inúmeros conselhos e ensinamentos que levarei para minha vida;

Às professoras Dr^a. Darcilia Simões (UERJ) e Dr^a. Mônica Trindade, pelas pertinentes sugestões que fizeram ao texto da dissertação. Estou certo de que as contribuições que me deram, em muito tornaram o texto claro e objetivo. E especialmente à Dr^a. Eneida Dornellas (UEPB) pela aceitação em compor a banca examinadora dessa dissertação e pelas sugestões que deu ao texto;

À atenção, carinho e apoio que recebi de todos os membros do Grupo de Pesquisa TLB: Delma Vanderlei, Amanda Brito, Ana Coeli, Cléber Lemos, José Walbérico, Jalusa Sarah, Edilma Andrade, Francineide Melo (UEPB), Dr^a. Eneida Dornellas (UEPB), Raquel Ferreira, Adélia Virgínia, além dos colegas Anderson Monteiro, Andréia, Greiciane e Valdemir Melo. E aos amigos Émerson Cardoso, Daniel Batista e Joselmo Cordeiro.

Aos professores do Proling: Dr^a. Pilar Roca Escalante, Dr^a. Maria Ester Vieira, Dr^a. Maria Leonor Maia, Dr. José Ferrari, Dr^a. Mabel Giammatteo (UBA), Dr^a. Mônica Nóbrega, Dr. Jan Edson, Dr. Camilo Rosa, Dr^a. Josete Marinho e Dr. Rubens Marques, por toda a atenção que me deram tanto durante as disciplinas ministradas como também fora de sala, foram sempre muito diligentes em todas as ocasiões;

À coordenação do Proling, nos nomes dos professores Dr. Pedro Farias Francelino e Dr^a. Lucienne Claudete Espíndola, assim como funcionários que lá trabalham, pela presteza e amabilidade no atendimento à comunidade acadêmica. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que possibilitou a realização dessa dissertação.

Agradeço amavelmente a minha família: Damiana Maria (mãe) e João Evangelista (pai – *in memoriam*), Ângela Maria, Maria Adriana e Maria Aparecida (irmãs), por toda a força que me deram desde as minhas primeiras escolhas de estudos. E, especialmente, agradeço a minha amada esposa, Dálete Lima, por todo o amor e apoio que me deu durante minha caminhada no Mestrado. Ao incentivo que recebi dos professores da Universidade Regional do Cariri (URCA) e da Unidade Descentralizada de Campos Sales - CE, em especial à Professora Teresinha Caldas e demais professores do Curso de Letras.

Lexicalização é a criação das palavras via seleção de propriedades cognitivas e de traços semânticos derivados, processando-se sua misteriosa concentração numa forma [...].

Ataliba Teixeira de Castilho (2003b, p. 10)

SOUZA, Adilio Junior de. **Lexicalização e neologismo**: análise funcional em *corpus* digital. f. 155. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2015.

RESUMO

Esta dissertação aponta como o surgimento dos neologismos em uma língua, pela lexicalização, pode contribuir para o enriquecimento e atualização do léxico desta mesma língua. Deste modo, buscou-se: (i) expor os principais conceitos sobre léxico, neologismo e lexicalização, com base na Linguística Centrada no Uso (LCU), (ii) apresentar 13 itens lexicais selecionados a partir do *corpus* digital e (iii) discutir a relevância da lexicalização para a formação de novas palavras, para entender como isso afeta/altera o multissistema. O *corpus* utilizado foi o *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro*, que contém cerca de um bilhão de palavras empregadas nos mais variados contextos de uso. Para a fundamentação da dissertação, alguns estudiosos foram consultados, entre os quais se destacam: Martelotta (2011), Gonçalves (2011), Contiero e Ferraz (2014), Correia e Almeida (2012), Carvalho (2009a), Biderman (1978; 1981), Câmara Jr. (2011), Pontes-Ribeiro (2007), Castilho (2003a; 2003b; 2008), Cunha (2011), Mendes e Seabra (2006), Ferraz (2006; 2007) e Fortunato (2008). A metodologia consistiu em três etapas: a) coleta de amostras de itens lexicais no *corpus*, b) extração dessas amostras e compilação em tabelas e c) análise dos dados coletados. Os resultados revelaram que alguns dos 13 neologismos/palavras lexicalizadas, possivelmente, surgiram para preencher um vazio de signos linguísticos no multissistema, outros adquiriram novos sentidos ao serem empregados em novos contextos de uso e outros tantos estão em processo de desaparecimento. A frequência de uso foi determinante para a mudança no sentido.

Palavras-chave: Léxico; Neologismo; Lexicalização; Linguística Centrada no Uso.

SOUZA, Adilio Junior de. **Lexicalization and neologism**: functional analysis in digital corpus. f. 155. 2015. Dissertation (Master's Degree in Linguistics). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2015.

ABSTRACT

This dissertation points out how the appearances of the neologisms in a language, by lexicalization, can contribute to enrichment and updating of the lexicon of the same language. Therefore, it looked for: (i) expose the main concepts about lexicon, neologism and lexicalization, based on the Usage-Based Linguistics (UBL), (ii) it presents 13 lexical items selected from the digital *corpus* and (iii) present the real relevance of the lexicalization for the formation of new words, for to understand how this affects/changes the multi-system. The *corpus* used was the one of the Project AC/DC: *corpo Corpus Brasileiro*, which has about one billion words employed in the most varied use contexts. For the fundamentation of the dissertation, some scholars were consulted, among them we highlight: Martelotta (2011), Gonçalves (2011), Contiero and Ferraz (2014), Correia and Almeida (2012), Carvalho (2009a), Biderman (1981), Câmara Jr. (2011), Pontes-Ribeiro (2007), Castilho (2003a; 2003b; 2008), Cunha (2011), Mendes and Seabra (2006), Ferraz (2006; 2007) and Fortunato (2008). The methodology consists in three stages: a) select of lexical elements samples in the corpus, b) extraction of this samples and compilations of them in tables and c) analyses of collected data. The results revealed that some of the 13 lexicalized words/neologisms, possibly, appeared to fulfill an existing space of linguistic signs in the multi-system, others acquired new meanings when used in new contexts of use and many others are in process of disappearance. The frequency of use was determining in the change of meaning.

Key words: Lexicon; Neologism; Lexicalization; Usage-Based Linguistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 01 — Verbete: léxico (Dicionário de linguística e gramática)
- Figura 02 — Esquema do multissistema (CASTILHO, 2003b, p. 4)
- Figura 03 — Conceito de neologismo (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 105)
- Figura 04 — *Twitter* do pastor Malafaia (06h55min – 06 de out de 2014)
- Figura 05 — *Twitter* do pastor Malafaia (19h57min – 23 de set de 2014)
- Figura 06 — Conceito de lexicalização (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 104)
- Figura 07 — Lexicalização – Rizomorfêmica (GOLÇALVES, 2011, p. 41)
- Figura 08 — Lexicalização – Semântica (GOLÇALVES, 2011, p. 41)
- Figura 09 — Representação da língua (CASTILHO; ELIAS, 2012, p. 42)
- Figura 10 — Yin-Yang – léxico / gramática (BAGNO, 2013, p. 105)
- Figura 11 — Definição do *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro*
- Figura 12 — Detalhamento sobre o projeto *Corpus Brasileiro*
- Figura 13 — Quantificação de palavras do *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro*
- Figura 14 — Verbete: piratear (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 697)
- Figura 15 — Verbete: plugar (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 702)
- Figura 16 — Verbete: internet (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 518)
- Figura 17 — Verbete: analfabeto (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 48)
- Figura 18 — Verbete: mensalista (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 595)
- Figura 19 — Verbete: internauta (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 518)
- Figura 20 — Verbete: curtir (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 253)
- Figura 21 — Verbete: trouxa (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 882)
- Figura 22 — Verbete: cutucar (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 254)
- Figura 23 — Verbete: mensalão (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 595)
- Figura 24 — Verbete: cracker (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 243)
- Figura 25 — Verbete: hacker (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 463)

LISTA DE TABELAS

- Tabela 01 — Definições para o verbete *léxico*
- Tabela 02 — Definições para o verbete *neologismo*
- Tabela 03 — Verbo trans. dir. *coisar*
- Tabela 04 — Itens lexicais (neologismos)
- Tabela 05 — Categorização de neologismos (adaptação de XIMENES, 2012, p. 118-119)
- Tabela 06 — Item lexical: *saída*
- Tabela 07 — Item lexical: *barraco*
- Tabela 08 — Item lexical: *bolão*
- Tabela 09 — Limites estabelecidos entre porcentagem e frequência de ocorrências
- Tabela 08 — Amostras selecionadas para análise
- Tabela 09 — (v.) *Piratear*
- Tabela 10 — (v.) *Plugar*
- Tabela 11 — (subs.) *Inteneteiro*
- Tabela 12 — (subs. sing.) *Analfabyte*
- Tabela 13 — (subs. plur.) *Analfabytes*
- Tabela 14 — (subs. sing.) *Mensaleiro*
- Tabela 15 — (subs. plur.) *Mensaleiros*
- Tabela 16 — (subs. sing.) *Orkuteiro*
- Tabela 17 — (subs. plur.) *Orkuteiros*
- Tabela 18 — (subs. sing.) *Internauta*
- Tabela 19 — (subs. plur.) *Internautas*
- Tabela 20 — (v.) *Curtir*
- Tabela 21 — (sub. sing. / adj.) *Trouxa*
- Tabela 22 — (sub. plur. / adj.) *Trouxas*
- Tabela 23 — (v.) *Cutucar*
- Tabela 24 — (v./subs./adj. 01) *Fake*
- Tabela 25 — (v./subs./adj. 02) *Fakes*
- Tabela 26 — (subs.) *Mensalão*
- Tabela 27 — (subs.) *Cracker*
- Tabela 28 — Itens lexicalizados / categorias identificadas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Hipóteses de trabalho	15
1.2. Objetivos	17
1.2.1. Geral	17
1.2.2. Específicos	17
1.3. Justificativa da proposta	18
1.4. Organização do trabalho	19
2. APORTE TEÓRICO ADOTADO	21
2.1. Linguística Centrada no Uso (LCU): uma síntese	21
2.2. Semântica(s), sentido(s) e significado(s)	26
2.3. O Léxico: conceitos e reflexões	30
2.4. Neologismos na língua em uso	46
3. A LEXICALIZAÇÃO DISCUTIDA À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL	50
3.1. Sobre o princípio da iconicidade	51
3.2. Lexicalização: o processo de criação lexical	75
3.3. Tipos de Lexicalização	83
3.4. As contribuições da lexicalização para o aparecimento dos neologismos	91
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	104
4.1. Problema e objeto de estudo	104
4.2. Sobre o <i>corpus</i> digital usado na pesquisa	105
4.3. Sobre o método de abordagem e de procedimento	108
4.4. Sobre as amostras selecionadas no <i>corpus</i> digital	109
5. ANÁLISES E RESULTADOS	110
5.1. Amostra 01: piratear	110
5.2. Amostra 02: plugar	112
5.3. Amostra 03: interneteiro	114
5.4. Amostra 04: analfabyte / analfabytes	115
5.5. Amostra 05: mensaleiro / mensaleiros	117
5.6. Amostra 06: orkuteiro / orkuteiros	119
5.7. Amostra 07: internauta / internautas	120
5.8. Amostra 08: curtir	123
5.9. Amostra 09: trouxa/trouxas	125
5.10. Amostra 10: cutucar	128
5.11. Amostra 11: fake / fakes	130
5.12. Amostra 12: mensalão	132
5.13. Amostra 13: cracker	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	142
ANEXOS	151

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da língua/linguagem não é recente. A Linguística, uma ciência surgida por volta do Século XIX, tem exercido papel fundamental nas inúmeras descobertas sobre o fenômeno da linguagem. Diferentes perspectivas e abordagens teóricas surgiram no interior dessa ciência, entre as quais, destacam-se as vertentes formalistas e funcionalistas.

O estudo da língua sob o olhar funcionalista tem evidenciado algumas constatações muito importantes: em primeiro lugar, sabe-se que a língua não tem uma finalidade em si mesma, senão opera como instrumento de interação social. Sua função primordial, portanto, é a comunicação. A competência comunicativa do falante, entendida como o correlato psicológico do indivíduo, revela a habilidade de interação por meio da língua (NEVES, 1997).

Em segundo, outras constatações importantes se seguem: o uso torna-se o centro da investigação. A descrição deste uso deve ser correlacionada ao contexto real de comunicação. A aquisição de uma determinada língua se dá por meio de uma complexa estruturação desta através de *inputs* extensos e estruturados advindos do meio social (contextos naturais / extralinguístico). O contexto tem papel fundamental para os universais linguísticos, que podem ser explicados em função de determinadas restrições (contextuais e biológicas ou psicológicas). Por conseguinte, os universais linguísticos são especificações intrínsecas às finalidades da comunicação, bem como à constituição dos usuários e ao contexto desta língua. No paradigma funcional, a Semântica e Sintaxe são enfocadas sob o olhar da Pragmática (DIK, 1978, *Apud* NEVES, 1997, p. 46-47; *Apud* CASTILHO, 2012, p. 21).

E em terceiro lugar, constata-se também que a linguagem não pode ser um fenômeno isolado, autônomo, mas que serve para uma variedade de propósitos, sendo, por essa razão, motivada. A língua e, conseqüentemente, sua gramática, não pode, por isso mesmo, ser explicada ou descrita como um sistema autônomo, descontextualizado ou não relacionado aos fatores externos. As estruturas e a gramática não terão finalidade em si mesmas, visto que são meios para um determinado fim, ou seja, a comunicação. As pressões de uso apresentam forte influência sobre a língua (NEVES, 2014; 2013).

Por essa razão, a comunicação está sujeita às possíveis limitações impostas pela capacidade criativa dos falantes, no processo de aquisição e processamento do conhecimento; por isso as pressões do uso determinam a estrutura da língua (TAVARES, 2013). A investigação da língua deve levar em consideração o fato linguístico, o falante e também o

ouvinte, tendo em vista as necessidades da comunicação (BERLINK; AUGUSTO; SCHER, 2012, p. 221-222).

A partir disso, entende-se que outras constatações da Linguística dos séculos XIX e XX têm contribuído para a ampliação do conhecimento sobre as línguas do mundo. Sabe-se que toda língua muda através dos tempos (LANGACKER, 1972). Nota-se também que as mudanças que ocorrem no interior de uma língua de modo algum impedem seu funcionamento (LUCCHESI, 2004).

Diante do que foi dito, compreende-se que as línguas mudam, porém, ao mesmo tempo em que se alteram, os indivíduos que as falam continuam a se comunicarem naturalmente e ininterruptamente. Isto significa dizer que os falantes acompanham tal mudança. Uma das consequências da mudança pode ser o enriquecimento de seu léxico e, conseqüentemente, do próprio multissistema (língua). Destarte, os falantes se adaptam às mais variadas situações comunicativas, fazendo uso, muitas vezes, de elementos linguísticos antigos em contextos novos ou empregando termos ou expressões com sentidos diferentes daqueles que foram memorizados. Estes elementos lexicais novos, nesta dissertação, serão aceitos como neologismos (MARTELOTTA, 2011; CARVALHO, 2009).

Notou-se, por meio da reflexão sobre a língua fundamentada na Linguística Funcional, que uma dessas mudanças ocorre devido ao processo de criação de itens lexicais: a lexicalização. Processo este por meio do qual a língua cria novos elementos lexicais a partir de palavras que já existem na língua, de elementos de outras línguas que entraram no uso (estrangereísmos) ou palavras de outros idiomas que foram incorporadas ao léxico (empréstimos linguísticos) (CASTILHO, 2003a, 2003b; MARTELOTTA, 2011).

Esta dissertação relata a investigação desse processo lexical, discutindo a acomodação de certos neologismos na língua em uso por brasileiros, apontando como isso aconteceu e suas respectivas razões, partindo de ocorrências em um *corpus* predefinido. E se desenvolveu sob a orientação do Professor Dr. Denilson Pereira de Matos, líder do *Grupo de Pesquisa: Teorias Linguísticas de Base* (TLB)¹, registrado no CNPq. Este grupo está vinculado à área 1 - *Linha de Pesquisa 1 - Diversidade e Mudança Linguística*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da UFPB.

¹ Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB). Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1401444172048026>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

1.1. Hipóteses de Trabalho

Acredita-se que o processo de lexicalização, assim como a gramaticalização, contribui diretamente para a ampliação do léxico da língua por meio da criação de novos itens lexicais. Há bem pouco tempo descobriu-se a relevância do estudo da lexicalização. Por esta razão, o enfoque da investigação sobre o processo de lexicalização poderá promover algumas descobertas.

Ciente da importância da lexicalização para a atualização do léxico, nesta dissertação, defende-se a **hipótese (1)** de que na língua em uso, revelada no *corpus* digital adotado ou em qualquer outro modo de registro de fala/língua, a mudança linguística se faz por meio desse processo de criação lexical.

A língua registrada no *corpus* digital (*Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro*) apresenta as mesmas características da língua usada em qualquer meio social. Como se confirmará mais adiante, o *corpus* contém cerca de um bilhão de palavras do português brasileiro que estão inseridas em discursos, falas e textos extraídos de variados contextos de uso.

Sabe-se também que a lexicalização se faz a partir dos elementos que já existem no próprio sistema, que podem ter vindo de outros idiomas e que foram incorporados à língua ou que entraram no uso recentemente, mesmo ainda apresentando as características morfológicas ou fonéticas do idioma de origem.

Outra **hipótese (2)** postulada diz respeito ao neologismo como unidade formada ou criada na própria língua ou adaptada de outra língua. Esta noção elementar reforça a tese de que, na língua portuguesa, ocorre absorção de outros idiomas e cultura de outras nações. Acredita-se que uma palavra pode conter traços culturais da língua de origem.

O neologismo seria então uma unidade criada ou formada a partir de uma relação motivada e icônica. Nesta **hipótese (3)**, o conceito de *Iconicidade Verbal* formulado e discutido por Simões (2009) e Simões e Aragão (2009) é revisitado e direcionado ao estudo do neologismo. A *iconicidade* entendida, basicamente, como potencialidade sígnica de gerar imagem mental que represente o conteúdo pensado/atualizado em um ato comunicativo. Para a fundamentação desta premissa, buscou-se o apoio nas noções de *iconicidade* apontadas por Martelotta e Areas (2003), Furtado da Cunha (2013), Neves (1997; 2013), Wilson e Martelotta (2013), Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003), Dubois e Votre (2012), Simões

(2009) e Diessel (2008). Dos três *subprincípios* da *iconicidade*, elegeu-se o *subprincípio da quantidade* como critério elementar para as análises. Defende-se, então, que o neologismo é motivado por uma lacuna no multissistema de uma língua; que as lacunas do multissistema da língua motivam a criação desses neologismos, isto é, a falta de uma forma que supra uma necessidade expressional/representativa deflagra a criação de um novo item. À medida que a frequência de uso da unidade nova se intensifica, mais esse neologismo se ajusta ao léxico do multissistema ou, em outros casos, acaba sendo descartado ou trocado por outra unidade lexical.

Defende-se, assim, que uma investigação centrada no uso, tomando como base o aporte teórico da Linguística Funcional, poderá esclarecer como os neologismos se ajustam ao léxico. Importa estudar a relação que há entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que estas são empregadas.

1.2. Objetivos

1.2.1. Geral

Investigar o processo de lexicalização, sob a matriz da Linguística Centrada no Uso, para descrever a frequência de atualização de 13 itens lexicais, analisados a partir de contextos reais de uso.

1.2.2. Específicos

- I) Reunir os conceitos atuais sobre léxico, neologismo e lexicalização;
- II) Exibir um número limitado de amostras do *corpus* eleito, as quais exemplifiquem a lexicalização;
- III) Mostrar como a formação de neologismos altera o multissistema (língua).

1.3. Justificativa da proposta

A ideia para esta dissertação advém de uma reflexão calcada nas palavras de Martelotta (2011) que, em sua obra *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*, esclarece que muito já foi discutido sobre o fenômeno da gramaticalização, mas o mesmo não poderia ser dito quanto ao fenômeno da lexicalização.

Em verificação no banco de dados de dissertações e teses do PROLING/UFPB foram encontrados apenas quatro registros de trabalhos que envolvem o estudo do léxico: uma em 2014, uma em 2013, uma em 2011 e uma em 2009². A maioria dos trabalhos discute inúmeros fenômenos da língua, tais como palatalização, transitividade, e temas como: processamento linguístico, texto, gramática, discurso, gêneros textuais, ensino de língua materna ou estrangeira entre muitos outros temas.

As poucas pesquisas sobre léxico desenvolvidas nesse programa envolveram abordagens formais da língua, enquanto que esta dissertação teve como vertente linguística uma abordagem funcional. De fato, foi um estudo diferente dos que foram feitos até então.

Outros programas da área de Linguística, Linguagem e Letras, diferentemente, têm desenvolvido pesquisas sobre o tema, sob a perspectiva funcional³. As dissertações e teses do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) são modelos a serem seguidos.

Espera-se que através desta dissertação seja possível subsidiar a compreensão das marcas do uso presentes na escrita, evidenciando que a lexicalização favorece o surgimento dos neologismos, contribuindo diretamente para a ampliação e enriquecimento do sistema.

² Ver http://sistemas.ufpb.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=en_US&id=1901#. Acesso em: 15 nov. 2014.

³ Foram detectados poucos trabalhos sobre o léxico tanto na UFRN quanto na UFPE (10 trabalhos). Sobre a UFRN, ver <http://www.cchla.ufrn.br/ppgell/>. E sobre a UFPE, ver <http://www.pgletras.com.br/teses-e-dissertacoes.htm> ou <http://letrasdigitaisufpe.blogspot.com.br/#uds-search-results>. Acesso em: 17 nov. 2014.

1.4. Organização do trabalho

Esta dissertação apresenta a seguinte organização: além desse primeiro capítulo introdutório em que são apresentados os pressupostos basilares adotados, as hipóteses de trabalho, os objetivos e a justificativa da proposta de estudo, há outras quatro partes.

O segundo capítulo apresenta duas sínteses: (i) um resumo da base que constitui a Linguística Centrada no Uso (LCU), a partir das leituras de: Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003), Martelotta (2011), Martelotta e Areas, 2003, Cezario e Furtado da Cunha (2013) e Oliveira e Rosário (2015) e (ii) uma revisão da literatura sobre a(s) semântica(s), na qual são observados principalmente os objetos empíricos e categorias analíticas. Entre os principais autores consultados estão: Castilho (2014), Cançado (2012), Ilari e Geraldi (2011) e Ilari (2001; 2002).

Pretende-se, a partir de um conjunto de definições sobre o léxico da língua portuguesa, discutir a sua composição (ou constituição), bem como a relação entre este e a sociedade que a emprega, além da relação que há entre esse léxico, língua e cultura, com base, especialmente, nos autores: Contiero e Ferraz (2014), Correia e Almeida (2012), Carvalho (2009a), Biderman (1978; 1981), Pontes-Ribeiro (2007) e Castilho (2003a; 2003b), entre outros.

Em um segundo momento, por meio da exposição dos conceitos sobre neologismo extraídos de Cunha (2011), Correia e Almeida (2012), Mendes e Seabra (2006) e Ferraz (2006; 2007), busca-se debater sobre algumas unidades lexicais do Português, tendo em vista como estes elementos entraram no uso e como isso se processa.

No terceiro capítulo são apresentadas algumas das definições do princípio da *iconicidade*, ressaltando o *subprincípio da quantidade*, que foi adotado como referência para as análises. O capítulo contém uma exposição das classificações de neologismos existentes na língua baseados em Carvalho (2006) e Ximenes (2012).

Após as noções sobre a lexicalização, fundamentadas na literatura atual de base funcionalista conforme postulações de Castilho (2003a; 2003b), Fortunato (2008) e Martelotta (2011), são apresentados os principais tipos de lexicalização de acordo com Correia e Almeida (2012), Gonçalves (2011) e Ferrari Neto (2011).

Em seguida, são discutidas as contribuições da lexicalização para o surgimento de neologismos na língua, mostrando como isso de fato afeta/atualiza o multissistema e sua

consequente mudança. Retoma-se então o debate sobre a relação entre léxico e sociedade e léxico e cultura.

O quarto capítulo traz os procedimentos metodológicos adotados. Inicia-se com os questionamentos que motivaram a pesquisa realizada, bem como a definição do objeto estudado; depois é feito um detalhamento do *corpus* digital, conhecido por *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro*; em seguida, são apontados os métodos de abordagem e o de procedimento da pesquisa e, por último, são apresentadas as amostras investigadas.

O quinto capítulo é dedicado às análises das amostras selecionadas. As amostras são discutidas em 13 seções específicas. Focaliza-se, então, a composição estrutural dessas unidades linguísticas com base no *subprincípio da quantidade*, aliada à categorização do tipo de neologismo conforme aponta Ximenes (2012). Finaliza-se esta dissertação com o apontamento das principais descobertas encontradas através da pesquisa.

2. APORTE TEÓRICO ADOTADO

O presente capítulo se divide em quatro partes: a primeira é dedicada a um resumo dos pressupostos teóricos da Linguística Centrada no Uso (LCU) e a segunda parte traz uma síntese da(s) semântica(s), suas tipologias e seus respectivos objetos empíricos e categorias analíticas, visando, assim, fundamentar os conceitos-chave investigados nesta dissertação.

Na terceira parte, encontram-se algumas definições para o termo *léxico*, que vão desde as acepções contidas em dicionários até as conceituações feitas por estudiosos sobre o assunto. É discutida a composição (constituição) do léxico, assim como a relação entre língua, cultura e sociedade. Além disso, em uma quarta parte, será definida a concepção adotada do termo *neologismo* a partir da literatura consultada.

2.1. Linguística Centrada no Uso (LCU): uma síntese

Esta seção não tem a pretensão de esgotar a base teórica da Linguística Funcional. Pretende-se fazer uma apresentação sucinta das ideias centrais da vertente adotada. Para início de reflexão, pode-se dizer que:

O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, semântica e pragmática são relacionados e interdependentes (FURTADO DA CUNHA; COSTA, CEZARIO, 2003, p. 29).

A distinção entre as correntes linguísticas descritas pelos autores reforça a tese de que, por mais que essas abordagens apresentem fenômenos, métodos, metodologia, aportes teóricos e objetos teóricos diferentes, o objeto geral de interesse para ambas permanece o mesmo, ou seja, a língua.

Nesta dissertação, adotou-se a expressão Linguística Centrada no Uso (LCU). A definição deste termo é de Martelotta (2011), na obra *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*.

Segundo esse autor:

Tradução do termo *usage-based model* utilizado inicialmente em Langacker (1987) para designar modelos teóricos que privilegiam o uso da língua. Alguns autores têm usado o termo para se referir às análises das línguas que, de um modo geral, refletem uma junção das tradições desenvolvidas pelas pesquisas de representantes da Linguística Funcional, como Talmy Givón, Paul Hopper, Elisabeth Traugott e Joan Bybee, entre outros, com representantes da Linguística Cognitiva, como George Lakoff e Ronald W. Langacker. Alguns autores, como Tomasello (2005) e Martelotta (2008), também utilizam o termo *Linguística Cognitiva-Funcional* para designar essa tendência (MARTELOTTA, 2011, p. 55 [itálico do autor]).

Posta nestes termos, a Linguística Cognitiva-Funcional representa, de certo modo, uma tentativa de conciliação entre os estudos formais e funcionais, como uma espécie de interligação entre as duas correntes do pensamento linguístico. A relação entre a Linguística Centrada no Uso e a Linguística Cognitiva-Funcional é apontada por Furtado da Cunha (2011, p. 29):

O termo *Linguística Cognitivo-Funcional* identifica uma tendência funcional de estudo das línguas, também denominada *Linguística Centrada no Uso (Usage-Based Linguistics)*. Essa abordagem é resultado da união das tradições desenvolvidas pelas pesquisas de representantes da Linguística Funcional, como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elisabeth Traugott, entre outros, e representantes da Linguística Cognitiva, como George Lakoff, Ronald Langacker, Gilles Fauconnier, Adele Goldberg, John Taylor, *inter alia* (TOMASELLO, 1998, 2003).

Apesar da proximidade entre essas duas correntes (a Linguística Cognitiva e a Linguística Funcional), seja no que diz respeito aos pressupostos teórico-metodológicos adotados ou por discutir fenômenos similares, há diferenças no tratamento dos dados, visto discutirem certos fenômenos sob dois olhares distintos.

Vale ressaltar que:

O termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 70, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 23).

Conforme expõem os autores, essa vertente teórica do funcionalismo observa a língua a partir do contexto linguístico e leva em conta o mundo biossocial, inclusive o falante. Por essa razão, “A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu

funcionamento num dado contexto” (DIK, 1978, *Apud* NEVES, 1997, p. 43). Neste sentido, o objeto de estudo da Linguística Centrada no Uso é o *discurso* extraído de situações reais de comunicação. Isto significa dizer que:

Estamos aqui chamando de linguística centrada no uso (TOMASELLO, 2005) um tipo de abordagem que, como o próprio nome sugere, considera haver estreita ligação entre as estruturas das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação (MARTELOTTA, 2011, p. 55-56).

Em analogia a esta perspectiva, Furtado da Cunha e Souza (2007) afirmam que a linguística funcional da costa oeste norte-americana defende “uma investigação baseada no uso, observando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” (p. 17). A tese central desta linha teórica é que a língua é empregada para “satisfazer necessidades comunicativas” (p. 17). Desta maneira, as motivações para as estruturas gramaticais deverão ser procuradas no uso concreto, ou seja, em situações reais de interação verbal, tendo em vista que tais estruturas dependem deste uso. Defende-se, ainda, que “a forma da língua deve refletir, de alguma maneira, a função que exerce” (p. 17).

Tomando como referência a Linguística Centrada no Uso, pode-se dizer que:

As análises linguísticas que seguem essa orientação funcionalista trabalham diretamente sobre o postulado teórico – *a língua é uma estrutura maleável, sujeita às pressões do uso e constituída de um código parcialmente arbitrário*. Isso significa que a gramática é um ‘sistema adaptativo’ (BOLINGER, 1977) e ‘emergente’ (HOPPER, 1987), que se encontra num processo contínuo de variação e mudança para atender a necessidades cognitivas e/ou interacionais de seus usuários [...] (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 17 [itálico no original]).

Daí dizer-se que a gramática de qualquer língua é *dinâmica* ou *maleável* e que se molda conforme as pressões de uso. A gramática se adaptará às pressões tanto internas quanto externas ao próprio sistema. É necessário, portanto, investigar a estrutura gramatical das línguas, a fim de identificar suas motivações.

Em uma investigação desse tipo, busca-se, geralmente, extrair o discurso de um *corpus* ou conjunto de *corpora* que reflita a língua de comunicação efetiva, seja em situações formais seja em situações informais. O importante é que os dados apresentados sejam reais e não fictícios (fruto de cogitações descontextualizadas).

O formalismo compreende a língua como um conjunto de orações que reflete o pensamento; concentra-se na capacidade que os falantes têm de produzir e julgar sentenças; analisa a oração independentemente do contexto comunicativo. E concentra a análise no

próprio sistema, sem levar em conta o contexto nem o falante, ao contrário do que defende o funcionalismo.

O funcionalismo aborda a língua como instrumento de interação social; concentra-se na competência comunicativa dos interlocutores; analisa a cláusula tomando como referência os interlocutores e suas motivações na escolha da estrutura e o contexto comunicacional (FURTADO DA CUNHA, 2013). Para o formalismo, especialmente para o Gerativismo, a sintaxe e a semântica são autônomas em relação à pragmática; para o funcionalismo, é dentro da pragmática que se pode compreender a sintaxe e a semântica (NEVES, 1997, p 46-47).

Isto implica dizer que:

Os dados do funcionalista são buscados *no* discurso; são, portanto, concretos e contextualizados. Permitem a verificação empírica, a contagem de frequências, a visão e o controle de contexto linguístico anterior e posterior, e a correlação com variáveis socioculturais e pragmáticas. Os dados dos gerativos, ao contrário, são idealizados e sem contexto (VOTRE; NARO, 2012, p. 45 [itálico no original]).

A orientação de Votre e Naro, de buscar os dados *no* discurso, motivou esta dissertação a tomar os dados em suas situações reais de uso. Deste modo, as amostras selecionadas são apresentadas igualmente como no contexto em que aparecem, exibindo não apenas a cláusula em que o item lexical aparece, mas todo o contexto (fragmento ou trecho) que o *corpus* oferece para propiciar uma descrição nos moldes funcionalistas.

Esse posicionamento é o que norteia esse estudo e muitos outros desenvolvidos na vertente chamada de *moderada*, posição também adotada pelos pesquisadores do grupo TLB. Uma exposição mais detalhada sobre a LCU é exposta por Furtado da Cunha (2013), Cezario e Furtado da Cunha (2013) e Oliveira e Rosário (2015). Furtado da Cunha (2013, p. 164) advoga que:

Se ainda não há uma teoria gramatical funcionalista completa e unificada, há uma quantidade expressiva de análises funcionalistas, sobretudo do inglês. Alguns linguistas norte-americanos, como Givón, Sandra Thompson e Paul Hopper, sobressaem pelos seus estudos individuais.

No Brasil, muitas são as análises linguísticas fundamentadas na Linguística Funcional, entre as quais se destacam os estudos de: Sebastião Josué Votre, Anthony Naro, Mário Eduardo Martelotta, Eduardo Kenedy Areas, Maria Angélica Furtado da Cunha, Marcos Antonio Costa, Maria Maura Cezario, Victoria Wilson Coelho, Lúcia Maria Alves Ferreira, Sylvie Dubois, Mariângela Rios de Oliveira, Maria Helena de M. Neves, Ataliba Teixeira de

Castilho, Denilson Pereira de Matos, Camilo Rosa Silva, Edson Rosa de Souza, Edair Görski, Maria Alice Tavares, Maria da Conceição de Paiva, Sebastião Carlos L. Gonçalves, Angel Corbera Mori e Erotilde Goreti Pezatti, entre outros.

Há também os grupos constituídos (grupos de estudo e de pesquisa) que merecem destaque: os trabalhos dos pesquisadores do *Projeto Norma Urbana Culta* (NURC), que abarca algumas capitais do Brasil; o *Projeto de Estudo do Uso da Língua* (PEUL), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); *Grupo de Estudos Discurso & Gramática* (D&G), grupo que se encontra sediado em renomadas universidades brasileiras, entre as quais se destacam a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 165). Além destes grupos, há o já destacado *Grupo de pesquisa Teorias Linguística de Base* (TLB), que tem produzido algumas pesquisas importantes.

2.2. Semântica(s), sentido(s) e significado(s)

Em uma análise do léxico, frequentemente, abordam-se questões relativas às palavras que o compõem, bem como os sentidos e significados dessas palavras nos variados contextos de uso. Não se pode, por assim dizer, escapar da dura tarefa de se fazer certas escolhas e, dessa maneira, trazer algumas questões, tais como: de que maneira a semântica aborda os sentidos e significados das palavras? Sentido e significado são termos equivalentes? Existe mais de uma semântica? Havendo mais de uma, qual delas adotar?

Muitos estudiosos discutem as contribuições da semântica para o conhecimento das línguas, com variados enfoques e abordagens (CASTILHO, 2014; CANÇADO, 2012; ILARI; GERALDI, 2011; ANDRADE, 2008; ILARI, 2001; 2002).

Dizer que a “semântica é a ciência que estuda a significação”, nas palavras de Ilari e Geraldi (2011), é apenas uma afirmação genérica. No *Manual de Semântica*, Cançado (2012, 17) afirma: “Semântica é o estudo do significado das línguas”, ou seja, “é o ramo da Linguística voltado para a investigação do significado das sentenças” (p. 18). Essa área focaliza: “o conhecimento semântico que o falante tem de sua língua” (p. 18). Por outro lado, no texto *O que é Semântica?*, Castilho (2014, p. 2) esclarece que a semântica “investiga os sentidos expressos nas línguas naturais, ocupando-se dos processos de sua construção, e dos produtos que daí resultam”.

De um lado, Cançado fala de *significado*, do outro, Castilho fala de *sentido*. Como se explicam os diferentes empregos desses termos? A razão para isso está na maneira como é feita a interpretação do objeto empírico, além do tipo de fenômeno investigado. Do mesmo modo que existe mais de um tipo de *sentido*, também há vários tipos de *significado*. Há, igualmente, mais de uma semântica e cada uma delas toma para si uma definição específica para esses termos. Nem sempre os conceitos serão equivalentes.

Castilho (2014), ao tratar sobre os campos de estudos dessa área da linguística, faz algumas considerações sobre os tipos de semânticas existentes. Eis o excerto:

Para organizar as reflexões sobre a Semântica proporei quatro campos de estudos, mesmo reconhecendo sua difícil delimitação: (i) Semântica léxica, que trata dos sentidos das palavras, (ii) Semântica gramatical, que trata dos significados das construções, (iii) Semântica discursiva ou pragmática, que trata das significações geradas no intervalo que medeia entre os locutores e os signos linguísticos, (iv) Semântica cognitiva, que trata da criação dos sentidos. Acrescento algumas observações ainda muito preliminares sobre a (v) Semântica diacrônica, que trata da mudança dos sentidos (CASTILHO, 2014, p. 5).

Com base nas classificações de Castilho, percebe-se a variabilidade de noções que essa disciplina evoca. Os objetos empíricos e teóricos são distintos. Optou-se pela escolha da *semântica léxica* (ou *semântica lexical*) como referência para a noção de *sentido* adotada nesta dissertação.

A oposição entre *sentido* e *significado* é posto nos seguintes termos: o sentido está para o léxico e o significado para a língua (CASTILHO, 2014). Segundo esclarece o autor, o objeto empírico desta vertente da semântica é o *sentido*. E acrescenta:

A Semântica lexical, em suma, trata dos traços semânticos inerentes / intensionais, que são exemplificados nas diferentes categorias léxicas, tais como verbos, substantivos, adjetivos, advérbios, preposições. Diferentes combinações dos traços inerentes permitem postular as seguintes categorias, que configuram o campo da Semântica lexical: (1) referência e designação, (2) paráfrase e sinonímia, (3) contradição e antonímia, (4) polissemia, (5) hiperonímia e hiponímia, (6) meronímia (CASTILHO, 2014, p. 8).

Diante do que foi dito, adotou-se o objeto empírico *sentido* em detrimento ao *significado*, tendo em vista ser mais relevante para essa dissertação. Das seis categorias (ou *propriedades semânticas*) mencionadas pelo autor, a *sinonímia* (categoria 2) e *polissemia* (categoria 4) demonstram mais produtividade nos dados aqui investigados.

Sobre a categoria 2, em especial sobre a sinonímia, Ilari e Geraldí (2011, p. 91) assim definem: “*Sinonímia*: identidade de sentido que os locutores reconhecem entre duas palavras (e.g., *enxugar* e *secar*) ou entre duas construções (e.g., as orações transitivas na voz ativa e as orações passivas correspondentes)” (itálico no original).

Para Cançado (2012), uma das *propriedades semânticas* mais discutidas é a sinonímia. A autora ressalta que:

A sinonímia lexical ocorre entre pares de palavras e expressões; entretanto, definir exatamente essa relação é uma questão complexa, que vem perseguindo estudiosos da linguagem há séculos. Uma das primeiras definições poderia ser: sinonímia é identidade de significados. Mas afirmar isso não basta, pois é uma afirmação muito ampla e que exige um certo refinamento (p. 47).

É necessário, então, recorrer a outros autores para uma melhor definição dessa categoria. São eles: Castilho (2014), Andrade (2008) e Ilari (2002). Na definição de Castilho (2014, p. 8):

São sinônimas as palavras que parafraseiam outras, dispondo de um sentido aproximadamente idêntico, como ocorre em sair / cair fora / dar no pé / escafeder-se / puxar o carro, etc., ou então em falecer / morrer / bater as botas / ir desta para

melhor / comer grama pela raiz / mudar-se para a chácara dos quietinhos, viver no bairro dos pés juntos, etc. (p. 8).

Ou seja, “Sinônimos são palavras que guardam entre si um significado e/ou uso comum” (ANDRADE, 2008, p.16). O posicionamento de Andrade difere do adotado neste estudo somente no quesito terminológico por ele adotado, isto é, enquanto o autor fala em “significado”, neste estudo, já foi adotado o termo “sentido”. Reescrevendo o dito do autor, diz-se que os sinônimos são vocábulos que guardam sentidos similares. Assim sendo, entende-se que a sinonímia se faz presente nas palavras de mesmo campo semântico que, geralmente, traduzem sentidos similares.

Enfim, vale ressaltar:

Os sinônimos são palavras de sentido próximo, que se prestam, ocasionalmente, para descrever as mesmas coisas e as mesmas situações. Mas é sabido que não existem sinônimos perfeitos: assim, a escolha entre dois sinônimos acaba dependendo de vários fatores a serem explorados (ILARI, 2002, p. 169).

Os fatores mencionados por Ilari são, comumente, os fatores extralinguísticos e principalmente contextuais, ou seja, o emprego da sinonímia depende das *características regionais de fala*, das *diferenças de sentido*, das *diferenças entre os objetos de que se fala*, do *grau de formalismo da fala* e de *certos aspectos de forma ou função* (ILARI, 2002, p. 169). As escolhas lexicais que os falantes fazem são influenciadas pelas situações comunicativas.

Concluída a noção elementar de *sinonímia*. Eis que resta falar da *polissemia*. Castilho discorre sobre a *polissemia* da seguinte forma:

Denomina-se polissemia o fato de uma mesma palavra ter sentidos diferentes, como em cabo, “acidente geográfico”, “extremidade de uma ferramenta”, “prolongamento posterior de certos animais”, “fio metálico para transmissão de energia”, “ponto na hierarquia militar”; manga “fruta”, “parte do vestuário”, “chuva forte”, etc. O contexto vai especificar de que cabo, de que manga se trata.

São diversas as origens das palavras polissêmicas:

- (1) Algumas derivam de uma mesma etimologia [...].
- (2) Outras derivam de mais de uma etimologia, caso em que tais palavras convergiram para uma só forma, por razões fonológicas [...].
- (3) A polissemia pode assentar numa metonímia [...] (2014, p. 9).

Essa propriedade semântica é a responsável pelas inovações neológicas, visto que uma mesma forma ou construção pode comportar mais de um *sentido*. Às palavras polissêmicas originárias de uma ou de diferentes etimologias, somam-se as que advêm de outros sistemas linguísticos, isto é, de outros idiomas.

Ilari (2002) traz a seguinte explicação sobre essa categoria:

Fala-se em “polissemia” a propósito dos diferentes sentidos de uma mesma palavra que são percebidos como extensões de um sentido básico.

Material linguístico

A polissemia se opõe à homonímia: para que haja polissemia, é preciso que haja uma só palavra; para que haja homonímia, é preciso que haja mais de uma palavra. Há continuidade entre os vários sentidos que assume uma palavra ou construção polissêmica entre os sentidos próprios de palavras homônimas, há descontinuidade (p. 151).

Cançado (2012) reforça a definição de Ilari, explicando:

Existe uma diferença entre homonímia e polissemia tradicionalmente assumida pela literatura semântica, mais especificamente pela Lexicologia. Todos os dois fenômenos lidam com os vários sentidos para uma mesma palavra fonológica; entretanto, polissemia ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm relação entre si (p. 71-72).

Diante do que foi dito, notou-se que essas categorias mencionadas seriam relevantes para as discussões e análises dessa dissertação. A partir das leituras feitas, formulou-se o conceito de *função semântica*. A expressão *função semântica* indica um *sentido* que um termo/palavra pode apresentar em dado contexto. Deste modo, os vários sentidos que uma palavra contenha, cada um deles será uma *função semântica*. Acredita-se que a alteração estrutural dos itens, seja pelo acréscimo de sufixo, seja pela adição de prefixo ou quer seja pela inserção de infixo (este último não detectado nos dados), contribui diretamente para a *polissemia* da unidade, além de ser uma das características da *Lexicalização Semântica* conforme postulações de Gonçalves (2011) e Ferrari Neto (2011). Não há dúvidas de que uma forma pode conter mais de uma função, assim sendo, também é de se esperar que uma mesma forma contenha mais de um sentido (ou nos termos propostos, contenha mais de uma função semântica).

A síntese aqui apresentada serve para fundamentar a escolha do tipo de semântica, do tipo de objeto empírico e das categorias adotadas, além de subsidiar o conceito de função semântica. Igualmente como a seção sobre a LCU, essa seção aqui não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas somente apresentar os pressupostos elementares desta disciplina. Logo a seguir, os conceitos-chave (*léxico*, *neologismo* e *lexicalização*) são discutidos à luz do que foi dito até aqui.

2.3. O Léxico: conceitos e reflexões

Neste primeiro momento, a definição de léxico torna-se crucial como ponto de partida para as reflexões que serão feitas sobre a lexicalização. Antes de ser revelado o conceito de léxico adotado nesta dissertação, optou-se inicialmente por apresentar alguns conceitos hoje vigentes. Inicia-se com a apresentação dos conceitos clássicos recolhidos nos seguintes dicionários:

VERBETE: LÉXICO	
<i>Novo Dicionário Eletrônico Aurélio</i> (2010)	Léxico (cs). [Do gr. <i>lexikós, e, ón.</i>] Substantivo masculino. 1. Dicionário de línguas clássicas antigas. 2. Dicionário dos vocábulos us. por um autor ou por uma escola literária; léxicon. 3. Dicionário abreviado. 4. P. ext. Dicionário. 5. E. Ling. O vocabulário de uma língua.
<i>Minidicionário Luft</i> (2000, p. 442)	lé.xi.co [ks] s.m. 1. Vocabulário de uma língua; elenco de palavras. 2. Dicionário. → lexical adj.2g.
<i>Minidicionário da Língua Portuguesa</i> (2009, p. 555)	léxico (lé.xi.co) [cs] adj. Ling. 1 Relativo às palavras; lexical. sm. 2 Acervo de palavras de uma língua ou us. por um autor em seus textos; vocabulário. ■ o <i>léxico</i> de Guimarães Rosa. Ⓞ [Do gr. <i>leksikós, é, ón.</i>]
<i>Dicionário etimológico da Língua portuguesa</i> (2007, p. 472)	léxico sm. ‘dicionário’ <i>lexicon</i> XVI Do gr. tardio <i>lexicón</i> (<i>bíblion</i>), de <i>lexikós</i> , adj. de <i>léxis</i> ‘palavra’ aléctico adj. ‘relativo à alexia’ 1899. Do gr. <i>álektos</i> ‘inefável’, por via erudita Alexia 1871 lexico GRAF·IA - <i>graphia</i> 1858 Do fr. <i>lexicographie</i> lexico GRÁF·ICO - <i>graphico</i> 1873 Do fr. <i>lexicographique</i> lexicó GRAFO - <i>grapho</i> 1773 Do fr. <i>lexicographe</i> , deriv. do gr. <i>lexikográphos</i> lexico LOG·IA 1858. Do fr. <i>lexicologie</i> .
<i>Michaelis: dicionário prático da língua portuguesa</i> (2001, p. 529)	léxico (cs) (gr. <i>lexikón</i>) sm 1 Conjunto das palavras de que dispõe um idioma. 2 Dicionário, de formas raras e difíceis, peculiares a certos autores; glossário. 3 Dicionário de línguas clássicas antigas. 4 V dicionário e vocabulário.

Tabela 01 — definições para o verbete *léxico*

Diante do que se vê no verbete constante no *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (2010) (doravante *Aurélio, s.u.*), acredita-se que apenas o sentido (5) interessa à pesquisa; os sentidos (1 - 4) seriam então descartados, porquanto não se pretende abordar questões que envolvam línguas clássicas (seja a grega ou a latina), mas somente aquilo que se refira à língua portuguesa; também não interessa a acepção de léxico enquanto *dicionário* de vocábulos estilísticos. Nota-se que as acepções apresentadas nesse dicionário se assemelham as contidas no *Michaelis: dicionário prático da língua portuguesa* (2001, p. 529) (doravante

Michaelis, 2001). Das quatro definições do *Michaelis*, somente a (1) traduz melhor o sentido de léxico adotado nessa dissertação: “Conjunto das palavras de que dispõe um idioma”.

Os sentidos apresentados no *Aurélio, s.u.*, e *Michaelis* são mais abrangentes do que a acepção oferecida no *Minidicionário Luft* (2000, p. 442), cujo sentido é apenas: “Vocabulário de uma língua; elenco de palavras”.

O *Minidicionário da Língua Portuguesa* (Doravante *MLP*, 2009) — cujos verbetes usados na análise do *corpus* desta dissertação vêm assinados por Evanildo Bechara — traz outras acepções para o termo. Segundo o *MLP*, consta no verbete em destaque, o que mais importa, evidentemente, é a definição de léxico como acervo de palavras de uma dada língua. Esta acepção reforça a anterior, visto que este acervo também é o conjunto virtual de unidades léxicas de qualquer língua.

Há ainda a definição etimológica do termo, dada por Cunha no *Dicionário etimológico da Língua portuguesa* (2007, p. 472). Como se pode notar, o conceito é vasto e retoma o sentido tanto da língua grega, como da sua evolução à neolatina, isto é, a passagem da palavra do grego ao francês. Assim como se procedeu com as noções do dicionário anterior, acredita-se que o sentido de *léxico* como sinônimo de *palavra* é o que mais interessa na definição anterior. Os demais termos serão igualmente descartados pelo motivo já mencionado.

Ao definirem *léxico*, em contraposição ao que seja um *vocabulário*, Contiero e Ferraz (2014, p. 45) salientam que: “[...] De modo geral, por léxico compreende-se todos os itens lexicais, com suas regras lexicais, que constituem a língua de uma comunidade linguística, mas que não se confunde com o vocabulário, que são duas concepções complementares”. Para os autores, o vocabulário é apenas uma parte do léxico, cuja característica principal seria o de conter alguns dos elementos que o formam.

Da mesma maneira que Contiero e Ferraz, as autoras Correia e Almeida (2012, p. 15) também fazem uma distinção entre léxico e vocabulário. E nesta diferenciação, encontra-se um conceito relevante sobre o primeiro termo.

Eis a definição nos termos das autoras:

Léxico – conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua (negrito no original).

Como se pode notar, o léxico seria então virtual, ou seja, psíquico. Sendo assim, é possível afirmar que em um determinado dicionário, seja ele qual for, é improvável que o

mesmo contenha todas as palavras de uma dada língua. O dicionário terá, no máximo, um conjunto limitado de palavras de uma modalidade da língua, representativo da língua padrão (cult), informal ou coloquial e assim por diante. O léxico é ilimitado e não cabe em um dicionário (nem mesmo em vários), pois, segundo as autoras, há no léxico as palavras que são possíveis, geradas pelos inúmeros processos de formação de palavras. Um dicionário registra apenas uma quantidade limitada de palavras. Cumpre acrescentar que a produção de um dicionário não acompanha a velocidade da dinâmica léxica, logo, quando oferecido ao público, o dicionário já está defasado.

Segundo a definição escolhida, entende-se que um conjunto de palavras que hoje estão em uso, evidentemente, pode deixar de ser empregado, dando lugar a outro grupo de palavras ou expressões que surgem para suprir as necessidades comunicativas.

Outro conceito bastante significativo é o que aponta Carvalho (2009a, p. 19):

Léxico (do grego *lexicon*), em sentido lato, é sinônimo de vocabulário. É o inventário completo dos vocabulários que constam sempre em dicionários de uma língua. Sendo a menos sistemática das estruturas linguísticas, o léxico depende, em grande parte, da realidade exterior, não linguística. É ainda um conjunto virtual, onde se pode identificar como unidade básica o morfema, ou unidade significativa mínima (itálico no original).

Carvalho (2009a) afirma ser o léxico a estrutura linguística “menos sistemática”, o que, evidentemente, pode ser contestado diante do fato de haver uma reestruturação dos elementos da língua de modo constante e progressivo. Isto, portanto, representa uma sistematicidade plástica e não pontual ou reduzida. Em outras palavras, o léxico tem a propriedade de ser acumulativo, podendo se expandir perpetuamente. Nesta dissertação, esta e outras questões serão verificadas. Assim sendo, o conceito apresentado por Carvalho ainda não é o que se procura, apesar de esclarecer alguns pontos sobre o tema.

O posicionamento de Biderman (1981) é distinto das outras acepções apresentadas, visto que a autora considera o léxico um misto que oscila entre o linguístico e o extralinguístico. Pois:

O léxico pode ser considerado como tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico (M 1) e do mundo cultural (M 3), criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico, é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extra-linguístico (BIDERMAN, 1981, p. 138).

A autora ressalta, deste modo, que tudo o que existe pode ser expresso por palavras. Entende-se, assim, que o léxico comporta todas as palavras de uma língua. Portanto, existe um conjunto de palavras que servem para indicar além do mundo material, o mundo cultural, ou seja, de conceitos espirituais, de educação, de culturas e tradições, de religião e experiências compartilhadas entre os indivíduos.

No *Dicionário de linguística e gramática*, Câmara Jr. (2011, p. 194) apresenta o seguinte verbete:

LÉXICO — Como sinônimo de vocabulário, o conjunto de vocábulos (v.), o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada. Em sentido especializado, a parte do vocabulário correspondente às palavras (v.), ou vocábulos providos de semantema (v.), ou vocábulo que é lexema (v.). Neste segundo sentido, o léxico se opõe à gramática (v.), porque é a série dos semantemas da língua, vistos através de sua integração em palavras.

Figura 01 — Verbo: léxico (Dicionário de linguística e gramática)

Neste fragmento já se pode vislumbrar algo de novo, pois não apenas se tem um sentido de léxico que se refere ao “conjunto de vocábulos” de uma dada língua, tem-se também uma noção da composição deste em semantemas. É no semantema que se aloja a significação dos lexemas/gramemas (vocábulos). Apesar de esclarecedora, a definição de Câmara Jr. ainda não preenche a lacuna desta pesquisa. Almeja-se um sentido mais completo.

Por outro lado, há em Pontes-Ribeiro (2007, p. 141) algumas considerações que merecem atenção:

Ao conjunto de palavras de uma língua, de um indivíduo ou de grupo, denomina-se léxico. De origem grega (*lexicon*), o léxico, em sentido lato, significa vocabulário. Quando se fala *o léxico de uma língua*, quer-se dizer todo o vocabulário de que ela se compõe, um conjunto virtual que, para ser posto em uso, depende de uma realidade exterior, não-lingüística (itálico no original).

A realidade exterior mencionada por Pontes-Ribeiro é a realidade do falante que usa a língua. Constata-se aqui que há uma dependência/correlação entre o uso do falante e o uso de um determinado grupo ou comunidade linguística, passando, assim, a fazer parte do léxico.

É importante esclarecer que: “O acervo lexical de uma língua é constituído, pois, por um conjunto de *lexemas*. É nele que se observam as mudanças na língua, as influências e as modificações. Os morfemas gramaticais são os mais conservadores” (CARVALHO, 2009a, p. 20 [itálico no original]). Este posicionamento demonstra que os lexemas que formam o acervo lexical de uma língua são, evidentemente, sensíveis às alterações feitas na fala dos indivíduos.

Outra questão importante é o fato de que:

Cada léxico do conjunto lexical de uma língua é formado por morfema(s), unidade mínima formadora de significados. Os morfemas podem ser lexicais (lexemas) ou gramaticais (gramemas). Enquanto os últimos formam uma classe fechada, limitada, conservadora, por isso dificilmente passível de transformação, os primeiros (foco deste estudo) estão em constante renovação, na maioria das vezes, fazendo-se valer dos gramemas, mas sempre na língua em uso.

O léxico é um conjunto ilimitado. Nele coexistem palavras de toda ordem: do cotidiano, das modalidades oral e escrita, empréstimos (estrangeirismos), neologismos, arcaísmos, jargões técnicos, vocabulários regionais, sociais, gírias, etc. (PONTES-RIBEIRO, 2007, p. 141).

A partir deste fragmento, tem-se outro ponto não discutido pelos autores antes mencionados, que diz respeito à composição do léxico em morfemas e sua consequente subdivisão em lexemas e gramemas. Interessa esta divisão exatamente pelo fato de dar uma ideia de qual parte dos morfemas é passível de mudança, ou seja, de transformação: os lexemas. São alguns lexemas da língua em uso que se pretende investigar, tendo em vista o processo de ajustamento destes elementos dentro do multissistema, a língua.

Portanto, conclui-se preliminarmente que o léxico seria o conjunto de todas as palavras de uma língua, das quais os falantes fazem uso, podendo combinar um número ilimitado de morfemas e afixos (prefixos, sufixos e infixos), para construir novas palavras, formando novos sentidos.

O léxico é infinito porque nele quase tudo é mutável. As palavras se formam para somar-se ou para dar lugar a outras que antes supriam uma determinada necessidade, mas que já não o fazem mais. A capacidade criativa do falante entra em jogo quando ele percebe que pode fazer uso de suas habilidades linguísticas para se comunicar e, com isso, modificar os elementos que compõem esse léxico.

Para Biderman (1981), os indivíduos gastam muito tempo para absorver o léxico de um idioma, bem diferente do que fazem em relação aos domínios da língua, o fonológico e o morfológico, os quais aprendem com mais rapidez. A autora salienta que o acervo lexical entre os indivíduos das comunidades linguísticas deve ser o mesmo, pois só assim a comunicação se faz com equilíbrio. Através da interação social, os falantes se expressam fazendo uso, normalmente, de palavras que todos reconhecem. A autora acrescenta que:

[...] Essa semelhança é garantida pelo fato de a criança, o adolescente e o indivíduo adulto aprenderem novas palavras e novas denotações e conotações de uma palavra conhecida, através da interação social com outros indivíduos, ou com o produto de outras mentes, representantes da mesma comunidade linguística. Ora, é imprescindível que essas novas incorporações se façam de maneira organizada e não

sejam uma mera estocagem de engramas que se vão empilhando nos neurônios do cérebro (BIDERMAN, 1981, p. 138).

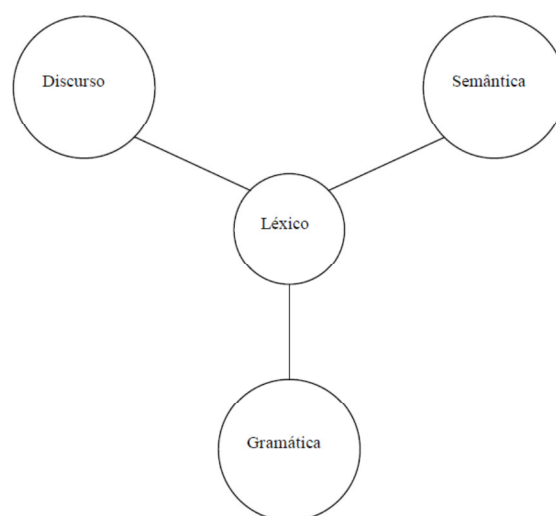
Biderman deixa claro que as incorporações em uma dada língua não ocorrem de modo caótico, pelo contrário, com base no que foi dito, defende-se que há uma sistematização que regula estas inclusões. A capacidade criativa do falante o permite fazer uso do material linguístico de que dispõe a língua. Deste modo, à medida que conhece novas palavras da língua, ele amplia cada vez mais seus recursos.

“Ora, todo esse tesouro léxico foi arquivado na memória léxica desse indivíduo, para ser utilizado quando ele tiver necessidade de usar a língua tanto na codificação, como na decodificação de uma mensagem” (BIDERMAN, 1981, p. 139), por isso, o surgimento de neologismo na língua se torna o meio para a renovação da língua.

Para Contiero e Ferraz (2014), a competência lexical do falante reside na capacidade que este tem de entender as palavras de uma língua, em sua estrutura morfossintática, bem como na relação destes elementos lexicais com os demais existentes na língua. Em outras palavras, a competência lexical pode ser entendida como o “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação” (BASÍLIO, 1987, p. 46; FERRAZ, 2006; 2007). Assim entendida, pode-se dizer que um falante pode, ao mesmo tempo, compreender um sentido de um item lexical e compará-lo com outro, escolhendo aquele que melhor se adequa à situação comunicativa (SANTOS, 2013).

Dito isto, pretende-se ir para outro nível de discussão: a importância do léxico no multissistema. Sobre isso, importa compreender as palavras de Castilho (2003a; 2003b, p. 3-4):

Para começo de conversa, poderíamos assumir que a língua é um multissistema dinâmico, que pode ser graficamente representado numa forma radial, tendo ao centro o Léxico e à volta a Semântica, o Discurso e a Gramática. O seguinte esquema representa o multissistema linguístico:



Por postulação teórica, esses sistemas são independentes uns de outros, dispondo cada um de categorias próprias. Admitiremos também que nossa mente opera simultaneamente sobre o conjunto das categorias recolhidas nesses sistemas – as categorias lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais. Quero com isto dizer que qualquer expressão linguística exhibe simultaneamente propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais.

Figura 02 — Esquema do multissistema (CASTILHO, 2003b, p. 4)

Visto deste modo, percebe-se que a centralidade reside no léxico. Assim sendo, a importância da relação sistema/léxico, nas palavras de Castilho, torna-se vital para a relação multissistema/língua. Isto interessa à pesquisa, pois se almeja discutir sobre como o léxico se estrutura e se reestrutura, atualizando a língua a partir da formação dos neologismos.

Mais adiante, o mesmo autor traz uma distinta conceituação de léxico, de modo muito mais elaborado do que se viu até então:

O Léxico será definido como um conjunto de categorias cognitivas prévias à enunciação, com base nas quais construímos os traços semânticos inerentes. Entendo por categorias cognitivas VISÃO, OBJETO, ESPAÇO, TEMPO, MOVIMENTO, EVENTO, etc., e por subcategorias, digamos, de VISÃO, (i) FUNDO / FIGURA, (ii) PERSPECTIVA, etc.; de ESPAÇO, (i) VERTICALIDADE / HORIZONTALIDADE / TRANSVERSALIDADE, (ii) DISTÂNCIA / PROXIMIDADE, (iii) CONTINENTE / CONTEÚDO, etc. Os traços semânticos são constituídos a partir dessas categorias, tais como /contável ~ não-contável/, etc., a partir de OBJETO, /téllico ~ atéllico/ a partir de EVENTO, e assim por diante.

Combinando categorias e traços de diferentes modos, obtemos os itens lexicais prototípicos, que serão realizados no dicionário da língua seja como um Nome, um Verbo, um Adjetivo, um Artigo, um Advérbio, uma Conjunção ou uma Preposição. Quer isto dizer que a cada um desses itens corresponde determinado arranjo de traços, não sendo necessário afirmar que um Nome gera um Advérbio, e este uma Preposição, por exemplo. A lexicalização será, assim, o processo de criação de itens, dispostos com maior ou menor clareza nas classes de palavra ou categorias lexicais (CASTILHO, 2003a, p. 17; 2003b, p. 5).

A proposta de Castilho reforça a ideia de que o léxico, longe de ser meramente mais um sistema dentro da língua, mostra-se muito mais importante do que os demais, visto sua possibilidade de renovação, alterando os demais sistemas. Isto fica claro logo no início do fragmento. Portanto, é esse “conjunto de categorias cognitivas prévias”, que vem antes da enunciação e que possibilita a construção dos sentidos intrínsecos à estrutura da língua.

Castilho admite que a combinação entre as categorias e os traços propicia o surgimento dos itens lexicais mais comuns e são estes que, normalmente, são dicionarizados e que representam as mais variadas categorias gramaticais. Em síntese: “O Léxico é entendido como o conjunto de palavras de uma língua, dispostas em categorias tais como o Substantivo, o Pronome, o Verbo, o Adjetivo, o Advérbio, o Artigo, a Conjunção e a Preposição, numa língua como o PB” (CASTILHO, 2014, p. 91).

No mesmo fragmento de Castilho (2014) citado anteriormente, encontra-se o conceito de lexicalização, tema central desta dissertação. Mais adiante, mais precisamente no capítulo 3, pretende-se desenvolver isto de modo aprofundado. Por ora, opta-se por focar no conceito de léxico.

Em uma releitura da obra *Syntax* (2001) do linguista funcionalista Talmy Givón, Macedo (2008) discute a relação icônica (motivada) que existe entre forma/função e abre uma discussão sobre os efeitos das experiências vivências pelos falantes sobre o léxico. Nas palavras de Macedo (2008, p. 19):

Segundo Givón, o léxico consiste numa espécie de mapa cognitivo de nosso universo de experiências, as quais envolvem as físicas/externas, as sócio-culturais e as mentais/internas. Tais experiências são, quanto ao tempo, estáveis, partilhadas socialmente e bem-codificadas (o que significa dizer que há uma correlação, apesar de gradual, mais ou menos estável entre forma e significado). Tem-se daí os conceitos lexicais revelando-se como rede de nós interconectados e representados tipicamente por: nomes (entidade relativamente estável no tempo – objeto físico, planta, pessoa, instituição, ou conceitos abstratos); verbos (ação, evento, processo ou relação mais temporária); e adjetivos (qualidade estável ou estado temporário) – memória semântica permanente.

Por esta razão, o léxico acaba sendo o sistema que mais revela as relações interpessoais. Os interlocutores partilham, normalmente, de experiências semelhantes, assim palavras ou expressões novas, como os neologismos, tornam-se facilmente compreensíveis.

A capacidade de reconhecer a estrutura da língua permite que os falantes façam uso de formas, combinando-as de diferentes maneiras. Acredita-se, contudo, que os falantes acessam estas palavras na mente, de modo completo e não em partes, isto é, não acessam morfemas separados. Deste modo, quando pensam no plural de uma palavra tal como casas não pensam

em: casa (morfema A) + s (sufixo/morfema B), ou quando querem o sinônimo para essa mesma palavra, no plural, não pensam em residência (morfema A) + s (sufixo/morfema B), extraem-na da mente apenas as palavras completas: casas, residências, moradias, habitações, lares, moradas e assim por diante.

A discussão que Macedo (2008) trouxe em seu comentário diz muito, pois nela também nota-se o posicionamento mais recente e moderado de Talmy Givón, o que é semelhante ao ponto de vista que é adotado nesta dissertação sobre a língua em uso: admite-se aqui uma correlação entre forma/função. Este posicionamento moderado se seguirá por todo o estudo apresentado.

Sabe-se que qualquer falante é capaz de reconhecer quando uma palavra lhe é estranha ou incomum, mas dependendo da sua composição, ele imediatamente faz associações, analogias ou identifica suas partes sem precisar verificar os morfemas um a um. Em uma palavra como *blogueiro*, percebe-se nitidamente o morfema *blog/blogue* (palavra inglesa que foi aportuguesada: diário de rede ou pequeno site com notícias diárias) e o sufixo *-eiro*, empregado em substantivos para indicação de profissão, tais como: *pedreiro*, *sapateiro*, *padeiro*, *goleiro*, *cozinheiro*, *açougueiro*, *ferreiro*, *carpinteiro* etc. Estas associações ocorrem naturalmente, de modo automático.

Esta reflexão pode ser reforçada nas palavras de Castilho (2003a, p. 17):

É bem visível que estou seguindo os autores que entendem o Léxico como um conjunto de traços semânticos, não como um conjunto de palavras, situando-o ademais no centro do sistema linguístico. Quando adquirimos o Léxico, provavelmente adquirimos em primeiro lugar esses traços e a habilidade de combiná-los em diferentes padrões, e em segundo lugar as palavras em que por convenção social esses padrões se abrigam. Estou, portanto, propondo que o Léxico seja entendido nos quadros de uma hierarquia que vai da cognição pré-verbal para a expressão verbal.

Castilho expõe seu posicionamento sobre o conceito de léxico que adota e igualmente se fará neste momento. Diante do que se viu, pode-se reformular o conceito inicial, ampliando-o: o léxico, dada a sua relevância e centralidade dentro da língua, é muito mais do que um conjunto de palavras ou vocabulários, é antes de qualquer coisa, um conjunto constituído de unidades significativas (morfemas) de uma dada língua, do qual os falantes fazem uso, de modo a criar novos elementos dentro do multissistema (língua).

Esta criação depende diretamente das experiências cognitivas, sociais, culturais, ideológicas, políticas e históricas que o falante teve e tem todos os dias. O léxico é um sistema psíquico, virtual e flexível que se atualiza constantemente. Os elementos linguísticos que o

compõem dependem diretamente dos interlocutores, visto que por meio da competência linguística que possuem, são capazes de modificá-los conforme as necessidades comunicativas.

Villalva e Silvestre (2014) definem léxico como um “repositório das unidades lexicais de uma língua”, porém ressaltando que esta definição é passível de ajustamentos e revisões devido à complexidade que este termo evoca. Por isso mesmo, redefinem:

O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes, ressurgem; aos dados da escrita, unem-se os da oralidade, quando é possível apreendê-la, dada a muita fluidez da oralidade face à escrita (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 23).

No léxico, encontram-se palavras de variadas sincronias que coexistem livremente. Nenhum falante, por mais que tente, poderia identificar durante uma situação de interação verbal a qual exata sincronia uma palavra x ou y pertence, uma vez que isso não é necessário para a efetivação da comunicação.

É preciso discutir a partir de agora outra questão muito pertinente ao tema: a composição do léxico da língua portuguesa. Sobre esta questão, vale ressaltar o pensamento de Ilari (2002, p. 76):

O léxico da língua portuguesa falada no Brasil compreende palavras de várias origens, incorporadas em épocas diferentes. A parte mais ‘antiga’ é formada de palavras de origem:

Latina, como *casa, dono, Cláudio, Priscila*;

Grega, como *palavra, meteorologia, Alexandre, Felipe*;

Germânica, como *guarda, sabão, Rodrigo, Bernardo*;

Árabe, como *álgebra, alfinete, algodão, Jamil*;

Indígena, como *minhoca, beiju, Ubirajara, Jurandir*;

Africana, como *mandinga, acarajé, Janaína, ganzá* (itálico no original).

Estes casos apresentados pelo linguista Ilari apontam para a influência de outros idiomas na formação do léxico da língua portuguesa. A maior parte destas palavras foi absorvida pelo idioma do Brasil, de tal modo, que sua origem é desconhecida pela maioria dos brasileiros. Estes são exemplos clássicos de empréstimos linguísticos.

Além dessas origens ‘mais antigas’, o português recebeu palavras das inúmeras línguas com as quais os portugueses entraram em contato, durante as grandes navegações, bem como das línguas européias e asiáticas dos imigrantes que vieram

ao Brasil a partir das últimas décadas do século XIX. Em todos os tempos, inúmeros ‘empréstimos’ passaram ao português, com inovações técnicas, científicas ou dos costumes [...].

Quando se fala da origem das palavras do português, sempre é bom lembrar também que as palavras previamente existentes na língua são o material mais importante e mais usado para criações de novas formas (ILARI, 2002, p. 76).

O que Ilari afirma é que, independentemente da origem (ou origens) do português, o material que serve para renovação do léxico está na própria língua. Dito de outra maneira, a maior parte dos morfemas que compõem as palavras do português já existe. Ocorre, muitas vezes, que o falante incorpora uma nova palavra ao léxico, para fazer isso, serve-se dos elementos que ele já conhece ou que facilmente reconhece. É o caso de expressões do tipo: estar plugado (significando também: estar conectado ou estar ligado). Reconhece-se o que significa *plugue* (encaixe de tomada) e ao se usar o sufixo - *ado*, o falante compreende, seja conscientemente ou não, que tem diante de si um particípio (forma adjetival), tal como: *ralado, quebrado, rachado, travado, comprado, acabado, finalizado, retirado* etc.

Este mesmo pensamento é partilhado por Contiero e Ferraz (2014, p. 46), visto que:

[...] Essa renovação no código de comunicação de uma determinada comunidade linguística está alicerçada no pressuposto de que as línguas se renovam permanentemente, se inovando com a inclusão de novas palavras que surgem na língua em virtude de uma necessidade específica de nomeação, ou ainda, introduzindo uma nova maneira mais expressiva de exprimir uma ideia já existente, certa visão de mundo diante da obsolescência de outras palavras que caem em desuso, quando a realidade que nomeavam foi alterada, substituída ou talvez já não exista mais.

A competência lexical do falante, neste sentido, permite-lhe formar novas palavras não apenas a partir das que ele já conhece, como também lançar mão de estrangeirismos e empréstimos linguísticos, unindo-os ou alterando-os. Mas para fazer isto, o falante se utiliza de algumas regras de combinação possíveis, tais como: radicais + vogais temáticas + sufixos; radicais + vogais temáticas + desinências; prefixos + radicais + vogais temáticas + sufixos; prefixos + radicais + vogais temáticas + desinências; substantivos + sufixos; prefixos + substantivos; adjetivos + sufixos; prefixos + adjetivos; substantivos + substantivos etc. Portanto, as alterações estruturais (e conseqüentemente semânticas) que os falantes produzem são perfeitamente aplicáveis, ou seja, qualquer mudança na língua só ocorre porque existe tal possibilidade.

Cabe dizer sobre o empréstimo linguístico, que:

Trata-se da adoção por parte dos falantes de uma língua, de termo de outra, por perceberem alguma lacuna ou inadaptação para nomear algo, no acervo lexical da língua que falam. Cada falante tenta reproduzir esses modelos linguísticos importados para superar as novas situações. Nessa tentativa de reprodução de modelos encontrados em outro sistema, nem sempre o falante tem consciência do que está a fazer (CARVALHO, 2009b, p. 75).

Apesar das inúmeras possibilidades de combinação que há na estrutura de uma dada língua, Carvalho destaca que a existência de certas lacunas de signos linguísticos força os falantes a buscarem alternativas para preenchê-las, recorrendo, deste modo, aos empréstimos. Como se pode compreender do que foi dito por Carvalho, diferentemente do estrangeirismo, cuja essência reside nos termos que são sentidos como de outras línguas e culturas, o empréstimo linguístico se instala na língua de modo que os falantes nem sempre se dão conta da origem desse termo. Dito de outro modo:

O empréstimo é um processo de inovação lexical [isto é, é um tipo de neologismo], que pode representar um significado novo, ou simplesmente constituir uma variante lexical, adequada a determinados registros. Os empréstimos lexicais são palavras trazidas para o léxico de uma língua de chegada a partir do léxico de uma língua de partida, tratando-se de um efeito frequente das situações de contato [...] (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 36).

Qualquer falante é capaz de reconhecer uma palavra cuja forma é estranha ou incomum, podendo identificá-la como sendo de sua própria língua ou de outro idioma. Palavras como *lingerie*, *behaviorismo*, *vodka*, *uísque*, *dossiê*, *big-bang*, *best-seller*, entre outras, são estrangeirismos facilmente identificáveis (VILLALVA; SILVESTRE, 2014).

A diferença entre empréstimo e estrangeirismo é atestada por Correia e Almeida (2012, p. 71):

A gramática tradicional portuguesa estabelece uma distinção entre ‘estrangeirismo’ e ‘empréstimo’. De acordo com esta distinção, ‘estrangeirismo’ denota uma unidade importada de outra língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada, ao passo que ‘empréstimo’ denota uma palavra estrangeira que se adaptou ao sistema linguístico de acolhimento, ou seja, no nosso caso, que foi aportuguesada.

Em outras palavras, os estrangeirismos “são também aqueles que tendem a suscitar manifestações de desagrado e repúdio, que geralmente acabam por diluir com a passagem do tempo. Numa apreciação predominantemente sincrônica, o empréstimo é uma palavra que ainda não foi integrada no vocabulário nativo” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014). Por conseguinte, este aparente descontentamento desaparecerá tão logo a nova palavra seja aceita pela comunidade de falantes. Ou seja, a linha que separa o estrangeirismo e o empréstimo é

tênue e pode ser desfeita mediante a incorporação do item à língua. Esclarecida a distinção entre estes conceitos, faz-se necessário compreender a motivação ou razão para o aparecimento dos empréstimos linguísticos na língua:

Os empréstimos resultam, na maioria das vezes, de uma necessidade da língua. Hoje, penetram, sobretudo, por intermédio da mídia. São considerados o produto de um mimetismo que se desenvolve em razão do prestígio exercido por um tipo de sociedade, dominada principalmente pelo poder do dinheiro e pela moda (CARDOSO, 2005, p. 164).

Sendo os empréstimos produtos miméticos, ou seja, elementos formados pela imitação, pode-se entender que isso indica uma motivação icônica⁴, visto que a realidade vivenciada pelos membros da sociedade atua sobre o léxico da língua. Portanto,

O léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas (VILELA, 1994, p. 12-14, *Apud* CARDOSO, 2005, p. 164).

Isto quer dizer que todas essas mudanças de que fala Cardoso podem de alguma maneira interferir ou alterar os sentidos das palavras. Sabe-se que: “[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, acervo esse que é transmitido por essa comunidade de uma geração à geração seguinte” (BIDERMAN, 2001, p. 158).

Ainda sobre o tema tratado por Cardoso, vale ressaltar que:

O léxico de todas as línguas se renova. As novas palavras, os neologismos, podem ser criados com elementos da própria língua, formando derivados e compostos, sobretudo, ou com elementos oriundos de outros idiomas, denominados empréstimos (ALVES; BEZERRA, 2009, p. 7-8).

Estes elementos de que falam Alves e Bezerra são aqueles que já fazem parte da língua. Neste caso, o falante os absorveu e por isso mesmo não se dá conta que tais elementos

⁴ De acordo com Andrade (2008), dois conceitos estão intimamente ligados ao signo linguístico: de um lado a *convencionalidade*, do outro, a *motivação*. O primeiro termo “refere-se à possibilidade de um signo ser convencional ou arbitrário, no sentido de que todos os falantes o aceitam como portador de um dado sentido” (p. 29). Enquanto que o segundo “opõe-se a convencionalidade. Diz-se dos signos que se criam através de um impulso, como a semelhança fonética, como é o caso das onomatopeias” (p. 29). Para esse autor, o *signo* é “aquilo que representa algo, que está no lugar de algo. Pode ser verbal ou não-verbal. O signo verbal representa uma ideia, um conceito, uma ação” (p. 29). Dessa maneira, o signo será *motivado* quando nele se fizerem presentes características que indiquem essa motivação.

pertenciam a outras línguas. Por outro lado, no caso de elementos estrangeiros, o falante, quase sempre, fica receoso de modificá-los ou reutilizá-los, especialmente nos casos em que desconhece o real sentido de um determinado item lexical. Frequentemente o falante emprega termos em inglês sem a respectiva tradução, tendo em vista conservar o termo original ou para evitar uma ambiguidade ou má tradução do termo empregado.

Não obstante, Monteiro (2002, p. 197) adverte:

Não é só através dos processos de formação das palavras que o léxico se amplia. Há outra fonte que, adequadamente disciplinada, possibilita o enriquecimento da língua, sem causar-lhe danos relevantes. Trata-se dos empréstimos de outras línguas que, a cada dia, penetram o português, oriundos das mais diversas procedências. Os empréstimos léxicos ocorrem pela assimilação de traços culturais entre os povos e apresentam uma certa variedade de tipos e graus. Produzem-se de forma direta, pelo contato das línguas, ou de forma indireta, através dos meios de comunicação, principalmente o rádio e a televisão.

O contato entre as línguas (e culturas), como ressalta Monteiro, propicia o enriquecimento de um idioma. Na absorção de palavras estrangeiras, os falantes também adquirem ou transportam sentidos diversos à sua língua nativa, tornando-as, assim, empréstimos linguísticos. Muitas vezes, o sentido no inglês não se aproxima do sentido dado ao português. Um exemplo para isso é o caso do *notebook*, traduzido ou empregado como “computador portátil” no português. No entanto, em inglês, o sentido de *notebook* seria “caderno” enquanto *computador portátil* é representado pelas formas *computer*, *laptop* ou *laptop computer*. Na acepção colhida no *Minidicionário Luft* (2000, p. 416), *laptop* significa: “computador leve e portátil”, acepção semelhante ao verbete proposto por Bechara (2009, p. 546): “Microcomputador portátil, alimentado por bateria”. Não se sabe a razão para se chamarem de *notebooks* os *laptops* brasileiros.

De acordo com as palavras de Monteiro, entende-se que o léxico realmente é um conjunto ilimitado, corroborando com Pontes-Ribeiro (2007). Além dos empréstimos linguísticos, os neologismos também servem, por assim dizer, para ampliação do léxico. Outra questão que merece atenção, diz respeito à relação entre léxico e cultura, também mencionada por Monteiro (2002). Em consonância ao que já foi dito:

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade linguística por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias [...] (BIDERMANN, 1981, p. 132).

Conforme as palavras de Biderman, é possível entender que o léxico, além de ser esse *patrimônio social*, é também o repositório das tradições; que a transmissão do léxico, por meio da fala, permite ao indivíduo vivenciar e compartilhar experiências de gerações anteriores; que o *tesouro léxico* é transmitido pelas gerações ininterruptamente e que os sentidos se constroem e perpassam essas gerações. Há, todavia, exceções. Uma sentença que apresente a palavra *anágua* (saia de baixo; saíote) soaria estranho ou algo comum nos dias atuais? É provável que seu uso seja restrito⁵.

Contiero e Ferraz (2014), ao tratarem da relação entre léxico e cultura, afirmam que o léxico de uma língua diz muito sobre a cultura do povo que a fala. Assim sendo, é por meio do conjunto de elementos que compõem o léxico que se pode conhecer, entre outras coisas, a história e tradições de um povo. Para os autores, “Cultura e língua são dois aspectos indissociáveis” (CONTIERO; FERRAZ, 2014, p. 48).

Diante do que discutido, pode-se afirmar que:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades [...] (BIDERMAN, 1978, p. 139).

Dito isto, é preciso apresentar a definição de cultura adotada nesta dissertação para que se possa então fortalecer o entendimento da relação entre cultura e léxico.

Com razão, Martelotta (2011, p. 27-28) afirma que:

[...] as línguas não têm finalidade em si mesmas, os humanos as desenvolveram para promover a comunicação entre eles. Ora, os homens evoluem e mudam suas concepções acerca do mundo em que vivem, que, conseqüentemente, acaba mudando com eles. É natural, portanto, que o homem modifique sua forma de falar sobre esse mundo e isso acabe motivando as mudanças estruturais que as línguas sofrem com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas se adaptam aos novos tempos.

As considerações de Martelotta apontam que a evolução do multissistema estaria ligada diretamente à evolução do ser humano e, por isso, o léxico de uma língua comporta os resultados destas modificações.

⁵ Por mais que uma anágua seja semelhante a uma saia, é uma vestimenta de uso comum às mulheres acima da meia idade. Portanto, tanto seu uso denominando peças de roupa, quanto seu uso como palavra, não fazem parte do meio social de mulheres com idade inferior a 60 anos.

Na verdade, nota-se que o léxico de uma língua guarda em si reflexos não apenas de uma única língua/cultura, mas as marcas de línguas de outras nações e culturas reveladas a partir das palavras que a sociedade utiliza.

Diante do exposto, acredita-se que:

Cultura é o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos a ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas (PAULA, 2008, p. 259).

Posta nestes termos, uma determinada cultura só faz sentido na (e para) a comunidade que a aceita enquanto convenção social. O léxico e a língua de um povo, neste sentido, constituem o veículo de comunicação primordial na sociedade. Os falantes partilham das mesmas experiências e signos.

É oportuno dizer que:

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais... de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza (ABBADÉ, 2011, p. 1332).

Nesse processo reside grande parte da importância dos estudos sobre o léxico: é por meio do conhecimento lexical que se pode conhecer uma sociedade e consequentemente sua cultura. Uma língua, normalmente, pode influenciar outras línguas de menos prestígio e, por força do uso, o povo que a adota também acaba por exercer influência sobre outros povos. Em outros casos, o contrário ocorre. Todavia, atualmente, não se pode negar a influência que o inglês exerce sobre muitos outros idiomas, inclusive sobre o Português.

Finalmente, diante do que foi exposto, é possível afirmar que o léxico, de alguma maneira, refletirá tanto a história quanto as tradições, sejam do ambiente físico sejam do sociocultural, pois à medida que esse mesmo léxico recorta realidades do mundo, definirá também os fatos de sua cultura (BIDERMANN, 1978). Entende-se, assim, que as considerações que se farão aqui, evidenciam as influências extralinguísticas sobre o sistema e mostram também que é no léxico onde se pode ver claramente suas consequências (SANTOS, 2013, p. 35).

2.4. Neologismos na língua em uso

Do mesmo modo como se procedeu com o conceito de *léxico*, far-se-á com o de *neologismo*. Rastreiam-se alguns conceitos existentes para então formular o conceito adotado nesta dissertação. Apresentam-se, de início, os conceitos clássicos de alguns dicionários:

VERBETE: NEOLOGISMO	
<i>Novo Dicionário Eletrônico Aurélio</i> (2010)	neologismo [De <i>ne(o)-</i> + <i>-log(o)-</i> + <i>-ismo</i> .] Substantivo masculino. 1. <i>E. Ling.</i> Palavra ou expressão nova numa língua, como, p. ex., <i>dolarizar</i> , <i>dolarização</i> , no português. 2. <i>P. ext.</i> Significado novo que uma palavra ou expressão de uma língua pode assumir. [P. ex.: <i>zebra</i> , como ‘resultado inesperado’.] 3. Nova doutrina, sobretudo em teologia.
<i>Minidicionário Luft</i> (2000, p. 477)	ne.o.lo.gis.mo <i>s.m.</i> Palavra ou expressão nova, ou antiga empregada com sentido novo. → neologista <i>adj.2g e s.2g</i> .
<i>Minidicionário da Língua Portuguesa</i> (2009, p. 630)	neologismo (ne:o.lo.gis.mo) <i>sm. Ling.</i> 1 Palavra ou expressão nova, derivada de outras que já existiam na mesma língua ou em outra. Ⓢ [De <i>neologia</i> + <i>-ismo</i> .]
<i>Michaelis: dicionário prático da língua portuguesa</i> (2001, p. 617)	neo.lo.gis.mo (<i>neo+logo+ismo</i>) <i>sm Ling.</i> 1 Palavra criada na própria língua ou adaptada de outra: <i>dolarizar</i> ; <i>plugar</i> , <i>xerocopiar</i> . 2 Palavra antiga empregada com sentido novo. <i>Antôn:</i> <i>arcaísmo</i> .

Tabela 02 — definições para o verbete *neologismo*

Com base nas acepções do *Aurélio*, *s.u.*, entende-se aqui que o neologismo não passaria de uma palavra nova ou um sentido novo para um termo já presente na língua. Dito desta maneira, não há de fato muita diferença entre o que se lê nesse verbete e o que se encontra no *Michaelis*. Exceto na parte em que se diz ser o neologismo uma palavra adaptada de outra língua, há certa similaridade com a definição anterior. Tanto a primeira definição quanto a segunda tratam o neologismo como o resultado de evolução linguística, isto é, uma nova palavra. Isto pouco difere da acepção contida no *Minidicionário Luft* (2000, p. 477): “Palavra ou expressão nova, ou antiga empregada com sentido novo”.

A definição proposta pelo *MLP* é mais abrangente, pois admite que o neologismo tanto pode ser uma “palavra” (igualmente como apontaram os dicionários consultados), como também uma “expressão nova”, originária de outras similares do idioma ou vinda de outras

línguas. Este acréscimo permite compreender que a categoria dos neologismos é maior do que se poderia supor, podendo conter construções⁶ compostas por mais de uma forma.

Apesar das importantes informações que os dicionários referidos trazem, percebe-se que suas definições de neologismo carecem de maior aprofundamento, conforme se vê em Cunha (2011, p. 1324): “[...] Entendemos neologismos como unidades lexicais resultantes de um processo de criação lexical, ou seja, as unidades lexicais percebidas como nova na língua [...]”.

Do mesmo modo, Biderman (1978) afirma que:

O *neologismo* é uma criação vocabular nova, incorporada à língua. Distinguem-se dois tipos de neologismos: 1) o neologismo conceptual e 2) o neologismo formal. No primeiro caso se trata de uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante [...] (BIDERMAN, 19978, p. 158).

Assim definido o que é um neologismo e esclarecido o primeiro tipo, em seguida a autora esclarece que, do ponto de vista formal, é possível reconhecer três categorias de estrangeirismos: (a) Decalque – quando se procede “a uma versão literal do lexema modelo na língua originária”, (b) “Adaptação da forma estrangeira à fonética e ortografia brasileira” e (c) “Incorporação do vocábulo com a sua grafia e fonética originais” (BIDERMAN, 1978, p. 163-164).

Com base no que foi dito por Biderman, pode-se deduzir a noção de que o neologismo é o processo final, ou seja, o resultado concreto da evolução linguística que uma palavra pode sofrer no interior de um multissistema. A nova palavra criada, muitas vezes nem é dicionarizada, mas é usada pelos falantes com muita frequência.

Essa definição pode contribuir para a formulação da hipótese de que são possíveis algumas mudanças estruturais na camada léxica da língua por força da capacidade criativa que todo falante possui.

Um fato curioso na língua portuguesa é a criação e a frequência de um verbo ainda não dicionarizado em português: o verbo *coisar* (utilizado como transitivo direto ou indireto, dependendo do contexto). Este verbo é uma forma da variedade popular, um verbo esvaziado de sentido, que, de certa maneira, preenche o vazio de qualquer outro verbo da língua, é,

⁶ A definição de “construção” é dada por Tavares (2013, p. 49): “O termo ‘construção’ aqui é empregado em referência a quaisquer formas linguísticas, como morfemas, palavras, sintagmas, orações. O vocabulário das línguas é composto por construções de dois tipos: lexical (de conteúdo) e gramatical (funcionais) [...]”.

portanto, uma estrutura vazia de sentido próprio, assim como a forma substantivada que lhe deu origem: *coisa*⁷. Apresenta alta frequência na oralidade. Em enunciados como:

- (1) Eu estava coisando o café! (significando: passando/fazendo);
- (2) Eu coisei com ela ontem à noite! (significando: fazer sexo/ter relações sexuais);
- (3) Pare de coisar comigo! (significando: implicar);
- (4) Aquele menino passa a aula inteira coisando no celular. (significando: mexendo/ acessando/ teclando/ digitando)

Este verbo é empregado geralmente em situações em que o falante desconhece ou não se lembra da forma apropriada a utilizar. Eis exemplos:

- (5) Eu vi um avião coisando agora pouco! (coisando em lugar de: arremetendo, sobrevoando, planando, decolando, pousando);
- (6) Não fui eu quem coisou o computador! (coisou em lugar de: ligou, desligou, usou, danificou, quebrou, desmantelou, travou, desinstalou, reinstalou, reprogramou, desfragmentou).

Para atestar o uso do verbo *coisar*, raro na escrita, citam-se alguns casos detectados no *corpus Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro* (doravante CCB):

Item lexical: coisar	
Fragmento (CCB 001)	<p>: Coluna Joyce Pascowitch 25/06/95 Quitanda da Semana Sabor Macadamia Jogo De cintura Chocolate Quente Água Fresca Som Staatskapelle Imagem Matisse Coluna Joyce Pascowitch 25/06/95 Secretária Eletrônica «Para fazer um treco, é preciso coisar o negócio com aphinco. com ph mesmo» De: Guto Lacaz, inventor e arteiro Para: Os candidatos a cientistas maluco Coluna Joyce Pascowitch 25/06/95 Pronta Entrega Pé na estrada Para José Augusto Rios, nenhuma missão é impossível.
Item lexical: coisou	
Fragmento (CCB 002)	<p>: 210 Uma das justificativas encontradas pelos moradores, para justificar a vinda de outros moradores para a favela, foi a falta de liderança do movimento dos moradores, após a revolução de 1964, como lembra o Sr. Liberato Antônio Vieira: Depois da revolução num tinha ninguém mais para mandar não, daí tinha nego que tinha um... acho que aproveitou de outro que eu acho que a coisa era dele, ele assustou e ele fez qualquer coisa com ele lá e comprou dele por uma mixaria, já coisou , já comprou os terrenos."
Fragmento (CCB 003)	<p>: Esse amparo solidário entre amigos presenteou Rosa com a possibilidade de viajar experiência que por si mesma possibilita deslocamentos voltados para a abertura de novos horizontes: Ah, eu tive sim o apoio, né, o apoio da primeira viagem

⁷ O substantivo *coisa* (com um grau de frequência de uso elevado no *corpus*, atingindo exatos 146.188 ocorrências) sofre este mesmo tipo de troca. Quando um falante não lembra ou não sabe o nome de algo, opta por chamá-lo de *coisa*.

	que eu fui pra Recife, né, e eu só fui por causa dos meus amigos, entendeu, porque se fosse depender só da, da minha casa eu não tinha ido e nessa época a (Margarida) me ajudou muito, entendeu, ela comprou a minha briga, né, porque eu tinha ganhado, e aquele você não vai, você não vai, você não vai, e ela não, ela vai, ela vai, ela vai e na época ela fez tudo por mim, coisou tudo por mim, e aí quando eu fiquei sabendo, né, assim, a viagem vai ser tal dia tal hora, era muito em cima vai ser tal dia, tal hora e o motorista vai te pegar na porta e vai te devolver na porta, entendeu, ah, ela me deu muita força, cara foi muito legal, assim, e lá eles me fizeram uma surpresa assim de me levar pro restaurante cinco estrela, né, fora o quarto que era belíssimo... (grifos meus) (Rosa) auxílio que surge, no vínculo entre amigos, como vimos, muitas vezes é impelido pelo intuito de buscar o resgate da cidadania, num movimento de resistência da condição de impedimento econômico, através de práticas solidárias que buscam contribuir para que o amigo conquiste uma certa autonomia num contexto de dominação econômica sentido como extremamente limitante .
Item lexical: coisando	
Fragmento (CCB 004)	<p>: (...) A menina estava coisando e ela mandou até a menina se arrumar: «Se arrume porque você tem uma entrevista.
Item lexical: coisava	
Fragmento (CCB 005)	<p>: Eu ficava com raiva guardando aquela mágoa dentro de mim, aí coisava ele \ " (grifo nosso) .
Item lexical: coisam	
Fragmento (CCB 006)	<p>: Na concepção popular, são forças e experiências na vida cotidiana que «infligem», «afetam», «atingem», « coisam », «marcam», «passam» e «imprimem» no corpo frágil do feto, independente da vontade da mãe.

Tabela 03 — Verbo trans. dir. *coisar*

O uso do verbo *coisar* em sua forma flexionada (de CCB 001 à CCB 006), como se pode facilmente notar nas amostras, foi empregado devido uma aparente dúvida do falante quanto ao que pretendia dizer. Há hesitação na fala/escrita, demonstrando insegurança quanto à seleção do verbo a utilizar, então os falantes preenchem esta lacuna com um verbo que acredita fazer sentido para ouvinte/ouvintes ou leitor/leitores. A criação do verbo *coisar* segue o paradigma da primeira conjugação, que é a mais produtiva, e conjuga-se como os demais verbos regulares da língua portuguesa. Esse verbo herda a vagueza do substantivo originário.

Nota-se que o neologismo seria o surgimento de novas palavras a partir das já existentes (ou de palavras absorvidas de outras línguas), de modo que a formação das novas palavras pode assemelhar-se a de outras da língua. Uma palavra é morfologicamente adaptada ou criada com base na adição de um radical (morfema elementar) a um afixo (sufixo, prefixo ou infixos), gerando uma nova palavra, que pode ou não vir a ser dicionarizada.

Grande parte dos neologismos não se encontra nos dicionários, sem que isso impeça seu emprego ou minimize sua frequência. A capacidade criativa do falante permite que não só saiba criar uma palavra, como também reconheça outras que foram criadas com facilidade. Esse reconhecimento se dá de maneira espontânea e automática. A forma nova é criada por algum tipo de motivação. Eis que no próximo capítulo essa motivação será discutida.

3. A LEXICALIZAÇÃO DISCUTIDA À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL

Inicia-se esse capítulo com uma reflexão sobre o princípio da *iconicidade*. Faz-se também uma apresentação da tipologia de neologismos existentes na língua portuguesa.

Aqui são mostradas as principais definições para o termo *lexicalização*. O aporte teórico que dá sustentação aos argumentos apresentados é originário da Linguística Centrada no Uso (LCU).

São discutidas as classificações tipológicas de lexicalização segundo o modelo teórico estruturalista (GONÇALVES, 2011) e o modelo gerativista (FERRARI NETO, 2011), almejando, com isso, a formulação do objeto empírico: o *item lexical*. São debatidas as contribuições da lexicalização para o aparecimento de neologismos na língua. Retoma-se o debate sobre a relação entre léxico, língua, sociedade e cultura.

3.1. Sobre o princípio da iconicidade

Em termos funcionalistas, a motivação que existe entre forma e função é conhecida pelo termo *iconicidade*. Quando uma palavra é vista, sem o contexto de uso, aparentemente “o que inevitavelmente emerge diante da visão do analista é uma relação não-necessária – arbitrária ou não-natural – entre uma estrutura sonora e um significado (ou um objeto referente)”. Porém, quando a mesma palavra é tomada tendo em vista seu contexto de uso, “observa-se a existência de mecanismos recorrentes, que refletem um processo mais funcional de criar rótulos novos para novos referentes” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 25).

De acordo com Votre e Cezario (1996) e Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003), a *iconicidade*, em sua forma *forte* prevalece a tese de que em uma língua, deve-se prevalecer uma única forma para uma única função, o que reforça o princípio da economia linguística. Por outro lado, em sua forma *branda*, a *iconicidade* pode se manifestar em três subprincípios:

Segundo o *subprincípio da quantidade*, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa [...].
O *subprincípio da integração* prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto.

O *subprincípio da ordenação linear* diz que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, de modo que a ordem dos elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o falante (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 32 [itálicos no original]).

Vale dizer que estes subprincípios estão interligados, porém cada um pode se manifestar de modo diferente ou se sobressair aos demais em cada caso analisado em uma língua. Todavia, nesta dissertação, objetiva-se o estudo de itens lexicais analisados em variados contextos de uso, questões de ordem sintática não serão aprofundadas.

Esses subprincípios são revistos e ampliados por Dubois e Votre (2012, p. 61):

[...] Segundo o subprincípio da quantidade, a) quanto maior a taxa de informação, mais complexa serão as formas correspondentes; b) quanto mais alta for a taxa de informação nova, mais complexa será a forma correspondente; c) quanto mais disponível/imprevisível for a informação, mais complexa será a forma correspondente; d) quanto mais tematizada/importante for a informação, mais complexa será a forma correspondente.

Segundo o subprincípio da proximidade, quanto mais próximos entre si estiverem dois conteúdos, em termos conceituais e cognitivos, tanto maior será o grau de integração entre as formas que o representam [...].

Segundo o subprincípio da ordenação linear: a) quanto mais importante for a informação, mais ela tenderá a ser localizada no início do enunciado; b) quanto mais previsível for a informação, maior será a tendência de ela ser localizada no início do enunciado; c) quanto mais temática for uma informação, maior será a tendência de ela ser localizada no início do enunciado.

A exposição de Dubois e Votre, assim como a definição apresentada por Furtado da Cunha, Costa e Cezario, mostra que a *iconicidade* pode ser compreendida a partir das relações estruturais (de ordem sintática), especialmente no diz respeito à posição dos constituintes nas cláusulas. De certo modo, percebeu-se que os *subprincípios da proximidade* e o *da ordenação* seriam mais produtivos se o objetivo fosse uma análise sintática, isto é, das relações dos constituintes de cláusulas. Como esta dissertação está voltada para uma análise da composição estrutural, ou seja, do tamanho da forma e a informação que isso representa, nota-se que o *subprincípio da quantidade* é o mais adequado. É preciso também avaliar as unidades, buscando compreendê-las a partir de seu uso nos discursos extraídos do *corpus*.

No capítulo intitulado *Gramaticalização na ordenação vocabular de sujeito e auxiliar-verbo*, Votre e Cezário (1996) trazem a seguinte discussão sobre a versão radical (ou forte) do princípio da *iconicidade*:

Tomada ao pé da letra, a formulação radical do princípio da iconicidade prevê que em cada domínio funcional há uma relação unívoca, de um para um, entre a função e a forma de sua manifestação. Logo, a toda alteração de função deverá corresponder uma alteração na forma, e não há espaço para alteração na forma que não seja

funcionalmente motivada. Radical como se apresenta, o princípio não deixa lugar para variação, porque não permite a existência de duas ou mais formas alternativas de dizer ‘a mesma coisa’. Na sua interpretação radical, o princípio da iconicidade força-nos a admitir que o discurso humano, realizado através da língua, tem a forma que tem por causa das funções que a língua desempenha, em todo seu percurso de desenvolvimento diacrônico e em todos os seus níveis de codificação [...] (p. 65).

Postulada desta maneira, a *iconicidade* implica que as alterações nas formas são motivadas. Isto significa dizer que a mudança em uma dada construção só ocorre por força de motivações, sejam forças internas ou externas à língua. Dito isso, é possível afirmar que de acordo com a perspectiva discutida por Simões (2009):

Tanto a enunciação quanto a co-enunciação refletem mundos particulares mediados (no caso do texto linguístico) pelo código verbal. Para nós, a plasticidade textual é referência de iconicidade e pode funcionar como base para a condução do intérprete à mensagem básica inscrita no texto. A despeito da absoluta arbitrariedade apregoada pelos estruturalistas, as bases funcionalistas vêm fortalecendo passo a passo a existência de iconicidade nas gramáticas das línguas, demonstrando a existência de uma correlação um-a-um entre forma e interpretação semântico-pragmática pautada numa motivação funcional imanente aos aspectos estruturais observados (p. 76).

A *motivação funcional* atua sobre a forma, determinando-a. Um dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional é de que a *função* determina a *forma* (e não o inverso). Assim, a gramática da língua é emergente. As pressões do uso atuam sobre a forma da língua. Para Dubois e Votre (2012), a estrutura estaria a serviço da função e toda estrutura da língua existe para realizar uma ou mais funções. Dito de outra maneira, as pressões de uso determinarão a forma, pois a função teria, então, primazia sobre a forma. E o fato de que não há duas construções diferentes para indicar uma só função indica que certas estruturas não permanecerão no uso, mantendo-se somente as que exercem uma função.

Há certas estruturas com mais de uma função na língua, a exemplo das formas *apenas*, *então*, *e*, *mente* e *você*. Cada uma destas construções exercerá funções diferentes conforme o contexto de uso em que apareçam. Torna-se impossível afirmar que uma língua não apresenta variações (e mudanças). Na verdade, “Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea” (ALKIMIM, 2012, p. 35). A língua está em constante processo de atualização e reatualização porque apresenta estas renovações que podem, em muitos casos, se tornarem mudanças. Embora não haja identidade semântica entre duas formas, em alguns casos, a substituição de formas não afeta a significação pretendida. Ex.:

- (7) Maria é estudiosa, porém não passou.
 (8) Maria é estudiosa, entretanto não passou.
 (9) Maria é estudiosa, mas não passou.
 (10) Maria é estudiosa, todavia não passou.
 (11) Maria é estudiosa, no entanto não passou.

Nos cinco casos, as construções *porém*, *entretanto*, *mas*, *todavia* e *no entanto* exercem a mesma função sintática (de conjunção adversativa). São estruturas que embora apresentem *formas* com *quantidade* diferentes, têm correspondência de sentidos e exercem a mesma função, nesse contexto, apresentando sentido equivalente nos cinco enunciados. Isto é, em casos como estes, a variação existe. O falante pode optar por qualquer uma das construções, e o sentido pretendido é inalterado.

Na troca de uma conjunção adversativa por uma aditiva o mesmo sentido pode permanecer. Ex.:

- (12) Maria é estudiosa e não passou.

A conjunção *e* continua indicando adição (entre partes de uma oração ou período), mas o advérbio *não* diz o contrário. Assim, em (12), tem-se a ideia de contrariedade marcada pela relação de negação e não pelo conector (7) a (11).

Deste modo, entende-se que uma forma poderá exercer mais de uma função (morfológica, semântica ou sintática, por exemplo), bem como várias formas podem exercer uma mesma função. Nisto, pode-se afirmar que o princípio da Economia Linguística de A. Martinet não se aplicaria. Para ilustrar, a forma *entretanto* (que aparece no exemplo 8 como conjunção adversativa) pode funcionar como advérbio de tempo. Veja-se: “entrementes, nesse ínterim, nesse meio-tempo. Ex.: *e., resolvemos caminhar um pouco pelo jardim* (Houaiss Eletrônico. *entretanto*)”.

Ainda há casos em que não é o tamanho da estrutura, mas a sua força semântica que determinará sua frequência. A unidade lexicalizada “vírus cavalo de troia” ou “cavalo de troia” predomina sobre as formas “vírus de computador”, “vírus de PC” ou simplesmente “vírus”. O que é mais relevante: o tamanho da forma em si ou a informatividade que carrega? Até que ponto a quantidade da forma é relevante para sustentar a hipótese da motivação icônica?

Para responder a estas questões é necessário compreender antes a outra versão da iconicidade, a versão *branda*, que já foi mencionada na página 52 desta dissertação. Sobre esse assunto, Votre e Cezario (1996) esclarecem:

São três as manifestações mais produtivas desse princípio da iconicidade, associadas respectivamente à quantidade de informação, ao grau de proximidade entre os constituintes e à ordenação sequencial desses mesmos constituintes (Votre, 1992).

Segundo o primeiro subprincípio, o da quantidade:

- a) - quanto maior for a quantidade de informação a ser transmitida ao interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada na codificação morfossintática dessa informação;
- b) - quanto mais imprevisível (mais nova) for a informação para o interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada;
- c) - quanto mais previsível (mais pressuposta, mais disponível) for a informação para o interlocutor, menor será a quantidade de forma a ser utilizada.
- d) - quanto mais importante for a informação em termos da continuidade temática ou discursiva, maior será a quantidade de forma requerida para codificá-la (p. 66).

Os dois outros *subprincípios* são igualmente discutidos pelos autores, mas elegeu-se o *da quantidade* para a discussão nesta dissertação. Nota-se que, diferentemente dos outros autores já mencionados, Votre e Cezario ampliam significativamente a explicação do *subprincípio da quantidade*. Nesta ampliação, é possível identificar que: a quantidade de forma é diretamente proporcional à quantidade de informação; a quantidade de forma é relativamente aumentada conforme a imprevisibilidade da informação e, conseqüentemente, quanto mais previsível for essa informação, menor será a forma.

Com este entendimento, a construção lexicalizada “vírus cavalo de troia” ou “cavalo de troia” é maior porque tem mais informação; há nesta expressão lexicalizada uma especificação do tipo de vírus, objetividade, auxiliando assim na busca da vacina adequada. A redução da forma também reduziria as chances de defesa do equipamento pelo usuário dada significação genérica da forma vírus, podendo causar confusões em certos contextos de uso (pela possibilidade de associação ao outros tipos de vírus, tais como: da gripe, do Ebola, da AIDS etc.). Eis algumas sentenças com e sem objetividade:

- (13) Acessei meu tablete e estou com **vírus**.
- (14) Acessei meu tablete e notei que tenho **vírus cavalo de troia**.
- (15) Parei de trabalhar por causa de um **vírus**.
- (16) Parei de trabalhar por causa de um **cavalo de troia**.
- (17) O computador de minha esposa tem um **cavalo de troia**.
- (18) O computador de minha esposa tem um **vírus**.

Em (13), (14), (16) e (17) não há nenhuma dúvida de que se trata de vírus de computador. Em (18) mesmo tendo sido utilizada a forma reduzida mantém-se a objetividade já que o contexto é autoexplicativo: o vírus está no computador. Por outro lado, em (15) não fica claro se o vírus é “Programa estranho ao sistema de computador capaz de copiar e instalar a si mesmo, ger. concebido para provocar efeitos nocivos ou estranhos à funcionalidade do sistema ou aos dados nele armazenados” (*Aurélio, s. u. Inform.*), ou “Diminuto agente infeccioso que não tem capacidade metabólica autônoma e apenas se reproduz no interior de células vivas” (*Aurélio, s. u. Microbiol.*).

A cláusula (15) é a situação mais complexa, pois implica ambiguidade. Não se pode interpretar com segurança se é enunciador ou a máquina que está com vírus. Precisa-se de mais informação para sanar esta dúvida. O contexto explicaria o uso.

Em (16) não há ambiguidade, pois a troca do item lexical *vírus* pela expressão lexicalizada *cavalo de troia* é bastante para especificar que se trata de uma contaminação na máquina. Apesar da aparente similaridade entre (15) e (16), isso se desfaz na situação comunicativa. Os interlocutores ativarão os sentidos de que dispõem.

Com base no que foi apontado, pode-se afirmar que será mais icônico aquilo que é mais informativo para os interlocutores. Em situações de interação verbal, o falante busca selecionar os itens lexicais que melhor preenchem os espaços vazios entre aquilo que ele diz e o que quer dizer. Na ausência de determinadas formas para expressar o que deseja, o falante seleciona ou reorganiza as estruturas, modificando outras, combinando-as ou até mesmo criando novas unidades léxicas. O falante fará uso de seu conhecimento linguístico, de sua capacidade lexical e, por meio da lexicalização, criará novas unidades lexicais.

Os neologismos criados tornam-se produtivos à medida que outros falantes passam a utilizá-los. Desta maneira, a frequência de uso se acentua e se rotiniza. A rotinização dos usos das novas palavras poderá contribuir para que passem a ter regularidade no léxico. Quanto mais regulares mais frequentes e vice-versa. Ao passo que a regularização dos neologismos se estabiliza no léxico de uma língua, mais chances eles terão de se fixar e permanecer no uso por tempo indeterminado. Ao fim destas etapas, os neologismos podem ser dicionarizados e daí em diante integrarão o multissistema.

A iconicidade discutida até então está sendo apresentada sob a óptica da Linguística Centrada no Uso, ou seja, com base nos pressupostos da vertente norte-americana da Linguística Funcional. Há outro aporte teórico que também investiga a iconicidade da língua: a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Esta vertente “[...] é um aporte teórico-

metodológico desenvolvido por Halliday a partir da década de sessenta. Na LSF, a linguagem é considerada uma prática social. Mais do que um processo de representação, por meio dela, construímos a realidade social” (DUTRA, 2012, p. 131). De acordo com Furtado da Cunha e Souza (2007, p. 19): “Esse modelo espelha-se numa teoria da língua enquanto escolha. É um modo de olhar a língua como ela é usada [...] a LSF é uma oposição aos estudos formais de cunho mentalista, pois seu foco de interesse é o uso da língua como forma de interação entre os falantes”.

Em estudo recente, Simões (2010) entende a iconicidade como uma *propriedade semiótica*. Para essa autora, a iconicidade: “Trata-se de uma propriedade semiótica fundada na plasticidade — propriedade da matéria de adquirir formas sensíveis por efeito de uma força exterior” (SIMÕES, 2010, p. 4). A iconicidade é, portanto, uma qualidade semântico-pragmática, visto que considera forma/função em relação ao contexto da interlocução.

Em outros estudos realizados pela autora encontram-se a origem desse conceito, assim como os objetivos da teoria formulada pela pesquisadora: “Destacada a iconicidade, teoria com raízes em Sebeok (1979), Simões debruçou-se a testar a potencialidade plástica dos signos verbais e chegou à descoberta de uma iconicidade direta (imagética) e uma indireta (indicial)” (SIMÕES, 2009, p. 21). Sabe-se também que: “A base de raciocínio que levou Simões ao desenvolvimento da TIV [Teoria da Iconicidade Verbal] é, principalmente, a da similaridade no raciocínio. Partindo da Semiótica peirceana que se fundou na Lógica, Simões procurou observar a construção do raciocínio imagético na produção dos textos verbais” (SIMÕES; MATOS, 2012, p. 45).

Em outra obra, a autora completa:

Observe-se que, na definição de Santaella para iconicidade, consegue-se encontrar a tradução adequada para nossa idéia sobre essa qualidade sígnica. Buscamos nos textos essa modelização plástica como meio de garantir legibilidade. Cremos que a plasticidade no verbal seja emergente da articulação dos signos na superfície do texto (SIMÕES, 2007, p. 45).

A noção de iconicidade de Simões (2007; 2009; 2010) e Simões e Matos (2012) vêm ao encontro da proposta dessa dissertação. Diferentemente de outros autores já consultados (MARTELOTTA; AREAS, 2003; VOTRE; CEZARIO, 1996; FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003; DUBOIS; VOTRE, 2012), Simões (2007) apresenta uma definição que serve aos propósitos investigativos aqui revelados. Isso fica mais evidente em passagens tais como:

No âmbito da cognição, cremos que a iconicidade ganha relevo, pois, entendida como qualidade de um signo que busca representar uma idéia, de algum modo e com fundamento plástico, destacar-se-á entre as características textuais observáveis como sendo algo mais aproximado dos processos analógicos de interpretação de dados e, ao mesmo tempo, reaproveitável na construção de ferramentas digitais de interpretação. Isto porque, a iconicidade está sendo tomada como uma qualidade s  nica emergente de um potencial figurativo (lato sensu) oriundo da trilha criada pelos itens léxicos (palavras e expressões) ativados no texto. Persigo a idéia de que a trama textual pode “desenhar” itinerários de leitura (p. 23).

Acredita-se que a ideia da motiva  o icônica pode ser explicada pela no  o de plasticidade dos signos ic  nicos, tendo em vista que os neologismos, assim como outros signos, representam ideias/ideologias. Isto se confirma, pois:

A iconicidade ganha relevo no âmbito da cogni  o. Entendida como qualidade de um signo que busca representar uma idéia, de algum modo e com fundamento plástico, destacar-se-   entre as características textuais observáveis como sendo algo mais aproximado dos processos analógicos de interpreta  o de dados, o que d   suporte    análise por meio digital (SIMÕES, 2007, p. 92).

Esse posicionamento de Simões reforça a tese de que existe possibilidade de interliga  o entre esses pensamentos da autora e a Linguística Funcional. Assim sendo:

Descontada a arbitrariedade original dos signos verbais, os funcionalistas vêm fortalecendo passo a passo a existência de iconicidade nas gramáticas das línguas, demonstrando a existência de uma correla  o um-a-um entre forma e interpreta  o semântico-pragmática pautada numa motiva  o funcional imanente aos aspectos estruturais observados (SIMÕES, 2010, p. 4).

Para compatibilizar as no  es de iconicidade de Simões e a visão funcionalista⁸ aqui adotadas deve-se, pois, considerar a *qualidade plástica do signo*. Para que se interprete o sinal,    preciso que este mantenha uma rela  o de qualidade com o que representa. Exemplificando: palavras terminadas em *-  o* podem ser associadas ao aumentativo. Por exemplo, as palavras *tampão* (tampa grande) e *facão* (faca grande). Há, todavia, contraexemplos: *an  o* (pessoa pequena), *pag  o* (alguém não batizado) *apagão* (sem luz) etc.

O mesmo ocorre com o morfema de plural. Palavras como *  nus*, *b  nus*, *t  nus* etc. terminam em *-s* e são formas invariáveis. A ideia de número precisa da participa  o de um determinante. Ex: *o bônus/os bônus*; *bônus de Natal*; *b  nus festivos*.

⁸ De acordo com Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2003, p. 29-30): “Em linguística, *iconicidade*    definida como a correla  o natural entre forma e fun  o, entre o código linguístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo) [...]” (  t  lico no original).

É preciso, ainda, esclarecer o que se entende por *plasticidade*. Simões (2007, p. 19) faz uma releitura de trabalhos anteriores e ressalta que:

[...] plasticidade é a propriedade da matéria de adquirir formas sensíveis por efeito de uma força exterior, a partir do que a imagem pode ser gravada na mente do observador mesmo em ausência. E mais: a plasticidade torna possível modelizarem-se seres imaginários — os que não têm referente material, objetivo — por meio de imagens. No caso da produção verbal escrita, o código lingüístico é uma das forças exteriores que constrói a plasticidade textual [...].

Dito de outra maneira:

[...] a plasticidade no verbal é emergente da articulação dos signos na superfície do texto. Não que acredite num desenho “figurativo” do tema por meio de palavras e expressões, mas na possibilidade de produção de signos icônicos deflagradores de processos cognitivos capazes de produzir *imagens-tema* indutoras da interpretação (SIMÕES, 2007, p. 95 [itálico no original]).

É válido, ainda, ressaltar de onde se originou esse princípio. Segundo Simões e Matos (2012, p. 46):

Essa ideia plástica de signo se origina na hipótese de que precisamos de “objetos mentais prévios” à formulação verbal ou não verbal do pensamento. Entendemos assim o signo como uma entidade originariamente plástica, por meio da qual nossos pensamentos se materializam, podendo assim manifestarem-se para o mundo exterior e submeterem-se à leitura e interpretação de outrem. Todavia, essa formulação plástica é maleável e está sujeita aos contextos por onde transitam os sujeitos, as mentes, por conseguinte, as ideias. Por conseguinte, um signo evolui em outro, que se transforma em outro, que elabora outro e assim sucessivamente e condicionadamente aos contextos de produção da comunicação.

De acordo com as palavras dos autores, a evolução dos signos se efetua, mas para isso depende do contexto no qual sua evolução acontece. Ora, o mesmo pode ser dito em relação aos neologismos que surgem a partir de certos contextos de uso. As palavras que não evoluem na língua correm sérios riscos de se tornarem palavras eruditas ou até de desaparecerem.

Para melhor entendimento sobre esta segunda visão sobre o tema, deve-se compreender qual a noção de signo para esta outra abordagem:

Os signos são representações que também podem ser interpretadas ternariamente: a) mentais — quando da sua formação na consciência psicológica e conversão pela consciência semiótica; b) sociais — observados em sua força pragmática de caracterização política e ideológica; c) culturais — considerados como funções-valores que emergem dos usos e costumes e servem como definidores dos perfis dos agrupamentos humanos e não-humanos.

Os signos são, portanto, objetos modelares (ícones) construídos mentalmente pela força semiótica (geradora de significações) de uma consciência inicial (em princípio, individual) que se transforma em comando de raciocínio (índice) resultante do intercâmbio entre referências individuais e coletivas (o interpretante) e presta-se às avaliações/aplicações externas, vindo a tornar-se um valor de referência generalizante (símbolo) (SIMÕES, 2002, *Apud* SIMÕES; MATOS, 2012, p. 45).

Portanto, é por essa razão que se afirma que o *signo icônico* é “uma representação plástica, modelar (por similaridade), de uma ideia ou ideologia” (SIMÕES, 2009, p. 77).

Finalizando as considerações acerca da plasticidade dos signos, cumpre acrescentar que essa propriedade é de grande produtividade, especialmente, quando operamos nos ambientes virtuais. A exploração dos textos verbais pode ser conduzida a partir das orientações da Teoria da Iconicidade Verbal [TIV] (SIMÕES, 2009a), uma vez que essa proposta promove a abordagem dos signos (em qualquer nível: fonológico, morfológico, sintático, semântico, estilístico e pragmático) como objetos sensíveis (captáveis pelos sentidos biológicos) com destaque para a visão — no texto escrito; e para a audição — no texto oral (SIMÕES; MATOS, 2012, p. 48-49).

A preocupação de Simões (2007; 2009; 2010) e Simões e Matos (2012), *a priori*, estão focadas na iconicidade presente no texto escrito/oral, ressaltado que, quanto mais informativo for o texto (ou partes dele), mais icônico será. Por outro lado, nessa dissertação, fala-se em motivação icônica de neologismos na língua em uso, reveladas a partir de *corpus* (escrito) digital. Simões também se preocupa com o interpretante, voltando-se para a maneira como ele recebe/percebe essa informatividade/iconicidade.

Ainda sobre a definição do signo linguístico, sabe-se que:

O signo icônico é oriundo da terminologia peirceana e sobrevive invariavelmente ligado à área da semiótica, entretanto, tem assumido papel, se não relevante, ao menos de destaque, na Sociolinguística e na Gramática Funcional. Na visão de Peirce, há que se levar em conta a distinção entre as relações signo x objeto representadas por três elementos: ícone, índice e símbolo. O ícone representa, originalmente, a relação de semelhança estabelecida entre o signo e a realidade exterior; o índice, a relação de contiguidade; e o símbolo, a relação convencional. Uma vez que, no signo icônico, ao contrário do que ocorre no signo saussureano, há uma relação motivada, funcionalistas e sociolinguistas têm aproveitado o conceito de iconicidade para além dos domínios sígnicos. Aparece, agora, tanto relacionado a elementos menores do que o signo — como ocorre com os morfemas — quanto a elementos maiores — como ocorre com as sentenças complexas (LIMA-HERNANDES, 2007, p. 84).

De acordo com Lima-Hernandes *ícone, índice e símbolo* são igualmente interessantes e produtivos na Semiótica. Todavia nesta dissertação, somente o *ícone* será considerado, pois é a partir do *signo icônico* que a iconicidade irá se sustentar. Nesta outra abordagem, o

princípio da *iconicidade* tem similaridades com a concepção desta categoria na LCU. De acordo com Dutra (2012, p. 138):

Os estudos sobre iconicidade na língua e, portanto, na sua organização gramatical, têm chamado a atenção para uma possível motivação icônica, ou seja, para o reflexo, nos elementos estruturais dos textos, de relações existentes em sua estrutura semântica. Com base na Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009), considera-se haver uma relação não arbitrária entre forma e função, ou seja, entre estrutura gramatical e sentido nos textos. [...]

Dito deste modo, a discussão apresentada pela autora é corroborada por Martelotta e Areas (2003), Diessel (2008), Furtado da Cunha (2013), Neves (2013), Dubois e Votre (2012), Wilson e Martelotta (2013) e Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003). O único ponto diferencial é que Dutra se apoia na *Teoria da Iconicidade Verbal* postulada por Simões, direcionando sua investigação para a relação icônica entre a estrutura gramatical e o significado de textos diversificados (especialmente escritos). Em outros estudos é possível aprofundar esta aplicação (Cf. SIMÕES; DUTRA, 2004; SIMÕES, 2009; SIMÕES; ARAGÃO, 2009). A investigação de Dutra se pauta nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional aliados à Teoria da Iconicidade Verbal (doravante, TIV) e considera que “os recursos linguísticos que entram na organização dos textos são verdadeiros signos e que, portanto, têm potencial icônico” (DUTRA, 2012, p. 138).

Nessa mesma linha de raciocínio, Dutra (2012) explica que a iconicidade pode ser dividida em *iconicidade imagética* e *diagramática*. A distinção entre os termos é posta da seguinte maneira:

Os estudiosos da *iconicidade* no âmbito da língua recorrem a uma distinção proposta pelo filósofo Pierce, que diferencia *iconicidade imagética* de *iconicidade diagramática*. Enquanto a *iconicidade imagética* propõe haver uma relação de significado entre um item linguístico e seu referente a partir de uma determinada característica presente neste, a *iconicidade diagramática* configura-se como um arranjo icônico dos signos, o que nada tem a ver com possíveis semelhanças entre eles e seus referentes (DUTRA, 2012, p. 139).

Com base no que foi dito, acredita-se que a *iconicidade diagramática* “configura-se como uma motivação icônica para a forma como o falante faz uso da léxico-gramática, tendo em vista seus propósitos comunicativos” (DUTRA, 2012, p. 139). Além disso, “Vale acrescentar que enfatizamos o signo visual por termos por objeto formal o texto verbal escrito. Contudo, toda a abordagem da materialidade plástica do signo pode ser estendida ao texto verbal oral, em que o signo é então um sonoro” (SIMÕES, 2009, p. 70).

Em outro momento, Simões (2009) adverte:

Entendemos que a compreensão de textos procede de uma negociação entre imagens mentais construídas por um enunciador e reconstruídas por um coenunciador (leitor ou intérprete). Tais imagens são traduzidas em signos verbais e não-verbais combinados na cadeia falada (quando o texto é oral) e na folha de papel (no caso do texto escrito). Essa produção sónica constrói uma entidade plástica (sonora ou visual) cuja imagem pode ser identificada por interlocutores dotados de competências e habilidades de enfrentamento do signo e de captura de suas funções e valores (p. 75).

Para a presente dissertação interessa a iconicidade *diagramática* muito mais do que a *imagética*, pois aquela iconicidade caracteriza-se como uma possível motivação icônica existente entre o modo como os falantes fazem uso do léxico e da gramática da língua, objetivando seus propósitos comunicativos. Isto é, ressalta a relação entre função e forma, considerando os arranjos dos signos.

A iconicidade, seja sob o olhar da LCU, da LSF ou da TIV sinaliza que a língua é icônica e que a estrutura está a serviço da função. Deste modo, a **hipótese (3)** na qual se pressupõe a motivação icônica para o surgimento do neologismo se sustenta. Alguns fatores podem ser postos a favor: i) durante a efetivação da comunicação entre falantes pode haver ausências de signos linguísticos que precisam ser preenchidas; ii) a lexicalização propicia a criação de itens lexicais em qualquer situação comunicativa; iii) as unidades linguísticas geradas pelo processo de lexicalização podem ser encaradas como neologismos e iv) os neologismos podem ter alguma referência a elementos do mundo biossocial.

Diessel (2008, p. 468-469) esclarece que:

[...] A noção de iconicidade compreende dois tipos básicos, a iconicidade diagramática, a qual é concebida com a similaridade estrutural (ou relacional) entre o signo e o referente, e a iconicidade imagética, a qual é concebida com as similaridades substanciais entre o signo e o referente (ex. o simbolismo do som). A noção de iconicidade diagramática tem sido usada em várias funções e explanação cognitiva da estrutura linguística (cf. Croft 2003: Ch 4.2; Dressler 1995; Fenk-Oczlon 1991; Givón 1985, 1991; Haiman 1980, 1983, 1985, 1994, 2006; Haspelmath forthc.; Itkonen 2004; Jakobson 1965[1971]; Plank 1979; Tabakowska et al. 2007; Taylor 2002: 45–48). A ideia geral ‘por trás da iconicidade [diagramática] é que a estrutura da língua reflete de alguma maneira a estrutura da experiência’ (Croft 2003: 102); porém esta noção geral da iconicidade assume uma variedade ampla de diferentes significados (tradução nossa)⁹.

⁹ O texto original é o que segue: “[...] The notion of iconicity comprises two basic types, diagrammatic iconicity, which is concerned with structural (or relational) similarities between the sign and the referent, and imagic iconicity, which is concerned with substantial similarities between the sign and the referent (e.g., sound symbolism). The notion of diagrammatic iconicity has been used in various functional and cognitive explanation of linguistic structure (cf. Croft 2003: Ch 4.2; Dressler 1995; Fenk-Oczlon 1991; Givón 1985, 1991; Haiman 1980, 1983, 1985, 1994, 2006; Haspelmath forthc.; Itkonen 2004; Jakobson 1965[1971]; Plank 1979;

Como se nota no fragmento, a iconicidade apresenta dois tipos: (1) a iconicidade diagramática (a qual é concebida com uma similaridade estrutural ou relacional entre o signo e um referente) e a (2) a iconicidade imagética (que emerge da similaridade substancial entre o signo e o referente). Isso reforça o que já foi dito antes.

Segundo o autor, a ideia geral por trás da iconicidade diagramática é que a “estrutura da língua reflete de alguma maneira a estrutura da experiência”. Diessel aponta também a variedade de significados que a iconicidade pode assumir. Defende que a iconicidade tem sido utilizada tanto pela Linguística Estruturalista quanto pela Linguística Funcional para explicar a estrutura linguística (DIESEL, 2008, p. 468). Em outros termos, pode-se afirmar que:

O princípio de iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo). Os linguistas funcionais defendem a ideia de que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 167).

O pensamento dos autores corrobora a definição apresentada por Diessel. Furtado da Cunha ressalta que a linguagem humana, por ser esta uma faculdade humana, pressupõe-se que de alguma maneira a estrutura linguística mostra o funcionamento da mente, assim como os conceitos que o homem produz sobre o mundo que o cerca. Essa ideia também é compartilhada por Neves (1997, p. 103): “A iconicidade é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana. Trata-se de uma relação natural entre o código linguístico e o seu *designatum*”.

Dito de modo diferente:

Na admissão da relação entre cognição e gramática também se assenta a iconicidade, isto é, a consideração de uma motivação icônica para a forma linguística, a consideração de que a extensão ou a complexidade dos elementos de uma representação linguística reflete a extensão ou a complexidade de natureza conceptual [...] (NEVES, 2013, p. 23).

Esse posicionamento de Neves é compartilhado por muitos outros autores, como já se viu. Na língua se podem ver casos em que uma forma apresenta várias funções e há casos em que várias formas apresentam a mesma ou única função. No caso dos neologismos discutidos nesta dissertação, percebe-se que existem duas formas que expressam o mesmo conteúdo e

Tabakowska et al. 2007; Taylor 2002: 45–48). The general idea ‘behind [diagrammatic] iconicity is that the structure of language reflects in some way the structure of experience’ (Croft 2003: 102); but this general notion of iconicity subsumes a wide variety of different meanings”.

que cabe aos falantes decidirem qual forma deve prevalecer. O aportuguesamento de algumas formas pode indicar a escolha. Para muitos falantes, geralmente, é preferível o uso de itens lexicais “nacionalizados” a estrangeiros, seja por uma questão de informatividade ou de mera escolha eventual.

Assim, o neologismo é o resultado de uma relação icônica entre a forma/função. Itens lexicais como: *x-burg*, *cachorro-quente*, *tuítis*, *busão* (*ônibus*), *escâner* e *xampu*, possuem relações motivadas e diretas com *cheese-burg*, *hot-dog*, *tweets*, *bus*, *scanner* e *shampoo*. Essas palavras não existiam em língua portuguesa, porém, diante da necessidade do multissistema, os novos itens lexicais surgiram na língua em referência às palavras inglesas. As unidades de uso mais frequentes no português são as correlações em língua portuguesa¹⁰. Constata-se isto nas seguintes amostras extraídas do *corpus* CCB:

Item lexical	Quantificação de ocorrências no <i>corpus</i>
(1) cachorro-quente	459 ocorrências
(2) busão	15 ocorrências
(3) escâner	27 ocorrências
(4) xampu	592 ocorrências

Tabela 04 — Itens lexicais (neologismos)

(1) Item lexical: cachorro-quente	
Fragmento (CCB 007)	<p>: No meio dessas divagações, sou tomado de uma súbita fome e ataco uma carocinha de cachorro-quente .
Fragmento (CCB 008)	<p>: 3 a série (E.F.) Produção escrita após um passeio realizado · Nós foi no pic-nic · (nome do lugar) · Nós chegamos no pic-nic · As gente entrou na sala as crianças sentado no chão vai começar o teatro · Depois comendo o cachorro-quente e bebendo o guaraná depois brincar no parque parou jogar o futebol e jogar no quema vamos ver e procurar o macaco na floresta o macaco fugiu agora vamos embora.
Fragmento (CCB 009)	<p>: Por que hot dog se temos cachorro-quente ?
(2) Item lexical: busão	
Fragmento (CCB 010)	<p>: A cobradora Maria de Fátima Pereira da Silva, 34, conseguiu brecar o busão .
Fragmento (CCB 011)	<p>: Embora tenha um naco a mais de humor, o nordestino reinventa a língua tanto quanto os «manos «da periferia de São Paulo, que criaram, por exemplo, a palavra» busão » (o mesmo que lata de sardinha), a verdadeira «novilíngua», a pioneira globalização da periferia esquecida do capitalismo.
Fragmento (CCB 012)	<p>: Não tenho carro, tenho de pagar o busão todo dia.
(3) Item lexical: escâner	
Fragmento (CCB 013)	<p>: As imagens das raízes, obtidas pela varredura efetuada pelo escâner e transferidas automaticamente para um arquivo no computador, foram consideradas imagens já digitalizadas, prontas para o processamento do

¹⁰ Na verificação do banco de dados do *corpus*, constatou-se que, se forem pesquisadas as unidades lexicais em língua inglesa, os resultados apontam textos escritos nessa língua também, com um ou outro exemplo em língua portuguesa. Como o objetivo do estudo se restringe ao estudo da língua do Brasil, os outros exemplos foram desconsiderados.

	cálculo do comprimento total e da superfície radicular.
Fragmento (CCB 014)	<p>: Mediada pela ferramenta (componentes técnicos, periféricos de entrada -- mouse, canetas ópticas, microfone, escâner) e pelos dispositivos (programas, recursos de interfaces de diálogo virtual: ícones para clicar, cursores dinâmicos, zonas sensíveis, efeitos visuais e sonoros) , concentrados no micro ou interligados por cabos, a escrita torna-se fluida, imaterial.
Fragmento (CCB 015)	Após a exposição, as placas são lidas em um escâner a laser, que transfere as imagens para o computador.
(4) Item lexical: xampu	
Fragmento (CCB 016)	<p>: Mesmo em casa você pode melhorar seus cabelos, usando xampu adequado ao seu tipo (oleosos, secos ou normais).
Fragmento (CCB 017)	<p>: Quando posso ir ao seu apartamento fazer uma lavagem na sua cabeça com esse xampu especial?
Fragmento (CCB 018)	<p>: Na falta de uma proveta, esta pode ser substituída por um recipiente cilíndrico de plástico, preparado a partir de um frasco de xampu ou similar.

Tabela 03 — Excertos do *corpus* CCB

Em todas essas amostras, nota-se que o sentido original dos itens lexicais não foi alterado: *cachorro-quente* (pão com carne/queijo/salame/ e verduras), *busão* (transporte alternativo/ônibus), *escâner* (máquina que faz cópias ou digitaliza documentos, fotos) e *xampu* (produto para cabelo). Os falantes, cientes disso, empregam estas unidades de modo despretensioso, pois sabem que a compreensão é partilhada pelos outros indivíduos.

A hipótese de que a relação entre estas formas de línguas distintas seria uma relação icônica, advém de reflexões baseadas no estudo sobre a iconicidade lexical postulada por Simões (2009). A autora discute o que chamou de “potencial de ativação de imagens mentais”, então argumenta que:

Entendemos que o projeto comunicativo que subjaz a qualquer interação produz uma energia mental capaz de ativar signos que possam representar (ícones) ideias ou conduzir (índices) o interlocutor à mensagem básica da comunicação. Assim sendo, tão maior será a iconicidade textual quanto mais hábil seja o enunciador na ativação de itens léxicos. Essa habilidade demanda domínio razoável da língua-objeto, assim como largo repertório. O domínio da língua é o esqueleto sistêmico para a estruturação textual; e o repertório amplo é condição para disponibilização de itens léxicos suficientes à expressão das ideias de forma icônica [...] (p. 86).

Simões discute a iconicidade lexical tendo em vista o texto e a capacidade que o falante tem de extrair e produzir sentidos. Como já dito antes, sua teoria se inspira nos postulados da semiótica de Sanders Charles Peirce. A tese que se persegue nesta dissertação visa ao discurso (revelados no *corpus*) e se volta para a iconicidade que envolve os neologismos formados a partir dos estrangeirismos e empréstimos linguísticos. Vale ressaltar

que Simões e Aragão (2009, p. 7) advogam, em uma nota explicativa, que: “Entendemos *discurso* como a produção de fala interativa, com finalidade comunicacional; e o texto é a materialização do discurso quer seja oral quer seja escrito”.

Em outro estudo, Simões e Aragão (2009) esclarecem o que entendem por iconicidade. Nas palavras das autoras:

O funcionalismo defende o princípio da iconicidade, que seria a existência de alguma relação entre expressão e conteúdo, partindo da premissa de que a língua reflete, de alguma forma, a estrutura da experiência. Esse princípio pode ser combinado com a iconicidade peirciana (fundada na plasticidade), pois uma e outra buscam explicar relações entre o que se pensa e o como se exprime o pensado. O que se quer é mostrar que os signos verbais representam modos de pensar o mundo e que seu potencial icônico se reflete não apenas nas relações sintáticas, mas antes na própria designação mesma dos fenômenos (v. *phaneron* em Peirce), uma vez que a ilusão da objetividade (clareza, transparência) é uma meta perseguida por qualquer falante (p. 5).

Como se percebe, o conceito apresentado por Simões e Aragão em muito se assemelha às noções trazidas ao texto anteriormente. Os argumentos também reforçam a hipótese proposta: há, de fato, uma motivação para o surgimento dos neologismos. Nota-se claramente uma tentativa de aproximação entre formas em língua portuguesa e formas na inglesa. Há adaptações morfológicas e fonéticas entre os itens lexicais, porém os sentidos permanecem os mesmos.

Em alguns casos, uma criação lexical baseada em outra língua poderia trazer problemas de sentido. É o caso da palavra inglesa *cat* (felino: gato/a). Ao traduzir, normalmente, o falante transfere a palavra *cat* para o português simplesmente por gata ou gato, porém, ao chamar uma jovem com este termo, em inglês, de modo algum isso seria um elogio. Pelo contrário, seria uma ofensa, já que a atribuição de *cat* para uma mulher significa “prostituta” e não “mulher bonita”. Para elogiar uma mulher, usa-se a palavra: *fox* (que nada tem a ver com o animal “raposa”). Os sentidos vulgares de *cat* e *fox* não se encontram em dicionários, o contexto de uso é determinante nessas situações.

Ainda sobre o fragmento de Dubois e Votre (2012), é necessário esclarecer que:

[...] O funcionalista tem *no* discurso sua fonte de dados, mas o estudo que ele se propõe a fazer se preocupa principalmente com fenômenos que ocorrem ao nível da cláusula ou ao nível de combinação de cláusulas. Este último ponto é importante. A pesquisa funcionalista que propomos não privilegia as funções sobre a forma (NASCIMENTO, 1990, p. 97); pelo contrário, ela tenta encontrar correlações entre forma e função. A hipótese central, em confronto direto com a orientação chomskyana (NASCIMENTO, 1990, p. 89), é a de que a forma é a variável dependente, e as funções são as variáveis independentes. Ambas – forma e função –

são igualmente relevantes para a construção da teoria funcionalista que propomos [...] (VOTRE; NARO, 2012, p. 45 [itálico no original]).

Nesta dissertação, essa é a postura adotada: defende-se que forma e função são igualmente pertinentes para a reflexão sobre a língua. Assim, uma forma tida como nova só pôde existir para atender uma necessidade do multissistema. O falante cria o neologismo para suprir a falta de uma forma que realize a função desejada.

Ocorre que, para criar novos rótulos, o falante não inventa arbitrariamente sequências novas de sons, mas tende fortemente a utilizar material já existente na língua, estendendo o sentido de palavras, no que Ullmann (1977) chama *motivação semântica* ('pé da mesa', 'coração da cidade'), ou criando palavras novas, pelo processo de derivação ('apagador', 'leiteiro') ou composição ('aguardente', 'para-quedas'), utilizando um mecanismo que Ullmann (1977) chama *motivação fonológica*. A esses dois junta-se um terceiro mecanismo, chamado *motivação fonética*, caracterizado pelas onomatopeias ('cocorocó', 'tilintar'), em que o som da palavra claramente imita a coisa designada (MARTELOTTA; AREAS, 2003 p. 25, [itálico no original]).

Portanto, esses três mecanismos de que falam Martelotta e Areas seriam as motivações para surgimento dos neologismos.

Ao falante é dada a possibilidade de rearranjar as formas do sistema, mesmo que a arbitrariedade do signo se apague a partir da integração deste ao multissistema. Outro conceito para neologismo é dado por Correia e Almeida (2012, p. 105), no glossário da obra *Neologia em português*:

NEOLOGISMO: unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significante-significado, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua.

Figura 03 — Conceito de neologismo (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 105)

Esta noção tem proximidade com o pensamento de Cunha (2011), mas acaba por ser mais completo. Na verdade, o neologismo é sentido na língua, nas palavras das autoras, como novidades formais ("que consiste no fato de a sua forma ser sentida como nova"), pragmáticas ("que ocorre quando uma palavra previamente usada num dado registro linguístico ocorre em outro registro da mesma língua") e semânticas ("que corresponde a uma nova associação significante-significado, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova acepção") (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 105-106).

Para esta reflexão, traz-se um pensamento que pode elucidar o conceito discutido. Nas palavras de Ferraz (2006, p. 222; 2007):

Por neologismo consideramos aqui o elemento resultante do processo de criação lexical (cf. Alves, 1990), a unidade léxica que é sentida como nova pela comunidade linguística (cf. Rey, 1976), o resultado tangível da operação de produção linguística inédita, isto é, a unidade nova capaz de ocupar espaço no léxico, introduzindo-se no uso corrente ou socioprofissional (cf. Boulanger 1989: 202), ou, finalmente, como salienta Cabré (1993: 444): *‘o neologismo pode-se definir como uma unidade léxica de formação recente, uma aceção nova de um termo já existente ou um termo emprestado há pouco de um sistema linguístico estrangeiro’* (itálico no original).

A unidade léxica gerada vem suprir uma determinada carência na língua. De algum modo, uma palavra que antes servia para explicar determinado sentido, conceito, noção ou expressão, deixa de fazê-lo, assim, uma nova unidade léxica surge para preencher a lacuna deixada pela unidade anterior. Por meio deste fragmento, cujos conceitos vieram de vários autores, pode-se entender que o neologismo não é meramente uma palavra incorporada à língua de um determinado povo, mas um elemento novo que surge a partir do contato com outra língua ou que se forma a partir de morfemas da própria língua. Quanto aos empréstimos léxicos, estes ocorrem pela assimilação de alguns traços culturais entre os mais variados povos (MONTEIRO, 2002, p. 197).

Na tentativa de elucidar as razões para o surgimento de novas palavras diante das inovações tecnológicas, Lima-Hernandes (2005) defende:

Certamente, o grande avanço alcançado pelas máquinas de escrever elétricas não lhes conferiu sucesso duradouro como sucedeu com a máquina de escrever mecânica, pois a velocidade das descobertas acentuou o ritmo das inovações e trouxe rapidamente a fase eletrônica. Na língua, o registro de algumas inovações pode ser visto em: datilografar/digitar; apagar/deletar; fazer cópia/salvar; printar; arquivar/becapear; radiola/vitrola/toca-disco/aparelho de som/disc-laser; LP/disco/CD; videocassete/DVD; mimeografar/xerocopiar/escanear, entre outras inovações tecnológicas que afligem os mais idosos (p. 141-142).

Alguns destes itens entraram em desuso (*long play*, *bolação*), outros foram substituídos (radiola/vitrola/toca-discos) ou permanecem ao lado de unidades mais recentes como é o caso do *CD* que coexiste com o *mini CD*, o *DVD* e o *Blue-ray-Disc*. Lima-Hernandes enfatiza que as mudanças na esfera social se refletem no uso. A evidência disto está nas palavras que de algum modo representam o período histórico vivenciado pela sociedade (pincenê [Do fr. *pince-nez*.] e óculos).

Outra noção sobre este assunto bastante interessante é a que se segue:

Os neologismos, que são novas unidades léxicas (orais ou grafadas) de uma língua, segundo Alves (*apud* ROCHA, 1999, p. 99), ‘pode[m] ser formado[s] por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos.’ No caso de processos autóctones, são criados através de processos de composição, derivação ou onomatopéia. Já aqueles oriundos de outra língua são normalmente nacionalizados através de acomodação gráfica e/ou fonética (MENDES; SEABRA, 2006, p. 237).

Esta noção é ampliada por Ximenes (2012, p. 116):

Os neologismos são palavras ou expressões criadas para corresponder ao que os falantes querem expressar em um determinado momento. Segundo Lapa (1998, p. 44), uma língua está sempre criando palavras para satisfazer suas necessidades, embora tenha um grande acervo a seu serviço. ‘Apesar da abundância do vocabulário, a língua necessita constantemente de criação de novas formas expressivas. Esses novos meios de expressão, inventados por quem fala e escreve um idioma, são chamados de *neologismos*’.

A formação neológica não ocorre de forma aleatória, mas sim, conforme os processos oriundos da própria língua como a derivação e a composição e através dos empréstimos de outras línguas que são também denominados de estrangeirismos.

Crê-se que a relevância dos neologismos se assenta não apenas na sua existência real na língua (o que se comprova facilmente nos fragmentos transcritos) mas também no fato de que estes novos vocábulos representam a dinâmica da língua no plano lexical. Ximenes (2012) afirma que a formação neológica não é caótica, pelo contrário, é algo sistemático, seguindo os possíveis processos de formação de palavras previstos no sistema. Inclui-se nesta lista a lexicalização como um processo altamente produtivo.

Schultz e Baccin (2010, p. 99) trazem uma visão semelhante à adotada nesta dissertação:

Em relação aos neologismos, Sablayrolles (2003, p. 224-5) diz que não importa sua procedência, como eles se formaram, quem os criou ou sua duração, o importante é que os neologismos são sempre representantes da evolução de uma língua e constituem o reflexo do pensamento dos membros dessa comunidade linguística, naquele preciso momento [...]

Tem-se, deste modo, a hipótese de que a atualização do multissistema (língua) necessita desses novos vocábulos. Nesta dissertação, buscou-se entender o percurso de formação da nova palavra, partindo de sua origem (incerta ou identificada) e considerando sua aceitação ou rejeição por parte dos falantes. O foco está na integração dessas novas unidades no multissistema. Nesta linha de raciocínio, pretende-se então, como primeira opção,

investigar os neologismos oriundos da língua inglesa, tal como a palavra *twitter*¹¹ (piar) usada igualmente como verbo em português:

(19) Eu estava twittando/tuitando!

(20) Você twittou/tuitou ontem!

(21) Vamos twittar/tuitar?

Expressões já comuns na língua portuguesa, estas formas tidas como estrangeirismos podem ser nacionalizadas (aportuguesadas), ou seja, podem sofrer algum tipo de ajustamento à língua portuguesa, tais como: *twitaço/tuitaço* (o envio de *tweets*/tuítes em grande quantidade e ao mesmo tempo), *blogueiro* (responsável por um *blog*/blogue), *uploader* (responsável por postagens na *internet* em larga escala), *hacker* (violador), *cracker* (responsável por postagens de vídeos e arquivos, invasões em sites; hábil em (des)criptografar arquivos) e *logar* (entrar na *internet*). Estes estrangeirismos, devido ao uso frequente, podem ser assimilados ao português de modo a se tornarem empréstimos linguísticos (como: *show*, *blush*, *pendrive*, *layout*, *outdoor*, *scanner*, *site*).

No período eleitoral do ano de 2014, o pastor Silas Malafaia muito se utilizou do item lexical *tuitaço* em seu *twitter*¹². Por ser uma rede social bastante usada pelos brasileiros, acredita-se que a divulgação do termo se espalhou rapidamente na internet por meio de seus *tweets*.

Por mais que o pastor não seja o criador do termo, visto não se saber a sua procedência, ele conseguiu divulgar o termo com grande impacto. Eis duas passagens:

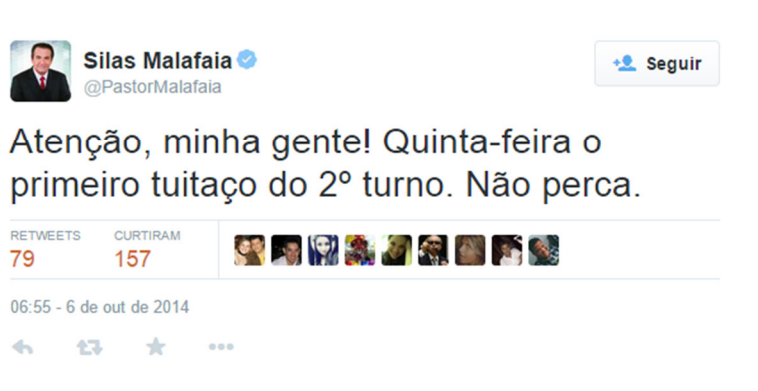


Figura 04 — *Twitter* do pastor Malafaia (06h55min – 06 de out de 2014)

¹¹ Verbete *twitter* (sentido: “gorjear”). In: **Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês (português-inglês/inglês-português)**. Brazil: Oxford University press, 2007, p. 710.

¹² O perfil do pastor pode ser visualizado em: <https://twitter.com/pastormalafaia>. Acesso em: 15 mar. 2015.

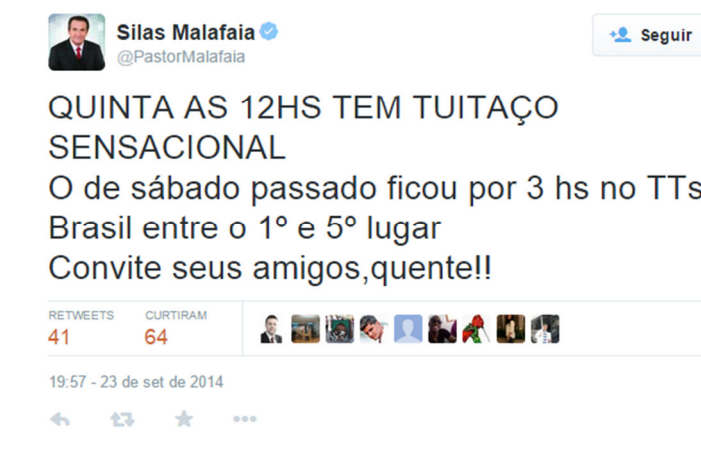


Figura 05 — Twitter do pastor Malafaia (19h57min – 23 de set de 2014)

O pastor reunia, até essa data, cerca de 870 mil seguidores em seu *twitter*, com mais de 19,4 mil *tweets*; o que significa, de fato, que os dois exemplos citados foram visualizados pela maior parte de seus seguidores. Assim sendo, pode-se supor que a palavra *tuitaço* tenha sido vista por 867 mil pessoas ao mesmo tempo, ou seja, o número real tenha sido bem maior que esse, já que é possível visualizar os *tweets* de alguém mesmo que não se tenha uma conta no aplicativo *Twitter*.

Sobre os empréstimos da língua inglesa, tal como *twitter* e *tweets*, vale ressaltar a opinião de Monteiro (2002, p. 198):

Assim sendo, cada vez mais se empregam no Brasil termos de procedência inglesa, mesmo quando existem substitutos vernáculos. Em geral, são vocábulos ligados à ciência e tecnologia, ao comércio e meios de produção industrial. A cada dia que se passa, tornam-se familiares aos brasileiros palavras relacionadas à informática, como *boot*, *chip*, *input*, *kit*, *layout*, *loop*, *megabyte*, *scanner*, *windows*, *word*, *dos*, *bit*, *cd-rom*, *slot*, *spooling*, *capslock*, *mouse*, *enter*, *software*, *modem*, *reset*, *microsoft* etc. etc. Isto afora os inúmeros decalques ou neologismos do tipo *caractere*, *inicializar*, *acessar*, *resetar*¹³ ou *internetar-se*. Já ouvimos até *printar* e *endar*. Tudo com a maior naturalidade (itálico no original).

Como se percebe nas palavras de Monteiro, neologismos como: *caractere* (no sentido de letra/letras), *inicializar* (iniciar; recomençar), *acessar* (ter permissão pra fazer a algo; entrar), *resetar* (iniciar outra vez; recomençar; reiniciar), *internetar-se* (voltar-se inteiramente para a internet) e *printar* (fotografar; tirar foto; pintar; colorir; fazer uma imagem de algo) são cada vez mais frequentes na língua portuguesa. Assim, sua inclusão na lista de empréstimos não tardará.

¹³ No texto original essa forma está escrita *resetar*, com apenas um - s. O sentido desse item lexical é *reiniciar*. Os outros neologismos desse fragmento estão relacionados à informática.

Em opinião voltada para o debate sobre os neologismos no ensino de língua portuguesa, Correia e Almeida (2012) parecem estar preocupadas com a crescente importação de palavras de outras nacionalidades, em especial, os ditos “anglicismos” (da língua inglesa):

Os neologismos resultantes de importação deveriam ser, em nosso entender, alvo de uma atenção redobrada por parte das autoridades linguísticas. Se essa atenção não se verificar, essas unidades poderão vir a provocar perturbações no sistema fonológico, morfológico ou ortográfico da língua de acolhimento, tanto mais graves quanto maior for a divulgação que o termo tiver (p. 74).

Contrário a isso, defende-se que a importação de palavras de outros idiomas não afeta (negativamente) o idioma de acolhimento, pelo contrário, o léxico será ampliado e os falantes terão cada vez mais o material linguístico expandido, permitindo, assim, o surgimento de outros neologismos antes impossíveis por falta deste material na língua.

Correia e Almeida estão equivocadas quanto ao que, de fato, seriam os resultados dessa importação. A preocupação das autoras se refere basicamente ao estudo da ortografia. Para elas, as variações ortográficas dos empréstimos ou estrangeirismos é um problema que perturbaria o sistema. A ortografia é uma representação artificial e não abrange todas as possibilidades da língua. Os exemplos que as autoras mostram: “hambúrguer” / “hamburger” / “hamburga” (em Portugal) e “hamburger” / “hambúrguer” (em Português) são representações artificiais das formas.

O ensino de um idioma não deve se prender a este tipo de questão, pois na própria língua, podem haver (e as há) inúmeras dissonâncias relativas à ortografia (veja-se a questão do fonema /s/ e suas múltiplas representações gráficas). No Português, inclusive, há diferenças entre os acordos ortográficos anteriores e o que está em vigor atualmente. Palavras como “pinguim” era grafada “pingüim”, “ideia” era “idéia”, “autorretrato” era “auto-retrato”, entre muitas outras, que foram alteradas, mas que ainda causam embaraços. Portanto, os problemas nascem no interior da língua; as questões ortográficas que emergem dos estrangeirismos e dos empréstimos perdem relevância ante os sucessivos acordos.

É importante notar que com o surgimento de neologismos na língua em uso, mais o léxico se amplia. Sobre o assunto, Biderman (1978, p. 139) fala da ampliação do léxico e ressalta a importância dos falantes:

[...] Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta

que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Nota-se, portanto, que o léxico, longe de ser um sistema fechado, inflexível, é um sistema bastante maleável que sofre constantemente as pressões do uso. Sobre este mesmo assunto, Ferraz (2007, 134) argumenta:

A expansão lexical de uma língua geralmente ocorre por meio da reciclagem do material lexical já existente, isto é, a formação de palavras novas numa língua resulta do aproveitamento de fragmentos de material lexical, reconhecido por padrões gerais de estruturação, em novas construções.

Tempos depois, Contiero e Ferraz (2014, p. 46) reforçam esta tese:

A expansão do léxico de uma língua se dá pela incorporação de novas unidades que surgem nos atos de fala, por meio de variados processos de formação de palavras novas, os neologismos lexicais, que tanto podem ser uma unidade de formação recente, uma acepção nova de uma forma lexical já existente ou ainda um empréstimo lexical do sistema linguístico de outra língua natural.

É, portanto, este o caminho seguido nesta dissertação. É evidente que há relevância na entrada de novas palavras, pois estas servem para o (re)ajustamento do multissistema.

Ainda sobre a ampliação do léxico, Biderman (1978, p. 158) ressalta que:

O léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico se ampliará sempre. Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexequível.

A autora tem toda razão quando nega a possibilidade de que um lexicólogo consiga registrar todas as palavras de uma língua em dicionários, por maiores que sejam (ou que sejam divididos em volumes). É impossível abarcar e coletar essas informações, haja vista que a todo instante, novas palavras surgem. A prova disso é que nos últimos meses, o neologismo *Faceglória*¹⁴ está entrando no uso. E tem servido a discussões até em páginas jornalísticas¹⁵.

¹⁴ Site de relacionamento exclusivo para evangélicos. Esta “ferramenta de comunicação”, como diz o próprio site, foi criada em 04 de junho de 2015. Ver: <http://facegloria.com/index.php?r=user/auth/login>. Acesso em: 19 jul. 2015.

Diante do que foi dito, o conceito de neologismo proposto nesta dissertação é o que segue: neologismo será toda e qualquer unidade lexical formada a partir de uma forma/função que foi motivada a existir, ou seja, é uma criação icônica, constituída em suprimento de lacuna de um signo linguístico no multissistema. Este elemento é formado com o material linguístico existente na própria língua ou advindo de outros idiomas, formados a partir de empréstimos linguísticos ou estrangeirismos modificados.

Finalmente, cabe aqui apontar os tipos de neologismos existentes na língua. Além da classificação feita por Biderman (1978), Carvalho (2006) aponta três tipos:

(1) **Neologismo conceptual ou semântico** — este tipo é caracterizado pela modificação semântica de uma palavra já existente, com uma possível ampliação do campo semântico ou a assunção de polissemia de sentidos;

(2) **Neologismo formal ou lexical** — consiste na palavra nova que entra em uma dada língua (em forma de empréstimo ou termo vernáculo);

(3) **Neologismos populares** — são as gírias (variações) de uso comum entre os falantes de uma mesma comunidade.

A classificação de Carvalho é bastante esclarecedora. Nela se encontram os neologismos mais variados que uma língua pode apresentar. Semelhante a essa categorização de Carvalho, Ximenes (2012) assim define as categorias:

- i) **Neologismos sintáticos;**
- ii) **Neologismos semânticos;**
- iii) **Neologismo formado pela aglutinação;**
- iv) **Neologismos por empréstimos.**

Tendo em vista uma exposição pormenorizada destas categorias, optou-se por apresentá-las na seguinte tabela:

¹⁵ A empresa de Mark Zuckerberg, *Facebook*, pretende processar a rede social brasileira de nome *Faceglória*. A acusação é de plágio de nome e estrutura de site. Há outras polêmicas envolvendo esta rede social. *Faceglória* é uma espécie de *Facebook* evangélico, diz reportagem do G1. Ver: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/06/facegloria-exige-que-so-cristao-entre-no-site-e-cria-equipe-caca-beijo-gay.html>. Acesso em: 19 jul. 2015.

Neologismos sintáticos
São muito fecundos e supõe-se a combinatória dos elementos já existentes na língua. Para a autora [Alves, 1994] os neologismos sintáticos são formados pela derivação prefixal e sufixal, pela composição coordenativa e subordinativa e pelas siglas ou acronímicos. São denominados sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita apenas no âmbito lexical, mas também no nível frásico havendo uma alteração na classe gramatical da palavra-base, ao ser acrescentado um prefixo ou um sufixo (p. 118).
Neologismos semânticos
Ocorrem quando há uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica, ou seja, o léxico continua o mesmo, mas o sentido passa a ser diferente. Um exemplo muito significativo é a lexia <i>gato</i> que não designa mais só o felino, mas um homem bonito. Da mesma forma a palavra <i>avião</i> não é somente um meio de transporte aéreo, mas uma mulher bonita e elegante que passa a ser designada pela mesma lexia (p. 119).
Neologismo formado pela aglutinação
Neologismo formado pela aglutinação dos elementos que Alves (1994) denomina de palavra-valise. Nesse processo há também uma redução das bases que compõem o léxico ou apenas uma delas perde uma parte para que haja o encaixe de outra base formando a palavra nova (p. 119).
Neologismos por empréstimos
Consiste no emprego de um elemento léxico de outro sistema linguístico. Inicialmente, é sentido como externo ao vernáculo da língua receptora, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma. Dessa forma, é denominado de estrangeirismo. É diferente dos processos autóctones da língua, o que para muitos autores constituem um barbarismo. A etapa neológica do estrangeirismo dá-se quando o elemento externo ao léxico vernacular passa por fases de adaptação à língua receptora. Os empréstimos são, pois, estrangeirismos que passaram por processos de adaptação que podem ser de natureza gráfica, morfológica ou semântica. Apesar de serem rejeitados por muitos defensores do idioma pátrio, os empréstimos estão presentes na nossa língua diariamente, provindos, principalmente, do inglês por via de vários meios, sendo mais fecundos os sistemas de comunicação e a tecnologia (p. 119-120).

Tabela 05 — Categorização de neologismos (adaptação do texto de XIMENES, 2012, p. 118-119)

Tomar-se-á esta segunda categorização como fonte de consulta, visto que suas noções servem para esclarecer o quanto o léxico pode variar. É uma exposição mais abrangente do que as de Biderman (1978) e de Carvalho (2006). A proposta de Ximenes (2012) mostra que os neologismos podem resultar de uma variedade de mudanças dos elementos da língua, ou unindo-se com elementos linguísticos de outras. Defende-se que a lexicalização atua em todos esses casos por meio da capacidade criativa do falante. O falante faz uso de suas habilidades comunicativas e por meio desse processo de criação lexical, enriquece a língua com uma nova roupagem.

Os dois conceitos-chave (*léxico* e *neologismo*) e as demais informações aqui reunidas serviram para a elaboração dos fundamentos sobre a lexicalização, assunto tratado no próximo capítulo. O capítulo seguinte também apresentará discussões acerca de como a Linguística Funcional trata esse processo de criação lexical.

3.2. Lexicalização: o processo de criação lexical

Apresentadas as definições de léxico e neologismo, são então discutidas as noções do que seja a *lexicalização*. Para muitos autores, a tarefa de definir um termo como este é algo difícil devido à complexidade que o envolve. Outros autores, como Villalva e Silvestre (2014) preferem afirmar que:

A lexicalização é habitualmente vista como um processo gradual de perda de composicionalidade. No domínio das palavras, a composicionalidade é uma propriedade que diz respeito ao modo como os seus diferentes constituintes contribuem para o todo, quer do ponto de vista formal que do ponto de vista semântico. Pode-se, então, admitir que as palavras que estão registradas no léxico são as palavras lexicalizadas, ou seja, são as palavras complexas que não têm uma estrutura composicional (p. 142-143).

De acordo com as palavras desses autores, a lexicalização envolve itens cuja composicionalidade fica comprometida, ou seja, as unidades lexicalizadas apresentam a perda de composicionalidade (de modo que quanto mais lexicalizada for uma estrutura mais difícil será a identificação das partes que a compõem). Dito de outro modo:

[...] As palavras complexas podem ter uma estrutura composicional, refletida na relação previsível que se estabelece entre o todo e as partes, mas podem também ter essa relação perturbada por razões de natureza formal ou semântica ou por uma combinação de ambas (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 143).

Em momento anterior, foi trazida ao texto uma discussão pertinente desses autores sobre a competência lexical dos falantes, interligando esta competência ao processo de criação lexical, da seguinte forma:

[...] deve também entender-se como competência do léxico a **lexicalização** de estruturas complexas. Vista como um processo de perda de composicionalidade, a lexicalização é provocada por mudanças sofridas na forma dos constituintes ou nas suas propriedades semânticas. Por outras palavras, a lexicalização é um processo de redução de estruturas complexas a estruturas simples (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 29 [negrito no original]).

Assim definida a lexicalização, entende-se que a perda de “composicionalidade” se refere àquelas unidades lexicalizadas das quais não se pode mais identificar as unidades que a formaram. Martelotta (2011) dá os seguintes exemplos: *diálogo de surdos*, *casa de festa*, *Maria-sem-vergonha* e *pé de moleque*. Nestes casos, as palavras que compõem as unidades

lexicalizadas perderam a significação própria, passando a significar outra coisa. Isto é, os elementos estão mais integrados e os sentidos são menos previsíveis se vistos unidos.

Por outro lado, para Castilho (2003b, p.10):

Lexicalização é a criação das palavras via seleção de propriedades cognitivas e de traços semânticos derivados, processando-se sua misteriosa concentração numa forma [...] As diferentes classes de palavras, ou categorias lexicais, são o produto resultante da lexicalização.

Nessa perspectiva, entende-se que o produto gerado pela lexicalização nem sempre será compreendido. Por exemplo, tomando-se apenas a forma final na expressão *jogar verde*, as duas formas perdem seus sentidos originais e integram-se para significar *insinuar*; outro caso é *faz-tudo*. Não se pode, neste caso, tomar o sentido das palavras *faz* e *tudo*, isoladamente, é preciso entender o sentido global. Existe profissional que se apresenta como *faz-tudo*, porque pode realizar inúmeras tarefas como reparos elétricos e hidráulicos; limpeza de fogão, caixa d'água, cisterna, piscina; serviços de pedreiro etc.

Em uma releitura de Castilho (2003b), Fortunato (2008, p. 1396) afirma que:

A **Lexicalização** seria o processo de criação das palavras por seleção de categorias cognitivas e de traços semânticos derivados, processando-se sua concentração num dado item, o qual é composto por um conteúdo semântico e uma sequência fonológica. Uma vez criadas, as palavras passam por alterações em suas categorias e subcategorias cognitivas, tanto quanto em seus papéis semânticos (negrito no original).

Percebe-se nas palavras de Fortunato que a lexicalização é um processo produtivo, visto que as palavras formadas por esse processo podem assumir múltiplas funções. Outro modo de entender a lexicalização seria tomá-la como um processo que permite o surgimento de unidades lexicais, com novos sentidos ou ainda, o processo de criação lexical, como aponta Castilho (2003a; 2003b).

Em outras palavras, como ressalta Castilho (2003a, p. 17; 2003b, p. 5), “[...] A lexicalização será, assim, o processo de criação de itens, dispostos com maior ou menor clareza nas classes de palavra ou categorias lexicais”.

Diferentemente dos autores apontados, Alves (2006) traz outras definições sobre o termo. Conforme a autora:

Empregamos lexicalização em duas acepções. De acordo com a primeira, mais difundida, o fenômeno é definido como: ‘processo linguístico que transforma um agrupamento livre num agrupamento estável, isto é, que solda uma série de

morfemas para deles fazer uma única unidade lexical' (GALISSON; COSTE, 1983, p. 431).

Em uma acepção mais restrita, o processo, em oposição a gramaticalização, inclui, também, a passagem de um morfema gramatical para o estatuto de unidade lexical. Desse modo, um formante prefixal como micro- (< microcomputador), que passou a ser empregado em função substantival desde o final da década de 90, com o desenvolvimento da Informática, sofreu o processo da lexicalização. Para Bally (apud DUBOIS et al., 1978, p.362), a lexicalização representa um processo de 'desgramaticalização', um processo que favorece o léxico às custas da gramática' (ALVES, 2006, p. 139-140).

A partir dessa visão torna-se necessário esclarecer que a lexicalização no sentido mais restrito não indica um mero processo que representa o inverso da gramaticalização, fato esse discutido por Martelotta (2011). O que Alves denomina como "desgramaticalização" diz respeito ao favorecimento que esse processo dá ao léxico em detrimento à gramática. Contudo, Alves evidencia a importância deste processo para a formação de novas unidades lexicais.

Os conceitos arrolados até este momento ainda não esclarecem totalmente o fenômeno da lexicalização. É necessário ir mais além. Martelotta (2011) propõe outra visão. Segundo esse autor

A lexicalização é normalmente definida como um processo criador de novos elementos lexicais, modificando ou combinando elementos já existentes. Embora tenha muito em comum com a gramaticalização, existem motivos que levam alguns autores a tratarem esses dois processos como distintos e essa é a visão que adotaremos aqui. Enquanto gramaticalização leva o elemento a assumir função gramatical, funcional, não referencial, tornando-o mais produtivo, a lexicalização cria um elemento lexical, referencial, menos produtivo (MARTELOTTA, 2011, p. 117-118).

Com base nesse fragmento, nota-se a distinção que há entre gramaticalização e lexicalização. Não se pode dizer que estes processos representam um o inverso do outro, porque não o são. São fenômenos distintos.

Martelotta esclarece que a noção de lexicalização envolve a formação de um elemento lexical (ou em outros casos, um provável neologismo), já na gramaticalização, o resultado é um elemento gramatical ou a passagem de elemento gramatical para mais gramatical. Sabe-se que a gramaticalização privilegia:

A trajetória dos elementos linguísticos do léxico à gramática (ex.: *verbo pleno* > *verbo auxiliar*); a trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais, como o de categorias invariáveis para categorias flexionais (ex.: *menos* > *menas*) (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 51 [itálico no original]).

Todavia é preciso esclarecer que a posição aqui adotada rejeita o que o Martelotta diz no final do fragmento citado na página anterior (MATELOTTA, 2011, p. 117-118), pois nesta dissertação defende-se que o elemento lexical originado pela lexicalização é produtivo, tendo em vista que supre uma determinada necessidade.

Embora a gramaticalização apresente maior frequência em relação à lexicalização, divergimos de Martelotta. Os resultados das amostras coletadas para constituir o exemplário revelam certo grau de produtividade, mostram-se significativos. O elemento novo é criado para servir a um fim. A polissemia é um bom exemplo disso.

Para reforçar a noção de lexicalização adotada, é preciso retornar ao sentido formulado por Brinton e Traugott (2005, p. 96), recentemente traduzido por Cambraia, Ramalho e Stradioto (2011, p. 34-35). Eis o fragmento no qual se tem a distinção entre lexicalização e gramaticalização:

Lexicalização é uma mudança na qual em certos contextos linguísticos os falantes usam uma construção sintática ou formação de palavra como uma nova forma portadora de conteúdo com propriedades formais e semânticas que não são totalmente deriváveis ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou do padrão de formação de palavra. Com o passar do tempo, pode haver perda de consistência interna e o item pode torna-se mais lexical.

Gramaticalização é uma mudança na qual em certos contextos linguísticos os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Com o passar do tempo, o item gramatical resultante pode tornar-se mais gramatical adquirindo funções mais gramaticais e expandindo suas classes-hospedeiras.

Estas definições são tidas como referências para muitas outras, dada a importância de Brinton e Traugott para os estudos sobre a gramaticalização e lexicalização. Ambos os processos são diacrônicos. Neste caso, as noções apresentadas por esses estudiosos se referem aos fenômenos investigados. Assim sendo, nota-se que a lexicalização permite o (re)ajustamento da língua, de modo que as formas que a compõem estão sempre se renovando a partir de estruturas próprias ou com a inserção de formas oriundas de outras línguas, no caso dos empréstimos.

Entende-se que a mudança que ocorre na língua por meio destes processos não é instantânea, mas gradual. Conforme aponta Martelotta (2011, p. 118) o “*Output* [ou seja, o elemento linguístico formado] [...] é um item lexical (de caráter representacional) armazenado no inventário e que tem de ser aprendido pelos falantes [...]”. A razão para isso é que os falantes, frequentemente, não conseguem identificar as partes que constituem uma determinada construção. Em outros termos “[...] Isso significa que seu valor, não sendo previsível a partir de seus elementos constituintes, apresenta alto grau de idiomaticidade [...]”.

Os itens lexicais podem, portanto, apresentar alto grau de complexidade, pois são itens representacionais combinados em “uma escala de lexicalidade” (MARTELOTTA, 2011, p. 118). Por fim, ressalta o autor:

Essa escala pode variar de um nível mais baixo de lexicalidade, como ocorre em sintagmas idiomáticos fixos, do tipo *diálogo de surdos* (conversa, ou mais comumente discussão, em que os interlocutores não se entendem), ou em *casa de festa* (espaço — não necessariamente uma casa — alugado para festas normalmente infantis ou juvenis), até um nível mais alto de lexicalidade, como ocorre nas formas compostas e derivadas do tipo *maria-sem-vergonha* (um tipo de flor), *pé de moleque* (tipo de doce), que, além de mais integrados, apresentam um sentido menos previsível a partir de seus constituintes (MARTELOTTA, 2011, p. 118-119).

Com base no fragmento anterior, é possível dizer que os itens lexicalizados apresentados dificilmente terão os mesmos sentidos se separados uns dos outros. Cada uma das unidades léxicas apresenta significação própria em cada contexto de uso. O excerto de Martelotta também esclarece o que já foi trazido da ótica de Villalva e Silvestre (2014) sobre o tema.

Nessa mesma passagem, Martelotta explica que a diferença entre a lexicalização e outros processos de formação de palavras decorre do fato de que a mudança que ocorre pela lexicalização é lenta e gradual, enquanto que a mudança que ocorre, por exemplo, por meio da derivação, composição ou conversão, seria somente uma “instantânea” cada uma delas.

A lexicalização não é um processo que reflete o inverso da gramaticalização. Os contraexemplos revelados por meio dos itens lexicalizados apresentados não são versões distorcidas dos itens gramaticalizados, são, na verdade, resultados de um processo distinto. Tampouco a unidirecionalidade do processo de gramaticalização está sendo questionada. Pode-se concluir que ambos os processos são motivados, em regra, tanto por fatores cognitivos quanto por fatores comunicativos e apresentam características diferentes. A lexicalização não é uma reversão da gramaticalização:

Seu argumento [isto é, da gramaticalização] se baseia na ideia de que uma reversão desse tipo seria logicamente impossível, dados os tipos de mudança fonológica e apagamento de fronteiras envolvidas no desenvolvimento do processo de gramaticalização. Levando em conta a ocorrência de fusão fonética, perda de sentido e composicionalidade, ampliação de contextos e outros traços que marcam gradualmente o processo de gramaticalização [...] (MARTELOTTA, 2011, p. 119-120).

Por isso, na gramaticalização, é tão difícil percorrer e recuperar os sentidos de determinadas construções. Já na lexicalização, os sentidos podem ser compreendidos a partir

dos contextos de uso. Mesmo que haja formas com mais de uma função semântica, é possível recuperar o sentido levando-se em consideração o uso naquele dado momento do discurso. Em uma abordagem funcionalista, o ideal é fazer uma investigação que leve em consideração tanto os aspectos sincrônicos quanto diacrônicos. Isto é, a adoção de uma perspectiva pancrônica, que possibilitará uma visão mais abrangente sobre os dados analisados.

Uma definição sucinta desse processo é feita por Correia e Almeida (2012, p. 104):

LEXICALIZAÇÃO: processo pelo qual determinadas unidades construídas em outros componentes da gramática (sintático, morfológico, discursivo) se transformam em unidades lexicais que se fixam na língua, passando a funcionar como unidades lexicais de pleno direito. Exemplos: *saída* (lexicalização flexionada), *pena de morte* (lexicalização de sintagma), *sobe e desce* (lexicalização de sequência discursiva).

Figura 06 — Conceito de lexicalização (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 104)

O resultado desse processo pode ou não ser um neologismo. As unidades lexicalizadas geradas pela lexicalização, quase sempre, dependem do contexto de uso para que possam ser compreendidas. Conforme o exemplo anterior, a unidade *saída* não é verbo, mas substantivo. A função de substantivo também pode ser percebida nas sentenças a seguir:

- (22) Alguns clientes que buscavam a saída do shopping;
- (23) Precisamos encontrar uma saída desta sala;
- (24) Vou te aguardar na saída do prédio etc.

O mesmo pode ser visto nos fragmentos do CCB, nos quais o item lexical *saída* terá a função de substantivo:

Fragmento (CCB 019)	<p>: A placa rodoviária que diz «Não ultrapasse 60 km / h» é um exemplo; a indicação « saída » em locais públicos é outro.
Fragmento (CCB 020)	<p>: O maior deles é a estrada Bonita, no km 20 da Br-101, saída para Curitiba.
Fragmento (CCB 021)	<p>: Os outros trechos perigosos são a saída das marginais de São Paulo até Arujá e a saída do Rio.
Fragmento (CCB 022)	<p>: Os talões serão distribuídos na saída do estádio e nas compras de ingressos por telefone ou na rede Pão-de-Açúcar.
Fragmento (CCB 023)	<p>: A rua Tiradentes, onde fica a porta de saída do vestiário santista, teve o acesso bloqueado por veículos e cordões de homens da PM.

Tabela 06 — Item lexical: *saída*

Algumas unidades lexicalizadas apresentam sentidos que diferem da unidade não lexicalizada, caso essa unidade este inserida numa expressão cristalizada. A unidade *barraco*, normalmente, apresenta o sentido de: *casa, habitação de madeira ou papelão, casebre* etc., como em:

(25) Meu barraco é pequeno, mas todos dormem lá!

(26) Tenho um barraco na periferia de Fortaleza!

(27) Lá no meu barraco mora eu e minha mulher e filhos!

Porém, ao ser empregado como unidade lexicalizada (dentro de uma expressão já cristalizada), o sentido se altera, passa a significar *confusão, bate-boca, querela* etc. O verbo empregado em uma expressão cristalizada é, quase sempre, *armar, aprontar, dar* ou *fazer*; como nestes exemplos do CCB:

Fragmento (CCB 024)	<p>: Mas, já que Clinton precisa armar um barraco para mostrar que sabe colocar ordem no quintal ou, quiçá, para engendrar uma operação que dê o Nobel da paz a Jimmy Carter, não seria mais eficiente que sua auto-afirmação fosse testada contra algum ditador que se preze, tipo Fidel Castro, Fujimori ou, até, Deng Xião Ping ?
Fragmento (CCB 025)	<p>: Para a arquiteta Carina S., 26, uma única saída com um rapaz foi o suficiente para ela «armar o barraco »."
Fragmento (CCB 026)	<p>: Só entra ali quem já sabe o que significa que tal assunto «pode dar o maior barraco » ou quem não se espanta quando o apresentador diz enfaticamente «fala, garoto», mesmo sabendo que o tal garoto não tem nada para falar.
Fragmento (CCB 027)	<p>: O que o Lula está esperando para armar um barraco ?
Fragmento (CCB 028)	<p>: Inspirada no esquentado jogador do Palmeiras, serve para designar briga, barraco .

Tabela 07 — Item lexical: *barraco*

Nos fragmentos CCB 024, CCB 025 e CCB 027 a expressão cristalizada se repete: *armar um barraco, amar o barraco* e *amar um barraco*, respectivamente. Em CCB 026 lê-se: *dar o maior barraco*. Na amostra CCB 028, o sentido *confusão, bate-boca* ou *querela* são evocados e esse sentido é explicado no próprio contexto: *serve para designar briga, barraco*.

Os dados apresentados e descritos até o momento já permitem vislumbrar que a lexicalização, longe de ser um processo improdutivo, mostra-se um fenômeno frutífero para o léxico da língua portuguesa, sistema-objeto dessa dissertação. Todavia, faz-se necessário compreender até que ponto este processo enriquece o multissistema.

Chega-se, assim, a outra definição de lexicalização, sendo essa, de certo modo, uma síntese das anteriores:

A Lexicalização é o processo de criação das palavras, por meio da etimologia (lexicalização ocorrida na língua-fonte), neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo), derivação (lexicalização ocorrida no interior da língua alvo, por meio do desdobramento de itens previamente existentes), ou por meio de empréstimo lexical (lexicalização ocorrida por contacto linguístico) (CASTILHO, 2014, p. 91).

Com base nas palavras de Castilho, é possível compreender que a lexicalização origina um conjunto de palavras das quais se pode identificar as origens: etimológicas, neológicas, derivacionais e lexicais. A lexicalização é sistemática e por isso propicia a rotinização de formas, permitindo, deste modo, o enriquecimento do léxico.

Feitas estas primeiras considerações acerca desse fenômeno, impõe-se refletir sobre os tipos de lexicalização existentes, definindo-os conforme postulações de alguns autores selecionados, entre os quais se destacam: Correia e Almeida (2012), Gonçalves (2011) e Ferrari Neto (2011). No subcapítulo que se segue, serão apresentadas as tipologias desse processo, tendo em vista a escolha daquela(s) categoria(s) que deram suporte a esta dissertação. No fim dessa parte será proposta uma definição do processo com base nas discussões apresentadas.

3.3. Tipos de Lexicalização

Ao discutirem os “processos disponíveis para a inovação lexical”, Correia e Almeida (2012, p. 59) apontam entre outros processos, a lexicalização, ao lado da derivação e composição. As autoras argumentam que:

Por ‘lexicalização’ (que é um conceito extremamente polissêmico) entende-se, neste trabalho, o processo pelo qual determinadas unidades construídas em outros componentes da gramática (sintático, morfológico, discursivo) se transformam em unidades lexicais [exemplos: os sintagmas, as unidades flexionadas (*olhar*), ou as unidades discursivas (*para-arranca*)], que se fixam na língua, passando a funcionar como unidades léxicas de pleno direito (itálico no original).

É preciso esclarecer, em primeiro lugar, que as unidades lexicais se fixam, não no sentido de enrijecimento da língua, mas no sentido de que estas unidades passam a representar sentidos a partir das estruturas que as formam. Em segundo, entende-se que uma unidade sintática, semântica ou discursiva se torna uma unidade lexical a partir destas estruturas.

Um destes fenômenos é o de nominalização deverbal, do tipo de *olhar*^N ou *comer*^N. A não inclusão desses casos na conversão deve-se ao fato de se considerar que a forma de infinitivo do verbo é uma forma flexionada do mesmo e não o seu radical derivacional.

olhar^V *olhar*^N (‘o olhar’).

comer^V *comer*^N (‘aquilo que se come’) (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 59 [itálico no original])

Os exemplos comentados pelas autoras são chamados de *lexicalização de formas flexionadas* e neles são percebidas semelhanças entre a forma do verbo (olhar e comer) e as respectivas nominalizações (olhar e comer). A nominalização é uma substantivação do verbo, porém, isso não deve ocorrer com qualquer verbo. Não seria possível com o verbo *morrer* em determinados contextos de uso, já que a substantivação para este verbo teria que ser a palavra *morte*. Vejam essas situações:

(28) O morrer do homem é algo triste. (seria preferível: A morte do homem é algo triste);

(29) O morrer dos animais no sertão é algo lamentável. (seria preferível: A morte dos animais no sertão é algo lamentável);

(30) Morrer, isso deve doer bastante, não acha? (neste caso o sentido é aceitável).

Outro tipo de lexicalização de que tratam as autoras é a de *sintagmas*. Esta é definida nestes termos:

Dá-se o nome de composto sintagmático àquele que resulta da lexicalização de determinados sintagmas da língua (exemplos: *casa de saúde*, *boletim de ocorrência*, ou *banana-nanica*).

A estrutura dessas unidades lexicais é regida pelas regras da sintaxe da língua, mas aquilo que nelas é imprevisível é quais os sintagmas que se lexicalizarão, dentre todos os possíveis, dado que tal fato é determinado por necessidade denominativas independentes da língua (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 60-61 [itálico no original]).

Neste segundo tipo, encontram-se algumas amostras que são estruturadas sintaticamente, de modo que o componente sintático passa a ser um componente lexical, redefinindo o valor do componente na estrutura. Em alguns casos há uma especificação do sentido: *amor-perfeito*, *baba de moça*, *queda livre*, *bom-bocado*, *sala de jantar* entre outros (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 61).

A lexicalização de sintagmas pode revelar uma estruturação que visa a definição ou conceituação de um termo. Por isso:

A composição sintagmática é muito frequente nas terminologias científicas e/ou técnicas, dado que muitas vezes a denominação de um conceito funciona como um sintagma definidor do mesmo. Esse fato verifica-se frequentemente na adaptação de termos estrangeiros à língua portuguesa (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 61).

Esse tipo de lexicalização tem alta frequência nas acepções de termos, sejam técnicos, jurídicos, científicos ou etimológicos, em dicionários (monolíngues, bilíngues, trilingues etc.). As autoras apontam que a definição em si torna o sintagma detentor do sentido do termo.

Há um terceiro tipo, a *lexicalização de unidades discursivas*, que é assim explicada: “Algumas unidades lexicais resultam da lexicalização de unidades discursivas (frases e partes de frases) que passam para o componente lexical, assumindo a categoria morfossintática de nomes, trazendo as suas marcas flexionais”. Segundo as autoras, apesar deste processo não ser muito produtivo, apresenta alguns casos: *dois em um*, *maria vai com as outras*, *bom de bico*, *vaivém*, *pisca-pisca* e *para-arranca* (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 62).

Em outro modo de classificação, com base na releitura da obra *English word formation* de Larry Bauer (1983), Gonçalves (2011, p. 38) afirma existirem quatro tipos de lexicalização: (1) a categorial (ou sintática), (2) a estrutural, (3) a rizomorfêmica e (4) a semântica.

A lexicalização categorial (ou sintática) está assim definida por Gonçalves (2011, p. 38):

Uma lexicalização é categorial (ou sintática) quando se observa irregularidades na categoria lexical estabelecida como *input* para um processo de formação. Com base na proposta de Basílio (1980), dizemos ocorrer lexicalização categorial quando construções morfológicas que não condizem com a especificação lexical prevista por uma Regra de Análise Estrutural (doravante ERA) [...] (itálico no original).

Como exemplos disso, tem-se o emprego de alguns verbos específicos, mais o sufixo -*dor*, formando assim um substantivo que em geral se refere às profissões. Ex.: trabalhar (trabalhador/a), vender (vendedor/a), lutar (lutador/a), jogar (jogador/a) e assim por diante. Já a lexicalização estrutural, o autor (2011, p. 39) põe nestes termos:

Um segundo tipo de lexicalização é a estrutural. Nesse caso, observa-se anomalia não na categoria lexical da base, mas na estrutura do vocábulo quanto à sua constituição fonológica. A RFP (32) generaliza o fato de substantivos serem formados a partir de verbos com o acréscimo do sufixo -*ção*.

Há, conforme o autor, substantivos que permitem claramente a identificação da base verbal, como em: *celebração* (verbo *celebrar* mais o sufixo -*ção*, retirando o -r final) e *inibição* (verbo *inibir* mais o sufixo -*ção*, retirando o -r final).

A lexicalização rizomorfêmica é revelada nos seguintes exemplos:

(35)	estrela	estelar	lua	lunar
	vida	vital	lei	legal
	estômago	estomacal	coroa	coronal
	mão	manual	boca	bucal

Nos exemplos em (35), temos o que Bauer (1983) chama de lexicalização rizomorfêmica, uma vez que há irregularidades nas formas de base. O mesmo tipo de desvio é encontrado em vocábulos como ‘petrificar’ e ‘visão’, nos quais a forma do radical – ‘*petr-*’ e ‘*vis-*’ – não correspondente à das palavras de que derivam (‘pedra’ e ‘ver’) [...] (GONÇALVES, 2011, p. 41, [itálico no original]).

Figura 07 — Lexicalização – Rizomorfêmica (GOLÇALVES, 2011, p. 41)

Nesse excerto, encontram-se amostras que deixam transparecer a evolução morfológica que sofreram estas palavras de origens latina, celta (latinizada) e grega (latinizada), nesta ordem: estrela (lat.: *Stella*, -*æ*), vida (lat.: *Vita*, -*æ*), mão (lat.: *Manus*, -*us*), lua (lat.: *Luna*, -*æ*), coroa (lat.: *Corona*, -*æ*), boca (cel.: *Bucca*, -*æ*), lei (lat.: *Lex*, *Legis*) e estômago (gr.: *Stomachus*, -*i*). No entanto, questões de ordem etimológicas relacionadas às línguas clássicas não serão aprofundadas, visto não ser objeto desta dissertação.

Por último:

Resta abordar o tipo mais comum de lexicalização: o semântico. Produtos de uma operação morfológica nem sempre serão interpretados pela soma dos significados de suas partes, uma vez que o acréscimo de um afixo pode levar a opacificações de sentido, em proveito da rotulação [...] (GONÇALVES, 2011, p. 41).

(35)	diminutivos lexicalizados	aumentativos lexicalizados
	coxinha ('salgado')	bolão ('aposta conjunta')
	folhinha ('calendário')	espigão ('edifício alto')
	raspadinha ('jogo de azar')	bundão ('otário; tolo')
	doisinho ('maconha')	sapatão ('lésbica')
	amarelinha ('jogo')	caveirão ('carro de polícia')
	sandalinha ('lésbica')	mendigão ('refrigerante ruim')
	quentinha ('refeição')	podrão ('sanduíche de carroça')

Figura 08 — Lexicalização – Semântica (GOLÇALVES, 2011, p. 41)

Este último tipo de lexicalização é de alta relevância para esta dissertação, pois permite visualizar unidades léxicas que só podem ser compreendidas em determinados contextos de uso. Uma unidade como *bolão* poderia ser confundida com uma *bola grande* ou uma *qualidade futebolística*, porém, em outro contexto, significará *aposta conjunta*, afastando-se do sentido original de bola, de seu grau aumentativo e de sua relação com o futebol. Vejam abaixo algumas possibilidades de emprego destes itens lexicalizados:

- (31) Você fez o bolão da Mega Sena? (sentido: aposta conjunta);
 (32) O bolão desta semana vai ser muito bom! (sentido: aposta conjunta);
 (33) O Ronaldinho Gaúcho joga um bolão! (sentido: habilidade – joga muito bem);
 (34) Vou comprar um bolão colorido para meu filho! (sentido: uma bola grande com cores).

Fragmento (CCB 029)	<p>: Eles vêm se juntar a nomes tradicionais como Dario, Reinaldo e até o bigodudo Valdir, que no Atlético-MG jogou um bolão e no Botafogo-RJ, como o resto do time, parece uma alma penada andando em campo .
Fragmento (CCB 030)	<p>: O bolão deve superar os R\$ 3 mil, segundo um dos organizadores, o assistente de produção Cláudio Nunes.
Fragmento (CCB 031)	<p>: Um bolão de neve.
Fragmento (CCB 032)	<p>: Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida.

Tabela 08 — Item lexical: *bolão*

Diante das amostras apresentadas, constata-se que em CCB 029 o sentido é o mesmo que em (33); em CCB 030 é o mesmo que (31 e 32); em CCB 031 é o mesmo sentido de (34).

Todavia, nota-se que em CCB 032 aparece outro sentido: *bocado, parte ou parcela* (de comida).

Nestes casos e em muitos outros, as unidades lexicalizadas só podem ser compreendidas de acordo com o contexto ou situação comunicativa na qual estão inseridas. Por isso, em uma investigação centrada no uso, o contexto é determinante.

Em estudo sobre a *Morfologia Derivacional*, Ferrari Neto apresenta uma definição do processo de criação verbal nos seguintes termos:

Muitas vezes, ao se aplicar RAE's [Regras de Análise Estrutural] e RFP's [Regras de Formação de Palavras] na compreensão e na formação de uma palavra, o resultado nem sempre é o previsto inicialmente, afastando-se do paradigma (modelo) composto pelas outras formações advindas de uma mesma regra. O resultado são formas que contêm irregularidades de algum tipo, distinguindo-as assim das demais. A esse fenômeno chamamos lexicalização, e ele constitui um dos maiores enigmas da teoria morfológica: de fato, por que ocorrem irregularidades nos produtos da aplicação de uma regra? (FERRARI NETO, 2011, p. 49-50).

O questionamento final do autor traz à luz toda a complexidade que envolve esse fenômeno. As ditas formas *irregulares* resultantes deste processo, na maioria das vezes, dificultam uma categorização por parte do investigador. O autor comenta que é comum atribuir o fenômeno a dois fatores externos: 1) fatores de ordem diacrônica ou 2) de natureza analógica (FERRARI NETO, 2011, p. 50).

Na classificação de Ferrari Neto (2011), existem cinco tipos: (a) *Lexicalização Categorical*, (b) *Lexicalização Prosódica*, (c) *Lexicalização Estrutural*, (d) *Lexicalização Rizomórfica* e (e) *Lexicalização Semântica*. Sobre a primeira, o autor diz:

a) *Lexicalização Categorical*: ocorre quando a RFP especifica um dado tipo de categoria para o elemento básico da formação, mas a sua aplicação ocorre em outro tipo de classe (FERRARI NETO, 2011, p. 50 [itálico no original]).

Na *Lexicalização Categorical*, o autor exemplifica mostrando que uma *Regra de Formação de Palavra* é aplicada (o uso do sufixo *-or*), sendo que a categoria final será um substantivo, tal como em *cantor*; *pintor*; *leitor*. Esse é a regra geral. A categoria que lhe deu origem era um verbo, ex.: *cantar*; *pintar*; *ler*. O fenômeno da *Lexicalização Categorical* se efetua quando um item lexical, por exemplo, *aviador* é formado, visto que a categoria originária não era um verbo, mas outro substantivo: *avião*. Ou seja, o produto resultante é uma anomalia que foge a regra geral.

A *Lexicalização Prosódica* é definida nos seguintes termos:

b) *Lexicalização Prosódica*: ocorre quando a RFP especifica um dado tipo de padrão prosódico para o produto de sua aplicação, mas ocorre uma exceção a esse padrão (FERRARI NETO, 2011, p. 50 [itálico no original]).

Para este segundo tipo, Ferrari Neto traz exemplos de alterações da sílaba tônica. Segundo o autor, em casos em que há formação regressiva deverbal, a regra seria que após a queda ou supressão do sufixo verbal que originou a forma, o substantivo resultante viria a ter a sua sílaba tônica recuada, tornando a palavra paroxítona, como em: *conversar* = *conversa*. No entanto, há contraexemplos disso: *estimular* = *estímulo*, *criticar* = *crítica* e *depositar* = *depósito*. Por estas serem formas proparoxítonas, que contrariam a RFP postulada nas anteriores, elas se inserem nesse tipo de lexicalização.

Sobre a *Lexicalização Estrutural*, o autor assim a define:

c) *Lexicalização Estrutural*: ocorre quando há uma anomalia na estrutura do vocábulo não prevista pela RFP original (FERRARI NETO, 2011, p. 50 [itálico no original]).

No terceiro tipo, Ferrari Neto traz exemplos em que houve alteração na estrutura das palavras, na parte do radical, após o emprego do sufixo *-ção*, ao formar substantivos. Eis os casos em que a estrutura permanece quase inalterada: *explicar-explicação*, *armar-armação* e *enrolar-enrolação*. Nestes casos apenas o *-r* final dos verbos é suprimido. Já em: *adotar-adoção* e *afligir-aflição*, percebem-se as anomalias, visto que o esperado era somente a supressão do *-r* nos dois casos. Como ressalta o linguista, as construções anômalas *adoção* e *afligição* simplesmente não existem.

Para o quarto tipo, a *Lexicalização Rizomórfica*, eis a conceituação:

d) *Lexicalização Rizomórfica*: ocorre quando, ao se aplicar uma RFP, observa-se uma anomalia em relação à raiz da palavra derivada. Normalmente, essa raiz está ligada a formações anteriores na história da língua, sendo, portanto, um resquício do latim, na maioria das vezes (FERRARI NETO, 2011, p. 51 [itálico no original]).

Neste tipo de lexicalização encontram-se palavras de variadas origens. Ferrari Neto destaca algumas de origem latina: *dedo-digital* (lat.: *Digitus*, *-i*), *chuva-pluvial* (lat.: *Pluvia*, *-æ*) e *árvore-arbóreo* (lat.: *Arbor*, *-oris*).

E, finalmente, o quinto tipo de lexicalização:

e) *Lexicalização Semântica*: ocorre quando o sentido de uma forma gerada pela aplicação de uma RFP é distinto do previsto inicialmente (FERRARI NETO, 2011, p. 51[itálico no original]).

A RFP que o autor focaliza é que o emprego do sufixo *-ante* geralmente forma estruturas “interpretadas semanticamente como indicativas do agente da ação expressa pelo verbo original” (FERRARI NETO, 2011, p. 51). Eis os casos apontados:

Ajudar-ajudante (aquele que ajuda)
Assaltar-assaltante (aquele que assalta)
Postular-postulante (aquele que postula) (p. 51[*itálico no original*]).

Entretanto, segundo o autor, o mesmo não pode ser dito em relação aos outros casos:

Revoltar-revoltante (que causa revolta)
Restaurar-restaurant (lugar onde se come)
Tratar-tratante (que não cumpre o combinado) (p. 51[*itálico no original*]).

Diante dos exemplos comentados pelo linguista, percebe-se que na lexicalização semântica “um novo sentido é atribuído à forma nova, diferente do que seria previsto pela regra de formação” (p. 151).

Assim sendo, cumpre adotar a classificação proposta por este linguista, assim como a que propôs Gonçalves (2011), a fim de identificar a qual tipo um determinado item lexicalizado pertence. Nota-se, que apesar de algumas diferenças terminológicas, as classificações de Ferrari Neto e Gonçalves se complementam¹⁶.

Entre as quatro categorias de Gonçalves e as cinco de Ferrari Neto, somente a *Lexicalização Semântica* será relevante para esta dissertação, pois reitera-se que nesse tipo de lexicalização, as unidades léxicas só podem ser compreendidas a partir do contexto em que aparecem e que, na maioria das vezes, a forma resultante em nada pode ser equiparada, semanticamente, à que lhe deu origem.

Resta apresentar o conceito de lexicalização proposto nesta dissertação.

A lexicalização será entendida como um processo altamente produtivo, visto que através dele é possível criar novos itens lexicais, a partir de elementos existentes, seja da própria língua, de empréstimos linguísticos seja de estrangeirismos, modificando-os ou combinando-os. Dito de outro modo, a lexicalização é um processo pelo qual certos elementos linguísticos se modificam, tornando-se unidades lexicais, que passam a funcionar como

¹⁶ O tratamento dado por Gonçalves à Morfologia é basicamente Estruturalista, englobando a Semântica, já o estudo feito por Ferrari Neto sobre a Morfologia Derivacional é Gerativista, baseado especialmente na Gramática Gerativa Transformacional de Chomsky. Não é de interesse desta dissertação se apoiar em uma ou outra abordagem, visto ter optado pela perspectiva funcionalista. Em todo caso é importante ressaltar que a apresentação dessas visões, além da classificação de Correia e Almeida, subsidiou a escolha do ponto de vista teórico e da formulação do conceito do objeto empírico: o *item lexical*.

unidades lexicais de pleno direito, que podem alterar seus sentidos mediante a frequência de uso.

De acordo com a interpretação da *Lexicalização Semântica*, haveria então dois tipos básicos de itens lexicalizados:

- (i) *Item lexical individualizado*, com apenas um elemento, que assume variados sentidos devido ao uso. E em outros casos, um único sentido se cristaliza e perdura por tempo indeterminado;
- (ii) *Item lexical em forma de expressão cristalizada*, composto de mais de um item (construções), os quais assumem um único sentido por força do uso. Em muitos casos, esse sentido se especifica cada vez mais, embora seus constituintes apresentem sentidos distintos se vistos isolados.

Diante do *corpus* adotado, somente os itens lexicais do tipo (i) foram investigados, visto que a configuração do site do *Projeto AC/DC* somente permite a busca e localização de itens individuais, com respectivo contexto de uso e número de ocorrências¹⁷.

¹⁷ Para a verificação da configuração e detalhes de busca no site do *corpus*, ver Anexos.

3.4. As contribuições da lexicalização para o aparecimento dos neologismos

As noções sobre a lexicalização apresentadas até aqui servirão para as reflexões sobre algumas das alterações específicas que uma dada língua sofre. Acredita-se que a investigação sobre um conjunto de neologismo presentes em uma língua possa dar indícios de que o idioma está em processo de ajustamentos e atualizações.

A variabilidade da língua é inquestionável, isto é um fato. Desde os primeiros estudos comparatistas (neogramáticos) realizados no interior da linguística histórico-comparativa, ainda em meados do Século XVIII até o fim do Século XIX, via-se que os dados descritos pelos estudiosos permitiram o conhecimento de que a língua evoluía e se modificava no tempo e no espaço. Hoje estes estudos tomaram rumos variados.

Cardoso (2005, p. 178) tem toda razão quando diz que:

Qualquer língua viva sente necessidade de renovação. A busca pela novidade faz parte do desenvolvimento cultural, social e linguístico do ser humano e está presente em qualquer universo de discurso, seja ele político, econômico, ou literário. É, portanto, no universo léxico que se formalizam transformações e mudanças pelas quais passa o sistema de valores grupalmente compartilhados.

Nessa linha de raciocínio, constata-se que uma das preocupações de muitos estudiosos da atualidade é, evidentemente, o estudo da variação e da mudança linguística, discutidas em distintos enfoques teóricos (SOUZA et al., 2015; BAGNO, 2014; GIVÓN, 2012; CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2012; VIOTTI, 2013; CHAGAS, 2012; MARTELOTTA, 2003; 2011; LUCCHESI, 2004; MATTOS E SILVA, 2008; CASTILHO, 2003a; 2003b; 2008; SILVA, 2005; LANGACKER, 1972). A importância deste assunto pode ser atestada, visto que: “Uma das características universais da linguagem humana é a mudança. Qualquer língua é caracterizada pela mudança e pela inovação. Todas as línguas evoluem necessariamente ao longo do tempo e a ausência de evolução significa para elas a sua morte” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 15). A compreensão do fenômeno da lexicalização e de como este processo contribui para o enriquecimento do léxico, neste sentido, torna-se necessário.

Portanto, “A mudança linguística enseja, no que concerne ao léxico, duas ocorrências facilmente observáveis: a obsolescência de unidades que caem em desuso e o surgimento de novas unidades na língua, os neologismos” (FERRAZ, 2007, p. 134). Isto reforça a tese defendida nesta dissertação e que é partilhada por vários autores. Por exemplo, Cardoso

(2015) afirma: “A mutabilidade linguística — e o aparecimento e desaparecimento de determinados signos — é inevitável em qualquer língua viva. A dinâmica da renovação lexical nos permite observar como a língua organiza os dados da realidade” (p. 178).

Por isso, uma questão fundamental que merece atenção de qualquer linguista é o fato de que o léxico se amplia e se modifica ao longo do tempo. A renovação do léxico de uma língua é algo inegável, e isto pode ser comprovado nas palavras de Lopes (2011, p. 102):

Essencialmente marcado pela mobilidade, o léxico das línguas naturais se renova ininterruptamente. Sem muitas vezes nos darmos conta, novas palavras surgem a todo momento como respostas às necessidades comunicativas dos falantes, que empregam a língua em seus mais diversos contextos sociocomunicativos, manifestando sua criatividade lexical de diversas formas [...].

Nota-se que Lopes esclarece que a capacidade lexical do falante é uma habilidade intrínseca, ou seja, inata. O falante faz uso desta habilidade de maneira tão natural que nem percebe que fez (e continua fazendo). Porém, ao fazer uso da lexicalização para criar neologismo na língua, o falante demonstra ter ciência desta habilidade porque cria novas palavras com base naquilo que conhece ou adquiriu. Certamente “O léxico vai sendo enriquecido com formações novas, na maioria calcadas em palavras previamente existentes e que fazem parte da competência do falante nativo” (CARVALHO, 2006, p. 194).

Outra questão que merece atenção diz respeito ao equilíbrio que a mudança propicia na língua. Indagação esta que muito difere das indagações feitas no passado:

[...] Não se pergunta mais se a língua muda, quando ela muda ou por que ela muda. Sendo um sistema complexo, dinâmico e adaptativo, a língua muda sempre. Ela muda por necessidade (Keller, 1994: 5). Sem mudança, o sistema não poderia equilibrar-se no topo do arco da complexidade, descambando para caos absoluto ou estagnando-se por completo.
A mudança linguística é constante e perene (VIOTTI, 2013, p. 157).

A evolução de uma língua, como se pode compreender, é algo necessário. A mudança atinge os componentes do conhecimento linguístico de uma língua. Sem isso, uma língua corre o risco de desaparecer, como ocorreu com o Latim Clássico (modalidade escrita e culta do I século a. C. – I século d. C.), permanecendo apenas em documentos escritos.

Porém, se é verdade que a mudança afeta todos os componentes do conhecimento linguístico (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático), é também verdade que essa mudança é fundamentalmente visível ao nível do léxico [...] (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 15).

Com razão:

Esse processo de renovação é indispensável para a continuidade histórica da língua, visto que nos permite nomear novas realidades, fazer uso da língua com fins expressivos ou mesmo utilizar velhas formações com novas colorações ou sentidos. Mas não só isso. Como repositório do saber linguístico-cultural de um povo, o léxico espelha valores, crenças, hábitos, costumes e ideologias do grupo linguístico que se serve da língua, pelo que se pode dizer que reflete também toda a trajetória histórico-cultural dos falantes (LOPES, 2011, 102).

Diante do que foi dito, constata-se que o estudo do léxico é necessário para que se possa entender não apenas o léxico ou a língua, mas também um pouco mais do que estaria por trás dos sentidos revelados a partir dos signos linguísticos que formam este sistema. O fato é que:

Uma das características universais mais marcantes das línguas naturais é a mudança. Dada a dinamicidade da linguagem humana, podemos verificar o fenômeno da mudança se manifestando em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), mas de forma mais evidente no nível lexical. A renovação do léxico de uma língua é um fenômeno permanente, já que o léxico, refletindo a dinâmica da língua, considerando-se que esta, sociedade e cultura são indissociáveis, constitui uma forma de registrar a visão de mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística [...] (FERRAZ, 2006, 219).

Isto significa que a mudança é mais sentida pelos falantes na primeira articulação, ou seja, na morfologia de uma língua. Diante desta constatação, encontra-se, no fragmento, que é no léxico, revelado na morfologia, que se acham tais mudanças. Por isso:

A língua de uma comunidade em um momento histórico é o retrato mais fiel das manifestações culturais dos seus falantes. O léxico é o meio pelo qual conhecemos as denominações das coisas, das pessoas, das instituições, das profissões exercidas e de todas as práticas sociais de um povo. Desta feita, é o léxico que denuncia as primeiras ocorrências na língua ou as transformações que nela ocorrem (XIMENES, 2012, p. 115).

O léxico, por ser o repositório das experiências linguísticas de um povo, conserva os vestígios das evoluções da língua. Ximenes defende que as mudanças que ocorrem no meio social e em especial, as mudanças que se processam ao redor do falante, atuam sobre a língua.

Ao discutir sobre “Por que razão as línguas mudam?”, Martelotta (2011, p. 17) diz:

[...] Não é incomum vermos em manuais de Linguística a informação de uma língua cresce no que diz respeito ao número de palavras que contém, na medida em que a sociedade que a usa cria novas entidades que precisam ser nomeadas, ao mesmo

tempo em que podem desaparecer palavras referentes a objetos que se tornam obsoletos [...].

Com base nas palavras desse linguista, as razões para o surgimento de novas palavras estariam ligadas à necessidade do multissistema, ou seja, pela falta de signos que representem as formas/funções novas. Martelotta ainda esclarece que palavras, tais como: *xerox*, *xerocar*, *internet* e *pen drive* surgiram por força da revolução tecnológica, enquanto que *mata-borrão* e *tinteiro* caíram em desuso exatamente pelo contrário, pela mudança de hábitos de escrita de máquinas em detrimento das penas, canetas e tintas.

Por esta razão, o conhecimento sobre o léxico contribui, entre outras coisas, para o entendimento da cultura; o conhecimento que o falante possui sobre o mundo, sobre a história e as tradições, sobre a cultura do país onde vive a cultura de outras nações; tudo isso se reflete na língua. As vivências que o falante teve (e continua tendo) são indícios do seu repertório sociocultural. A competência lexical se amplia à medida que dispõe de elementos léxicos de outros idiomas.

Mais uma vez é preciso se apoiar no pensamento de Ferraz (2006, p. 219) para compreender a relação entre léxico e sociedade:

[...] Podemos dizer que as grandes manifestações sociais (crise política, crise econômica, revolução social ou cultural etc.) ensejam o movimento do léxico em direção à renovação. E à medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades léxicas. Um dos recursos, portanto, de que se utilizam as línguas para a sua continuidade é a inovação lexical. A língua que não se atualiza acompanhando a atualização da sociedade corre o risco de desaparecer por estagnação [...].

O que foi dito por Ferraz faz crer que a língua precisa dessas atualizações. Os acontecimentos da atualidade demonstram como surgem os neologismos. No dia 08, Dia Internacional da Mulher, e nos dias 15, Dia da Democracia, e 16 de março de 2015, ocorreu um conjunto de manifestações populares que constituíram o ato de *bater panelas* na hora do pronunciamento da presidência do Brasil em rede nacional de TV. Esse ato ficou conhecido como *panelaço* (sentido: “manifestação” ou “protesto”) e já se repetiu em diversas ocasiões. Antes desses episódios, em outro momento, já ocorreu o *apitaco*¹⁸.

O item lexical *panelaço* popularizou-se entre os brasileiros por meio de sua divulgação pelas redes sociais, como o *Facebook*.

¹⁸ Apitaco é arma diante da violência contra a mulher em Recife. Disponível em: <<http://tvbrasil.etc.com.br/maisdireitosmaishumanos/episodio/apitaco-e-arma-diante-da-violencia-contra-a-mulher-em-recife>>. Acesso em 06 de set. 2015.

Os itens lexicais *panelaço*, *apitaço* e *tuitaço* passam a ser entendidos conforme o contexto no qual estão sendo empregados: todos contêm a ideia de manifestação ou protesto. E o sufixo -aço, com sua carga como aumentativo, serve para indicar a dimensão dessas práticas sociais.

Em relação à popularidade e a difusão de itens lexicais, o mesmo pode ser dito sobre os seguintes itens: *orkuteiro*, *orkuteira*, *superorkut*, *anti-orkut*, *orkutês*, *orkutar*, *orkuta*, *orkutei*, *orkutado*, *orkutam*, *orkutando*, *orkutimaniacos*, *faceboqueiro*, *faceboqueira*, *faceboqueiros*, *antifacebook*, *facebokear*, *facebokeando*, *facemaníacos*, *facebookeano*, *facebookeanos*, *facebooklândia*, *face*, *loukas*, *tchuco*, entre outros, atestados nos estudos de Abreu (2010; 2012) e Santos (2013). Por muito tempo estas palavras foram empregadas, algumas caíram em desuso, enquanto outras permanecem.

A comunidade linguística ou massa falante determina os signos que irão ou não fazer parte do léxico¹⁹. A frequência de uso também é determinante, já que, para que uma nova palavra entre no uso, é necessário que uma grande quantidade de falantes a utilizem e isso perdure por um período de tempo indeterminado.

Também é necessário entender que:

O acervo lexical de uma língua reflete as experiências do povo que a fala. Para Biderman (2001), o universo semântico (dos significados dos termos) se estrutura em torno de dois polos opostos — o indivíduo e a sociedade — e da tensão entre eles se origina o léxico. Como cada falante faz seu aprendizado particular do léxico geral da língua, cada qual tem seu léxico próprio de acordo com as suas necessidades vitais. Nenhum falante domina o léxico da língua integralmente (CARVALHO 2009a, 40).

Com base nos argumento de Carvalho, entende-se que nenhum falante conhece/domina todas as palavras que compõem o léxico de uma língua. Ele domina apenas uma parcela, ou seja, somente “seu léxico próprio”, resultado de suas experiências na comunidade linguística a qual faz parte. Não caberia a um falante mudar a língua, porém, este mesmo indivíduo, ao partilhar das mesmas opiniões e experiências de uso dos outros

¹⁹ Discussões sobre a língua em uso do Brasil foram exibidas nas reportagens da série “A língua que a gente fala”, feitas pelo Jornal Hoje (Rede Globo), entre os dias 18 e 21 de março de 2015, inclusive com a participação de linguistas renomados, entre os quais se viram: Rodolfo Ilari (UNICAMP), Stella Maris (UNB), Jânia Ramos (UFMG) e Ataliba Teixeira de Castilho (USP). Nestas reportagens discutiu-se sobre a língua portuguesa moderna e antiga, palavras em uso e palavras que caíram ou desapareceram, colocação de pronomes, concordância, menção ao português clássico de Os Lusíadas de Camões e ao Português de Portugal, variações linguísticas, mudança linguística entre outros temas. Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-sobre-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

membros da comunidade na qual está inserido, acabaria participando das mudanças da língua, fortalecendo-a e repassando-as para as gerações futuras.

Para Contiero e Ferraz (2014), o estudo do léxico e sua relação com a sociedade e cultura só poderia ser realizado pela lexicologia. Nas palavras dos autores:

A Lexicologia fundamentalmente focaliza o estudo das unidades lexicais que formam o léxico de uma língua, incluindo as classes de palavras, ou seja, as categorizações léxico-gramaticais, bem como o estudo da criação lexical, os neologismos. Estes levam em conta as alterações sincrônicas e diacrônicas que ocorrem nos processos de formação de palavras novas, o que nos leva a uma melhor compreensão da cultura e da história de um povo (CONTIERO; FERRAZ, 2014, p. 47).

Em consonância à posição de Contiero e Ferraz, Abbade (2011, p. 1332) defende que:

A lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica.

Diante do exposto, vale ressaltar que há diferenças entre a lexicologia, neologia e lexicalização. A lexicologia seria a ciência que estuda “a definição dos conjuntos e subconjuntos lexicais, o exame das relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a conceituação e delimitação das unidades lexicais de base: a lexia” (CONTIERO; FERRAZ, 2014, p. 47); a neologia é “o processo linguístico que consiste em produzir formas e sentidos inéditos no léxico de uma língua” (FERRAZ, 2006, p. 221; 2007; SANTOS, 2013, p. 33) ou “a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua” ou, ainda, o estudo dos neologismos que surgem em uma dada língua (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 17) e a lexicalização é o processo de “criação de itens lexicais” (CASTILHO, 2003a; 2003b).

Pode-se dizer também que, diferentemente da lexicalização:

A neologia lexical é o estudo da criação da palavra ou conjunto de palavras, de sua produção e aparecimento, num momento dado da história da língua. Isto conduz evidentemente à análise do contexto sociolinguístico. Mas, para que o uso do neologismo se torne efetivo, é preciso que, além das pressões sociais, o sistema linguístico esteja apto a absorvê-lo (CARVALHO, 2006, p. 191).

Neste fragmento, nota-se que Carvalho define neologia como *estudo* e não como *processo*. Sendo assim, não existe um consenso entre os conceitos, variando entre processo, estudo e produto. Por outro lado, a lexicalização é sempre tida como processo. Além da neologia lexical, há ainda a neologia sintagmática e a semântica. Conforme aponta a autora:

A neologia sintagmática que surge em uma designação única; é pois semanticamente nova. É uma lexia complexa, formada de várias palavras. A relação das palavras com suas paráfrases e perífrases de definição e a lexia complexa são deste tipo e conduzem à hipótese duma ligação entre léxico e sintaxe. Ex: Autogestão e autonomia de gestão.

Guilbert (1975) considera a neologia semântica, criatividade que muda as regras pela transgressão de um traço de categorização ou seleção. A primeira seria a neologia de conversão que muda a classe gramatical da palavra, por elipse do termo semanticamente mais pobre, ao qual ele está associado: um carro automóvel. A segunda variedade neutraliza um traço contextual de seleção do termo (CARVALHO, 2006, p. 192).

Nestas noções, encontram-se definições que variam do processo ao resultado, continuando assim o problema da definição precisa que os termos evocam. Em outro momento, Ferraz (2007, p. 135) chega a confirmar que:

A neologia diz respeito, segundo Guilbert (1975), aos fenômenos linguísticos que surgem em certos momentos numa dada língua. Tais fenômenos podem ser de ordem fonética, fonológica, morfológica, sintática, semântica ou lexical. Interessamos aqui especialmente a neologia lexical, já que pretendemos abordar alguns aspectos do desenvolvimento da competência lexical. Dessa forma, o processo linguístico que consiste em produzir formas e significados inéditos no léxico de uma língua será designado tão-somente por neologia.

Neste sentido, tanto a neologia quanto a lexicalização propiciam o surgimento de itens lexicais, podendo ou não resultar em neologismos. No entanto, acredita-se que na neologia o resultado é frequentemente o mesmo, isto é, apenas a criação de unidades novas (os neologismos). Por outro lado, os resultados obtidos por meio da lexicalização são variados, pois é um processo criador de novos elementos lexicais, que podem ser gerados da combinação, modificação ou união de elementos que já existem ou que podem surgir em uma língua (MARTELOTTA, 2011).

Ambos os processos (caso se aceite a tese de que a neologia também é um processo) estarão inseridos no âmbito da lexicologia. Considerando o foco desta dissertação no processo de lexicalização, lexicologia e neologia não serão aprofundadas, exceto quando o dado contribuir para a explicação do fenômeno da lexicalização.

Tendo em vista uma diferenciação entre os dois termos, optou-se pela lexicalização como processo primário e neologia como secundário, sendo entendida apenas como: 1) a capacidade natural de renovação do léxico e 2) o estudo dos neologismos, como apontam Correia e Almeida (2012). Para essas autoras, a lexicalização é o *processo* pelo qual certos itens linguísticos construídos no interior da sintaxe, morfologia e discurso (ou seja, em outros componentes da gramática) modificam-se e tornam-se unidades lexicais, ou unidades discursivas rotinizadas, com função lexical (CORREIA; ALMEIDA 2012, p. 59).

Diante do exposto, compreende-se que o léxico de uma língua incorpora inúmeras unidades novas e isto ocorre de diversas maneiras. Estes mecanismos são destacados por Ferraz (2006, p. 221-222; 2007, p. 136):

- a) Neologia formal - a construção de palavras através de regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais no nível morfológico, sintático e fonológico.
- b) Neologia semântica - a expansão de sentido, quando da reutilização, com novos significados, de unidades lexicais já existentes.
- c) Neologia de empréstimos – a importação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos, as quais podem-se apresentar adaptadas ou não à nova língua.

Os três tipos de mecanismos são bastante comuns e podem ocorrer simultaneamente. O substantivo *plugue* (que no inglês é *plug*) significa conexão e inspirou o surgimento do adjetivo *plugado* que quer dizer conectado, em português. E isto se deveu ao fato de que no filme *Matrix* (1999) havia a expressão:

(35) Estou plugado²⁰! (sentido: conectado).

Expressão esta usada com muita frequência tanto no filme quanto pelos telespectadores que o assistiram. Também é utilizada durante o manuseio de equipamentos eletrônicos. Para fazer uma explicação com base nos três mecanismos, basta tomar o termo *plugado* no português:

- a) Neologia formal: *plug* (morfema/radical: *plugue/tomada*) mais *-ado* (sufixo indicador de particípio — forma adjetival): *plugado*;
- b) Neologia semântica: conectado/ligado;
- c) Neologia de empréstimos: forma original inglesa *plug*.

²⁰ Esta é uma tese nossa.

É verdade que muitos dos neologismos enfrentam resistência de parte dos falantes, mas com o tempo a palavra nova pode vir a integrar o vocabulário e ganhar registro em dicionário. A frequência de uso é determinante nestes casos. Outras vezes, uma palavra criada deste modo desaparece sem deixar vestígio.

Com as inovações tecnológicas, cada vez mais surgem novas palavras para designar novos aparelhos e seus componentes. Algum tempo atrás não existia o aplicativo *Whatsapp*, agora popular entre os brasileiros.

A criação lexical acompanha as inovações tecnológicas e sociais, além de fornecer elementos que evitam problemas na comunicação causados pela falta de novos termos. Têm-se ainda: *Skype*, *Blog*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, denominações de redes sociais ou aplicativos de interação social.

Há, no entanto, necessidade de se conhecerem os sentidos das palavras e expressões que permeiam as relações entre os participantes dessas redes, para que possam ter participação efetiva nesses novos ambientes.

Dizer que vai *compartilhar uma foto* não significa de modo algum que irá imprimi-la e enviá-la pelo correio, mas disponibilizá-la em seu perfil no *Facebook* ou outra rede social. *Marcar um amigo* não quer dizer que lhe vai fazer uma tatuagem ou riscá-lo com tinta ou algo parecido; quer dizer apenas que permitirá que este amigo passe a visualizar suas postagens ou escrever na linha do tempo de seu perfil, no caso do *Facebook*. É certo que, nestes casos, o sentido não mudou completamente. A tecnologia pela qual o objeto foi compartilhado ou marcado é que mudou.

Situações como essa requerem o entendimento das palavras que foram criadas para este fim. Os falantes devem saber como, quando e onde usá-las. Os usuários desses meios de comunicação podem entender as sentenças a seguir:

(27) Maria cutucou Lisa (sentido: chamar atenção de amigo(a) no *Facebook*);

(28) Pedro cutucou Maria durante a aula inteira (sentido: tocar ligeiramente (alguém) com o dedo, o cotovelo etc., ou algum objeto. [*Aurélio*, s.u.]).

Sem se ter noção do sentido de *cutucou* nestes dois contextos, pareceria que possuem os mesmos sentidos. No entanto, em 27, Maria chamou a atenção de Lisa para uma conversa ou algo do tipo (no *Facebook*); em 28, Pedro tocou na pele ou braço de Maria durante uma aula. O vocábulo é o mesmo, mas o item léxico se desdobra devido ao contexto de uso.

Os inúmeros neologismos presentes na língua portuguesa mostram o quanto esse multissistema se ampliou com o passar dos séculos. Ilari (2002) ressaltou que o léxico da língua do Brasil contém palavras de muitas outras línguas e isso se deu paulatinamente, ao longo do tempo. O português incorporou palavras do Latim (a maior parte), Grego, Árabe, línguas africanas, além das línguas indígenas existentes no Brasil. Além destas línguas, o português também absorveu palavras do Francês, Espanhol e do Inglês, entre muitas outras. Deste modo, o léxico do português oferece aos falantes um rico material linguístico.

A seguir, apresenta-se uma breve informação de como o multissistema e seus subsistemas se organizam.

Em uma discussão sobre a língua, Castilho e Elias (2012, p. 41-42) trazem uma representação didática desse multissistema:

A língua é a mais complexa das capacidades humanas; por isso mesmo, é impossível reduzi-la a uma só dimensão, a um só sistema linguístico. Identificar língua a gramática pode até ser mais confortável, dado o conhecimento acumulado por essa disciplina, mas isso não explicará toda a complexidade de que uma língua é feita. Quem sabe uma representação gráfica poderia nos ajudar a entender esse raciocínio. Assim, em vez de dizer que língua = gramática, vamos acolher esta outra representação, em que língua é:

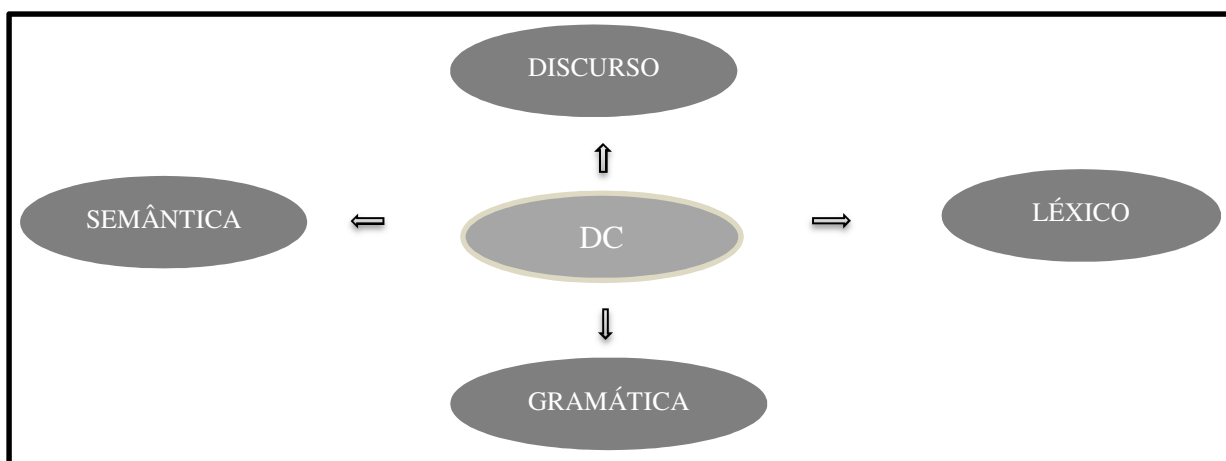


Figura 09 — Representação da língua (CASTILHO; ELIAS, 2012, p. 42)

A *Figura 09* representa: 1) o centro da língua: o que os autores chamam de “Dispositivo Conversacional”, que comanda o sistema semântico, discursivo, gramatical e lexical; 2) esses sistemas são independentes e as características de um não interferem ou comandam as características do outro e 3) as correspondências entre as categorias são

aleatórias ou vistas como *interfaces*, implicando em dizer que nada disso é uma determinação entre elas (CASTILHO; ELIAS, 2013, p. 42).

Dito de outra maneira:

Esses sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, ou seja, não se admitirá que um sistema determina/deriva de outro, nem se proporá uma hierarquia entre eles. Com isso, não se postulará a existência de sistemas centrais e de sistemas periféricos. Em consequência dessa premissa, qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais (CASTILHO, 2014, p. 91).

Nota-se a semelhança entre esta representação e a que se viu na *Figura 02* (p. 36), que tratava do *esquema do multissistema* (CASTILHO, 2003b, p. 4). Porém aqui, Castilho e Elias ampliam a noção de língua, incluindo o dispositivo conversacional que tem como papel comandar os quatro subsistemas.

O dispositivo conversacional está ligado diretamente ao falante e isto significa dizer que ao se aceitar que a língua faz parte da capacidade humana, é preciso levar em consideração tanto as condições de uso desta, quanto a função pragmática que tem no falante o motor para seu funcionamento. A competência lexical, ou seja, o conhecimento internalizado do falante, permite-lhe identificar os itens lexicais, avaliar as relações destes itens e os processos de formação de palavras (BASÍLIO, 1987).

Neste ponto, identifica-se uma contraposição entre o léxico e a gramática. Carvalho (2009a, 20) ressalta que:

Para Martinet (1954), o léxico é o conjunto de morfemas lexicais e para Ulmmam (1964) é apenas um conjunto de palavras lexicais. De um modo geral, os linguistas fazem oposição entre léxico e gramática como unidades significativas e regras combinatórias, respectivamente.

Carvalho se apoia na distinção de Martinet e Ulmmam sobre o posicionamento de alguns linguistas, não mencionados pela autora. Logo em seguida, a autora completa: “Segundo Crystal (1985), o léxico pode ser usado em oposição à gramática: o léxico compreenderia os termos e a gramática, as regras de uso” (CARVALHO, 2009a, p. 20).

Em posição contrária, Bagno (2013), ao discutir a relação entre o léxico e a gramática, defende que não faz sentido falar em dicotomia entre estes sistemas. Para o autor, há uma forte ligação entre estes sistemas, de modo que um depende do outro, sendo, portanto, interdependentes.

Para ilustrar o que disse sobre esta relação, Bagno (2013, p. 105-106) demonstra sua tese a partir do seguinte pressuposto:

[...] A boa figura aqui é a da integração profunda e íntima entre duas coisas que não podem ser separadas e que já trazem dentro de si os germes uma da outra:



Essa separação entre palavra/léxico/morfologia, de um lado, e regras/gramática/sintaxe, do outro, é que tem permitido falar de ‘classes gramaticais abertas’ e ‘classes gramaticais fechadas’: as abertas seriam aquelas cujo repertório se amplia o tempo todo com novas contribuições dos falantes (estrangeirismos, empréstimos, neologismos, derivação etc.), enquanto as ‘fechadas’ seriam dotadas de um número finito de membros [...].

Figura 10 — Yin-Yang – léxico / gramática (BAGNO, 2013, p. 105)

Diante do exposto, Bagno reafirma que a separação entre o léxico e a gramática não se sustenta. A prova disso, segundo ele, é o caso das *frases feitas*, bem como as *locuções*, visto que determinados “sintagmas completos desempenham funções idênticas às palavras isoladas”. Isto significa dizer que preposições, pronomes, artigos ou conjunções ligadas a substantivos, verbos, advérbios ou adjetivos podem formar uma frase feita ou locuções, apresentando a função de uma palavra apenas.

Bagno apresenta 48 exemplos de sintagmas com o uso do verbo *dar* e complementos de toda ordem. O autor exemplifica-os: (i) *dar a volta por cima*; (ii) *dar com os burros n’água* e (iii) *dar jeito em alguém* (BAGNO, 2013, p. 107).

Monteiro (2002) afirma que as chamadas classes gramaticais fechadas são compostas pelos *gramemas*, enquanto que as abertas são formadas pelos *lexemas*. Sobre o primeiro, o autor diz que “podem ser formas presas (no caso de afixos que se articulam com os núcleos significativos dos lexemas) ou formas soltas (como se verifica com os artigos, as preposições e alguns advérbios)”; sobre o segundo, o autor afirma que “constituem as unidades de base do léxico e pertencem a inventários ilimitados e abertos, uma vez que novos radicais podem ser criados” (MONTEIRO, 2002, p. 18).

O léxico é, portanto, composto pelas duas classes. Com base na leitura de Bagno (2013) e Monteiro (2002), é interessante notar a infinidade de possibilidades da língua, a variabilidade de sentidos que apenas um verbo pode oferecer.

Resumindo o que foi dito até este ponto, tem-se que o neologismo é um dos resultados das possibilidades de renovação da estrutura da língua. As classes abertas (substantivos, adjetivos, verbos e advérbios) podem sofrer alterações por parte dos falantes. Estes podem modificá-las (foneticamente, semanticamente ou morfológicamente – no caso de adaptações de empréstimos linguísticos e estrangeirismos), uni-las ou separá-las (por meio da justaposição, composição, aglutinação, derivação, sufixação, prefixação, gramaticalização entre outros processos) e, principalmente, por meio da lexicalização.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse quarto capítulo traz um resumo da metodologia adotada. Encontram-se aqui uma lista das amostras selecionadas, o problema e objeto de estudo, juntamente com as questões que nortearam a dissertação. É feito um detalhamento do *corpus* utilizado. Além disso, são revelados os métodos de abordagem e de procedimento empregados na pesquisa.

4.1. Problema e objeto de estudo

Muitas questões pertinentes às mudanças linguísticas poderiam ser formuladas, mas optou-se pelas que se articulam com o objeto de pesquisa desta dissertação — a lexicalização:

- a) De que modo os elementos lexicais se combinam?
- b) De que maneira as alterações nos sentidos ou criações de novas palavras contribuem para a ampliação e enriquecimento da língua?
- c) Como a lexicalização regula e atualiza o sistema?
- d) Como surgem os neologismos na língua?

São estes os questionamentos que orientaram esta dissertação. Investigou-se o léxico e, principalmente, o seu funcionamento no sistema. A pesquisa está fundamentada no funcionalismo e isto permitiu uma visão da língua em movimento (apesar de estar registrada na escrita). Como aponta Carvalho (2009a, p. 7), “O léxico de todas as línguas se renova”, então é válida toda tentativa de explicar como isso ocorre na língua.

A língua muda porque funciona, pois não é algo estático. Assim sendo, a compreensão de que a língua é maleável e dinâmica, pois é o que permite entender que, por mais que o sistema mude, ele se reajusta, e os falantes o absorvem espontânea e tacitamente.

4.2. Sobre o *corpus* digital usado na pesquisa

Para realizar esta dissertação, arrolou-se uma lista de neologismos/palavras lexicalizadas extraídos do *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro*. Em seguida, foi realizada a análise de cada uma das amostras selecionadas. A identificação dos neologismos de origem inglesa e formas em língua portuguesa só foi possível após a extração das amostras do *corpus*. Antes disso, só era possível fazer algumas pressuposições do número de empréstimos linguísticos que se podia coletar. Ressalta-se que a proposta de investigação visava aos neologismos que foram nacionalizados pelo português, assim como aqueles que pertencem à língua portuguesa. O *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro*²¹ do qual se extraíram as amostras, é definido da seguinte maneira:

O Corpus Brasileiro é uma coletânea de aproximadamente um bilhão de palavras de português brasileiro, resultado de projeto coordenado por Tony Berber Sardinha, (GELC, LAEL, Cepril, PUCSP), com financiamento da Fapesp. Devido a variados tipos de processamento automático, é possível que nem todo o material incorporado esteja disponível através do AC/DC.

Figura 11 — Definição do *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro*

O site da *Línguoteca* (www.linguateca.pt) também traz links externos para cada um dos termos principais do enunciado: *Corpus Brasileiro*²², Tony Berber Sardinha²³, GELC²⁴, LAEL²⁵, CEPIL²⁶, PUCSP²⁷ e FAPESP²⁸. Em visita ao site do *Corpus Brasileiro*, foi encontrada toda a essência do Projeto.

²¹ Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CBRAS>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

²² Corpus Brasileiro. Disponível em: <<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

²³ Tony Berber Sardinha é professor do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (LAEL) e membro do Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Linguagem (CEPRIL) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/~tony/tony/Home.html>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

²⁴ GELC: Grupo de Estudos de Linguística de Corpus. Disponível em: <<http://corpuslg.org/gelc/gelc.php>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

²⁵ LAEL: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada-e-estudos-da-linguagem>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

²⁶ CEPIL: Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Linguagem. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/pos/lael/cepril/cepril-info.php>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

²⁷ PUCSP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/paginainicial/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

²⁸ FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.fapesp.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

O projeto Corpus Brasileiro, do grupo GELC, que está sediado no Centro de Pesquisas, Recursos e Informação de Linguagem (CEPRIL), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (LAEL) da PUCSP, com apoio da FAPESP, visa a construir e disponibilizar online o Corpus Brasileiro, que será composto por um bilhão de palavras de português brasileiro contemporâneo, de vários tipos de linguagem. Um corpus, segundo a Linguística de Corpus, é uma coletânea de textos falados e escritos coletados criteriosamente para serem uma amostra de uma língua ou variedade linguística (Berber Sardinha, 2004). Atualmente, há uma lacuna no tocante a um corpus de português da dimensão que propomos, com variedade de gêneros e registros, que seja disponível na rede. Usaremos bases de dados SQL para armazenamento do corpus. O usuário terá acesso a informações sobre frequência de ocorrência dos termos de sua busca além de linhas de concordância onde os termos ocorrem; ele não terá acesso ao texto integral, pois isso violaria leis de direitos autorais. A necessidade de atingir o nível de um bilhão de palavras se deve ao fato de que, sendo um corpus geral apenas uma amostra de uma população imensa (Berber Sardinha, 2004), quanto maior e mais variada essa amostra, mais representativa ela será. O impacto social do Corpus Brasileiro pode ser significativo, colocando ao dispor dos cidadãos do país e do exterior uma vasta quantidade de informação sobre a língua portuguesa. Os usuários do corpus incluem linguistas, pesquisadores da linguagem, professores de língua materna, estrangeira, de redação, jornalistas, escritores, roteiristas, publicitários, alunos de diversos níveis, dicionaristas, gramáticos e uma ampla gama de profissionais que lidam com a língua em uso.

Figura 12 — Detalhamento sobre o projeto *Corpus Brasileiro*

Este *corpus* é uma base de dados vastíssima. Como o objetivo desta pesquisa é estudar a língua em uso, vê-se que este *corpus* é um conjunto de amostras que refletem a realidade linguística brasileira. Ainda no site do *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro* encontram-se alguns dados sobre a quantificação das amostras:

Tipo	Diversos
Variante(s)	BR
Tamanho (unidades)	1203.0 milhões
Tamanho (palavras)	977.9 milhões

Figura 13 — Quantificação de palavras do *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro*

Esse material possibilitou o levantamento significativo de neologismos para esta dissertação. Sabe-se que “O Corpus Brasileiro tem a proposta de ser um corpus acessível a todos os brasileiros, por meio de uma interface simples e poderosa de acesso ao maior acervo da língua portuguesa brasileira existente”²⁹ (informação extraída da página do *corpus* CCB).

²⁹ Informações disponíveis em: <<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

Resumindo: o *corpus* da dissertação foi obtido e selecionado no CCB, seguindo as orientações da Linguística Funcional. Portanto, o *corpus* — amostras da língua em uso reveladas em espaços virtuais — trabalhado nesta dissertação tem relevância nas pesquisas atuais do TLB.

A orientação teórica (de base funcionalista) permitiu que se vislumbrasse no CCB, uma fonte profícua para a investigação sobre léxico e neologismo, permitindo, conseqüentemente, compreender a lexicalização sob um olhar diferente dos que foram lançados até então sobre esse tema.

4.3. Sobre o método de abordagem e de procedimento

O método de abordagem adotado, baseado na explicação de Martelotta (2013, p. 57), foi o método *indutivo* e, por isso, as seguintes etapas foram seguidas: a) observação e registro de dados, b) análise e classificação dos dados, c) elaboração da hipótese de trabalho e c) confirmação ou rejeição da hipótese. Optou-se pelo método funcionalista. Isto significa que toda a organização da pesquisa teve uma preocupação voltada para a explicação sobre a sistematicidade do fenômeno Lexicalização (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 105-110).

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, ainda que subsidiada por dados quantitativos. É quantitativa porque trabalha com um conjunto de dados recolhidos em um *corpus* significativo; é qualitativa porque apresenta considerações acerca das motivações da frequência de uso dos dados analisados, ou seja, faz a descrição e análise de dados, apontando as descobertas. A filtragem dos dados do *corpus* orientou-se pela ordem de ocorrências da lexicalização. Foram encontradas muitas ocorrências de difícil trato; por essa razão, definiu-se uma porcentagem para análise, conforme a tabela a seguir:

Porcentagem	Limites estabelecidos	Frequência
100%	Para as que estejam no limite entre 01 e 10	Mínima/Baixa
10%	Para as que estejam no limite entre 25 e 100	Baixa
5%	Para as que estejam no limite entre 101 e 999 ocorrências	Média
1%	Para as que ultrapassem 1.000 ocorrências	Alta

Tabela 09 — limites estabelecidos entre porcentagem e frequência de ocorrências

Para a definição das porcentagens, levou-se em consideração o total final de ocorrências, deste modo, resultados considerados *mínimos / baixos*, a porcentagem será de 100% das amostras coletadas; resultados tidos como *baixos*, 10%; resultados percebidos como *médios*, 5%; e resultados altos, 1% apenas. Objetiva-se, com isso, apresentar conjuntos de amostras que permitam uma visão panorâmica das ocorrências, ou seja, que possibilitem uma compreensão geral dos dados obtidos, favorecendo uma análise confiável³⁰.

³⁰ Esses procedimentos foram antecidos por uma pesquisa bibliográfica que se realizou da seguinte maneira: (1) identificação e seleção de material bibliográfico pertinente sobre os conceitos de léxico, neologismo, lexicalização e Linguística Centrada no Uso; (2) leitura e fichamento do material selecionado; (3) verificação no *corpus* CCB de um conjunto de 13 neologismos/palavras lexicalizadas, seguido de registro em arquivo eletrônico (formatos WORD/PDF) e (4) produção do texto dissertativo.

4.4. Sobre as amostras selecionadas no *corpus* digital

Dentre as inúmeras amostras que se poderia coletar no *corpus*, por questões metodológicas, optou-se pela escolha dos itens lexicais de *alta*, *média*, *baixa* e *mínima* frequências de uso (Conforme exposto na *Tabela 09 — limites estabelecidos entre porcentagem e frequência de ocorrências*, p. 108).

Neste sentido, encontram-se a seguir as amostras que foram previamente selecionadas, com a verificação quantitativa das ocorrências no *corpus* e apresentam-se os sentidos mais usuais extraídos de diversos contextos de uso. Foram verificadas as principais ocorrências de cada uma das amostras, tomando como base a referência estabelecida de 1, 5, 10 e 100%.

	Amostras	Quantidade de ocorrências ³¹	Sentidos identificados a partir de certos contextos de uso
01	(subs.) internauta (subs.) internautas	2.063 casos / 1.875 casos	1. (Substantivo): pessoa ou usuário da <i>internet</i> .
02	(v.) curtir	1.193 casos	1. (Verbo): divertir-se; gozar; alegrar-se com/por meio/através de. 2. (Verbo): colocar em conserva; amaciar; conservar. 3. (Substantivo): andar com.
03	(sub./adj.) trouxa (sub./adj.) trouxas	359 casos 246 casos	1. (Substantivo): amontoado de roupas; embrulho; pacote. 2. (Adjetivo): tolo; idiota; inocente. 3. (Substantivo): pessoas comuns, não mágicas.
04	(v.) cutucar	207 casos	1. (Verbo): mexer com (sentido metafórico) 2. (Verbo): tocar; ferir; pôr o dedo (sentido físico).
05	(v./subs./adj.) fake (v./subs./adj.) fakes	187 casos / 26 casos	1. (Substantivo): imitação. 2. (Adjetivo): falso. 3. (Verbo): fingir.
06	(subs.) mensalão	212 casos	1. (Substantivo): nome que foi dado ao conjunto de políticos que receberam propina em um escândalo que envolve a Empresa de Correios e Telégrafos e ficou conhecido como <i>mensalão</i> . Significados: caixa-extra; caixa-2; dinheiro; ajuda financeira; grana; propina.
07	(subs.) cracker	120 casos	1. (Substantivo): pessoa ou usuário que faz invasões em sites; posta e criptografa arquivos.
08	(verbo) piratear	39 casos	1. (Verbo): copiar; fraudar; duplicar; falsificar; plagiar.
09	(verbo) plugar	37 casos	1. (Verbo): conectar; ligar (sentido físico). 2. (Verbo): conectar; interligar (sentido metafórico).
10	(subs.) interneteiro	10 casos	1. (Substantivo): usuário viciado na <i>internet</i> .
11	(subs.) analfabyte (subs.) analfabytes	01 caso / 01 caso	1. (Substantivo): pessoa que desconhece as ferramentas da <i>internet</i> e a própria <i>informática</i> .
12	(subs.) mensaleiro (subs.) mensaleiros	02 casos / 03 casos	1. (Substantivo): políticos de um partido brasileiro, que se envolveram no caso do escândalo do “mensalão”.
13	(subs.) orkuteiro (subs.) orkuteiros	01 caso / 01 caso	1. (Substantivo): pessoa ou usuário viciado no <i>Orkut</i> (rede social de relacionamento).

Tabela 08 — Amostras selecionadas para análise

³¹ Em verificação recente (26/04/2015), notou-se a variação de quantificação de algumas amostras. Antes (15/11/2014), as ocorrências eram: item (1) 2.058 / 1.864, (2) 1.170, (4) 205, (5) 186, (6) 119, (7) 114 e (9) 36.

5. ANÁLISES E RESULTADOS

No *corpus* foi identificado que as amostras *piratear*, *plugar*, *internetes*, *analfabyl/analfabyls*, *mensaleiro/mensaleiros* e *orkuteiros* apresentaram baixa frequência de uso, sendo, portanto, menos recorrentes³². Por apresentarem poucas ocorrências, elas serão analisadas em um primeiro momento.

Por outro lado, as amostras *internauta/internautas*, *curtir*, *trouxa/trouxas*, *cutucar*, *fakelfakes*, *mensalão* e *cracker* apresentaram alta frequência de uso, sendo então consideradas mais recorrentes. Por essa razão, elas serão analisadas em segundo lugar, para que sejam mais detalhadas.

Assim estabelecido, eis a primeira seção:

5.1. Amostra 01: piratear

piratear (pi.ra.te.ar) v. *td.* 1 Fazer cópia ilegal de. ■ *piratear* filmes. *int. td.* 2 Assaltar (embarcações). [Conjug. 1 **piratear**] * **pirateado** adj. Ⓢ [De *pirata* + *ear*.]

Figura 14 — Verbo: piratear (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 697)

Fragmento (CCB 033)	<p>: Foi seguramente esse apelo democrático que impediu a vitória do golpe com que se pretendeu pisotear a Constituição, fechar o Congresso, eleito, também, pelo povo, e, enfim, piratear um poder que somente pertence ao povo e, por isso mesmo, somente em seu nome pode ser exercido.
Fragmento (CCB 034)	<p>: Daqui a pouco, vão querer piratear , clonar o Deputado Coronel Alves.
Fragmento (CCB 035)	<p>: Não podemos ficar lendo textos de ecologistas, muitos deles não pertencentes a este Brasil, que aqui vêm roubar ou piratear o tradicional conhecimento brasileiro, o potencial genético do banco de germoplasma da 1029 Câmara DOS Deputados -- DETAQ Número Sessão:
Fragmento (CCB 036)	<p>: Ainda segundo a matéria, produtores norte-americanos acusam os fazendeiros de piratear soja transgênica da Monsanto e também de negociar a safra como se ela não fosse transgênica.

Tabela 09 — (v.) Piratear

³² Villalva e Silvestre (2014) afirmam que existem os chamados *epifenômenos sem relevância estatística* (expressos pelo termo *hapax legomenon*). Os autores assim esclarecem: “Um *hapax legomenon* é uma palavra que ocorre uma única vez num determinado contexto, num determinado *corpus*” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 84). Nessa dissertação, algumas das amostras contêm casos desse tipo (por ex.: *analfabyl* e *orkuteiro*). A importância de se analisar casos como esse reside na possibilidade de se estar diante uma nova unidade linguística, isto é, de um neologismo em formação.

O item *piratear* apresenta uma estrutura que difere da construção *pirata* pelas seguintes razões: (i) no que diz respeito à iconicidade do item, percebe-se que a quantidade da forma mostra que o substantivo originário *pirata*, seus sentidos etimológicos (“bandido que cruza os mares com o objetivo de roubar; ladrão; gatuno”, CUNHA, 2007, p. 608; “Ladrão de navios”, *MLP*, 2009, 697) e o sentido moderno (“Pirata - cuja cópia e comercialização é ilegal”, *MLP*, 2009, p. 697) estão em conflito e (ii) a mudança na forma indica que houve uma alteração de função semântica³³: o item passou de substantivo para verbo, ainda que em outras situações, a função de substantivo permaneça. O item pode ser classificado como *neologismo semântico*, visto que adquiriu novos sentidos mediante o uso.

Nos fragmentos CCB 033 à CCB 036 não se vê o sentido tido como usual em outras amostras do mesmo *corpus*. Os sentidos *copiar*, *fraudar*, *duplicar*, *falsificar* e *plagiar* não suprem os sentidos atualizados nos excertos.

No fragmento CCB 033:

[...] enfim, **piratear** um poder que somente pertence ao povo e, por isso mesmo, somente em seu nome pode ser exercido (CCB 033).

Percebe-se que a melhor tradução para *piratear* seria *usurpar ou tomar o poder que pertencia ao povo*. O item apresenta um sentido que difere das outras funções semânticas apresentadas. É uma função nova. Em CCB 034:

Daqui a pouco, vão querer **piratear**, clonar o Deputado Coronel Alves (CCB 034).

O sentido é revelado na própria cláusula: *clonar* uma pessoa. No excerto CCB 035:

[...] muitos deles não pertencentes a este Brasil, que aqui vêm roubar ou **piratear** o tradicional conhecimento brasileiro [...] (CCB 035).

O sentido é *copiar e tomar para si o conhecimento*. Por último, o fragmento CCB 036:

[...] produtores norte-americanos acusam os fazendeiros de **piratear** soja transgênica da Monsanto e também de negociar a safra como se ela não fosse transgênica (CCB 036).

O sentido é o de reproduzir sementes similares e repassá-las como se não fossem transgênicas.

³³ Sobre os conceitos de *função semântica* e *sentido*, ver o 2º capítulo dessa dissertação.

5.2. Amostra 02: plugar

plugar (plu.gar) v. *td.* **1** Ligar (aparelho elétrico) a tomada. **2** *Inf.* Conectar (equipamento periférico) a computador. **3** Conectar (computador) a rede de computadores. [Conjug. **1** plugar] * **plugado** *adj.* ⓘ [Adaptç. do ing. (*to*) plug.]

Figura 15 — Verbete: **plugar** (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 702)

Fragmento (CCB 037)	<p>: (SD) Tadeu Lanes, representante da CBF nos Eua, assiste entrevista de Fábio Koff, no lançamento de rede virtual CBF gasta entre US\$ 800 mil e US\$ 1 milhão para plugar atletas à Internet, mas eles preferem manter e-mails em sigilo Brasil quer privacidade on line CBF criou página na Internet com informações sobre a seleção brasileira e sobre os jogadores dos enviados a Ozoir-la-Ferrière A Confederação Brasileira de Futebol anunciou ontem ter investido entre US\$ 800 mil e US\$ 1 milhão para formar o centro de comunicação virtual da seleção na França, no Château de Grande Romaine, onde o time está concentrado durante a Copa-98.
Fragmento (CCB 038)	<p>: Política se faz com a razão e sentando à mesma mesa governo, movimentos, ONGs, legisladores / as, para podermos ter um fio condutor para plugar e agilizar esse processo.
Fragmento (CCB 039)	: Para isso se tornar realidade tem que haver uma séria ajuda do governo, que pode estar ajudando para plugar as escolas é incentivando empresas do meio de telecomunicações, a plugar as escolas, e em troca as empresas que plugarem as escolas, poderem fazer propagandas gratuitas, ou estar diminuindo algum impostos que a empresa paga.
Fragmento (CCB 040)	<p>: Vantagens do uso da PLC Uma das grandes vantagens do uso da PLC é que, por utilizar a rede de energia elétrica, qualquer «ponto de energia» pode se tornar um ponto de rede, ou seja, só é preciso plugar o equipamento de conectividade (que normalmente é um modem) na tomada, e pode-se utilizar a rede de dados.

Tabela 10 — (v.) *Plugar*

A unidade *plugar*, se comparada à construção do inglês *plug*, revela o aumento de forma e, com isso, percebe-se que a mudança de função semântica determinou a forma: a unidade passou de substantivo para verbo. Em sua composição, o item une elementos linguísticos de duas línguas distintas como já apontado. A quantidade de forma revela os elementos linguísticos que compõem essa estrutura, mas não suas origens, ou seja, é uma estrutura equiparável a outras existentes na língua portuguesa. Em inglês, *plug* é substantivo. Em português, com o acréscimo do sufixo -ar (port.) torna-se então um verbo.

Dito de outra maneira, dificilmente um falante comum notará que, nessa composição, há formas de origens distintas, a não ser que tenha realmente o objetivo de investigá-la. Por isso, é possível classificá-lo como *neologismo por empréstimo*, tendo em vista a sua composição híbrida.

Sobre a similaridade do verbo *plugar* com outros do português, uma hipótese é a analogia, porque segue a tendência produtiva da primeira conjugação terminada em -ar, tal como: *plantar, cantar, falar, amar, andar* etc. Os sentidos do verbo *plugar* nos fragmentos CCB 037 à CCB 040 variam e não se restringem aos sentidos *conectar* ou *entrar*. Ex.:

Tadeu Lanes, representante da CBF nos Eua, assiste entrevista de Fábio Koff, no lançamento de rede virtual CBF gasta entre US\$ 800 mil e US\$ 1 milhão para **plugar** atletas à Internet, mas eles preferem manter e-mails em sigilo Brasil quer privacidade on line [...] (CCB 037).

Aqui *plugar* é sinônimo de *interligar* ou *viabilizar o acesso* dos atletas à internet. O verbo em destaque em CCB 038 traz um novo sentido:

Política se faz com a razão e sentando à mesma mesa governo, movimentos, ONGs, legisladores / as, para podermos ter um fio condutor para **plugar** e agilizar esse processo (CCB 038).

Neste trecho, *plugar* diz respeito a comungar da mesma posição ou opinião, ou seja, fala-se em um “fio condutor” que servirá para *interligar, articular, reunir (esse processo)*, ou seja, ideias similares entre as partes envolvidas.

Em CCB 039, encontra-se o verbo *plugar* empregado com duas formas, uma no infinitivo e outra no plural. Vejam-se:

Para isso se tornar realidade tem que haver uma séria ajuda do governo, que pode estar ajudando para **plugar** as escolas é incentivando empresas do meio de telecomunicações, a **plugar** as escolas, e em troca as empresas que **plugarem** as escolas, poderem fazer propagandas gratuitas, ou estar diminuindo algum impostos que a empresa paga (CCB 039).

As cláusulas das linhas 02 e 03 os sentidos são os mesmos, o de conectar/conectarem as escolas à internet/outro meio de comunicação digital ou o de permitir/permitirem o acesso da escola à internet/ outro meio de comunicação digital. Em CCB 040, lê-se:

[...] Uma das grandes vantagens do uso da PLC é que, por utilizar a rede de energia elétrica, qualquer «ponto de energia» pode se tornar um ponto de rede, ou seja, só é preciso **plugar** o equipamento de conectividade (que normalmente é um modem) na tomada, e pode-se utilizar a rede de dados (CCB 040).

O verbo destacado tem sentido original: *conectar* ou *ligar* o equipamento na tomada (de parede). Ou seja, o sentido é literal, físico.

5.3. Amostra 03: interneteiro


internet (in.ter.net) *Inf. sf. 1* Rede de computadores interligados, para comunicação entre eles, acesso a informações, etc. [...]  [Do ing. *Internet*.]

Figura 16 — Verbete: internet (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 518)

Fragmento (CCB 041)	<p>: Como bem lembrou o internetesiro Charles Luko!
Fragmento (CCB 042)	<p>: Para o internetesiro Rodrigo Siqueira, a rede mundial de computadores é hoje a maior vítima desse pecado -- cinismo Pecado que viceja mais entre os políticos, segundo Betinho."
Fragmento (CCB 043)	<p>: A foto tem baixa definição, o que poupa o navegante de mais detalhes sobre o corpo do internetesiro .
Fragmento (CCB 044)	<p>: (ROGERIO SCHLEGEL) Próximo Texto Para estudante, censura é pecado capital 07/04/96 Tela de computador exibe a fita azul, símbolo adotado pelos que protestam contra a censura na Internet Para estudante, censura é pecado capital da Reportagem Local Para o estudante de engenharia e internetesiro Rodrigo Siqueira, 25, a censura hoje mereceria figurar entre os pecados capitais."
Fragmento (CCB 045)	<p>: É de acabar com o prazer de qualquer internetesiro .
Fragmento (CCB 046)	<p>: Mas internetesiro é chato mesmo.
Fragmento (CCB 047)	<p>: Um internetesiro paciente juntou na página http://www.cloud9.ne/ uma quantidade de documentação sobre censura interna na AOL, segundo ele obtida de funcionários insatisfeitos da empresa.
Fragmento (CCB 048)	<p>: Também por isso, o interessado em virar internetesiro deve preferir provedores de acesso de sua cidade.
Fragmento (CCB 049)	<p>: Quem diz é John Barlow, velho hippie, internetesiro e autor de canções do Grateful Dead.
Fragmento (CCB 050)	<p>: Internautas Quem usa a Internet é internauta ou internetesiro .

Tabela 11 — (subs.) Interneteiro

A estrutura do item *internetesiro* é semelhante à de substantivos da língua portuguesa, basta citar: *padeiro*, *coveiro*, *engenheiro*, *tapeceiro*, *açougueiro* etc. É possível identificar que na quantidade de forma deste neologismo, encontra-se a estrutura de outro item, isto é, contém a construção *internet*. O termo é formado a partir de dois elementos linguísticos: *internet* (elemento linguístico 01) e o sufixo *-eiro* (elemento linguístico 02). Por ter uma composição híbrida, o item foi classificado como *neologismo por empréstimo*.

No que diz respeito à função semântica do item, nota-se que ele pode funcionar tanto como substantivo, que irá assumir o papel de sujeito ou objeto direto/indireto, quanto como adjetivo, com função de predicativo do sujeito, dependendo do contexto de uso.

Nas amostras contidas de CCB 041 a CCB 050, a noção que *internetesiro* expressa é de *usuário viciado na internet*. O sufixo *-eiro* na língua portuguesa, em princípio, expressa a noção de profissão, como em: *goleiro*, *joalheiro*, *copeiro*, *cozinheiro*, *ferreiro*, *carpinteiro*,

jornaleiro, faxineiro, engenheiro e assim por diante. Todavia, o item lexical *internetes* não designa uma profissão, mas uma atribuição qualitativa (algumas vezes, negativista) conforme ocorre com: *baderneiro, arruaceiro, bagunceiro, fofoqueiro* etc. Isto é atestado em CCB 046:

Mas **internetes** é chato mesmo (CCB 046).

Em outros casos, o mesmo item é visto de modo positivo, como em CCB 047:

Um **internetes** paciente juntou na página <http://www.cloud9.ne/> uma quantidade de documentação sobre censura interna na AOL, segundo ele obtida de funcionários insatisfeitos da empresa (CCB 047).

Aqui, o *internetes* não só é *paciente* como também contribuiu para a discussão sobre a censura dentro da AOL.

Resta ainda apontar que *internetes* poderia ser confundido ou tomado como sinônimo de *internauta*, questionamento revelado em CCB 050. A diferença entre eles é sutil, pois *internauta* significa o usuário da *internet*, enquanto *internetes* designa quem usa mal ou em demasia a *internet*. Esta diferença será aprofundada na discussão da *Amostra 07*.

5.4. Amostra 04: analfabyte / analfabytes

[...] **Analfabeto digital** Quem é incapaz de usar os meios da informática para obtenção de informações ou soluções de problemas, seja por viver em regiões sem acesso à internet, seja por desinteresse, etc. [...].

Figura 17 — Verbete: analfabeto (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 48)

Fragmento (CCB 051)	<p>: Distinguimos ainda o analfabeto e o « analfabyte », pais com nível de ensino médio que não dominam informática.
---------------------	---

Tabela 12 — (subs. sing.) Analfabyte

Fragmento (CCB 052)	<p>: O Data: 02/12/99 Redação Final Tipo Sessão: Extraordinária -- CD Montagem: Miranda aos chamados « analfabytes », que nos distanciam da corrente do irreversível processo de globalização através do saber.
---------------------	--

Tabela 13 — (subs. plur.) Analfabytes

As estruturas de *analfabytelanalfabytes*, dada a visível complexidade que apresentam, dificilmente serão incorporadas ao léxico da língua portuguesa. Várias razões atestam isso: (i) não se registra em Português o emprego do y em adjetivos ou substantivos, exceto em nomes próprios, (ii) o item lexical *byte*, cujo sentido é unidade de medida de dados da informática, não foi incorporado ao Português sendo então visto como um estrangeirismo, (iii) já existe na língua a expressão lexicalizada *analfabeto digital*, que apesar de ter estrutura composta por dois itens, recobre o espaço previsto para *analfabyte* e já demonstra ser preferida pelos falantes.

Os itens podem ser classificados tanto como *neologismos por empréstimo*, por apresentarem uma unidade de outro sistema linguístico, quanto como *neologismo formado por aglutinação*, devido ao caráter compósito.

De acordo com o princípio da *economia linguística*, estruturas com menos formas tendem a ser preferíveis em detrimento aquelas que apresentem mais formas. Mas nesse caso ocorre o contrário, a estrutura adotada e rotinizada é *analfabeto digital* e não *analfabyte*. Provavelmente os itens lexicalizados *analfabytelanalfabytes* não sejam estruturas informativas e por isso mesmo a baixa frequência de uso no *corpus*. Normalmente, os falantes escolhem aquelas formas que melhor suprem as necessidades comunicativas e isso independe da quantidade de forma.

Nos dados encontrados, a função semântica é de substantivo, com sentido restrito, porém é possível identificar que essas mesmas estruturas poderiam funcionar como adjetivo, igualmente à construção *analfabeto digital*, já que é um atributo: uma pessoa desprovida de conhecimentos sobre o uso da informática. Em CCB 052, lê-se:

[...] aos chamados «**analfabytes**», que nos distanciam da corrente do irreversível processo de globalização através do saber (CCB 052).

Seria preciso mais dados para atestar a hipótese de que a construção *analfabyte* apresenta as mesmas características funcionais da expressão lexicalizada *analfabeto digital*. O que se pode afirmar, diante destes dados, é que *analfabytelanalfabytes* são neologismos, cujo sentido é expresso conforme o fragmento CCB 051:

Distinguimos ainda o analfabeto e o «**analfabyte**», pais com nível de ensino médio que não dominam informática (CCB 051).

5.5. Amostra 05: mensaleiro / mensaleiros

mensalista (men.sa.lis.ta) *adj.* 2g. s.2g. Que ou quem recebe remuneração mensal.
 ⓘ [De *mensal* + *ista*.]

Figura 18 — Verbete: mensalista (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 595)

Fragmento (CCB 053)	<p>: E não tenho conhecimento de que paire sobre mim a acusação de que tenha sido, em algum momento, « mensaleiro ».
Fragmento (CCB 054)	<p>: S. Exa. é acusado de ser « mensaleiro »?

Tabela 14 — (subs. sing.) Mensaleiro

Fragmento (CCB 055)	<p>: O Governo teve maioria para absolver os mensaleiros , mas não tem maioria para aprovar o Fundeb?
Fragmento (CCB 056)	<p>: O Data: 5/10/2005 Redação Final Tipo: Ordinária -- CD Montagem: 4176 tem grande alcance -- a deduzir que os « mensaleiros » estão comemorando a vitória do Deputado.
Fragmento (CCB 057)	<p>: Sr. Presidente, gostaria que a revista desse o nome de quem na foto são os « mensaleiros ».

Tabela 15 — (subs. plur.) Mensaleiros

Diante da baixa frequência de uso de ambos os itens lexicais, é possível dizer que estas são estruturas relativamente menos informativas do que outras encontradas na língua. A informatividade reside geralmente na quantidade de forma. Em uma comparação entre *mensaleiro* (neologismo semântico) e *mensalista* (palavra antiga da língua portuguesa), pode-se supor que teriam funções semânticas similares, tendo em vista apresentarem mesma quantidade de forma.

No entanto, a primeira tem motivação icônica com a unidade *mensalão* (“1. Dinheiro supostamente oferecido por mês (ou só uma vez) a deputados para votarem a favor de projetos importantes para o governo federal. 2. A prática de oferecer esse dinheiro”, *MLP*, 2009, p. 595) enquanto *mensalista* já se encontra em uso há muito tempo e tem valor atributivo positivo (“Que ou quem recebe remuneração mensal”, *MLP*, 2009, p. 595; “1. Diz-se de, ou empregado que recebe o seu salário mensalmente. 2. Diz-se de, ou funcionário público contratado que tem ordenado mensal, e cuja função é de caráter transitório”. [*Aurélino, s.u.*]).

Em outras palavras, o item lexical *mensalista*, apesar da semelhança estrutural com os itens lexicais *capitalista*, *fascista*, *elitista* e *terrorista* (palavras da língua), não têm sido

associado a sentidos negativistas. Por outro lado, a unidade lexical *mensaleiro* é, quase sempre, associado a termos como: *ladrão*, *corrupção*, *sonegação*.

Outra possível explicação seria que *mensaleiro* teria relação icônica de similaridade com *doleiro* (“Aquele que se ocupa ilegalmente em compra e venda de dólares”. [Aurélio, s.u.]). Esse neologismo é formado a partir de dois elementos: *mensal* (elemento 01) e o sufixo *-eiro* (elemento 02). Neste caso, o sentido não diz respeito a uma profissão, mas a um atributo qualitativo (negativo) mais acentuado do que no item *internetes* discutido anteriormente. *Mensaleiro* foi um termo criado para designar os políticos, que se envolveram no escândalo que envolve a Empresa de Correios e Telégrafos e ficou conhecido como *mensalão*. O caso ocorreu entre os anos de 2005 e 2006³⁴.

O item pode funcionar como substantivo, assumindo a função de sujeito ou objeto direto/indireto em certos contextos, e como adjetivo em outros momentos, podendo assumir o papel de predicativo ou adjunto. Percebe-se que o item *mensaleiro* pode ser entendido como *neologismo semântico*, cujo sentido está cada vez mais lexicalizado.

Em CCB 053 lê-se:

E não tenho conhecimento de que paire sobre mim a acusação de que tenha sido, em algum momento, «**mensaleiro**» (CCB 053).

Aqui, como se percebe, o item lexical *mensaleiro* tem valor atributo negativo, igualmente como ocorre em CCB 054:

S. Exa. é acusado de ser «**mensaleiro**»? (CCB 054).

Nas demais amostras, o mesmo sentido pode ser identificado (cf. CCB 055, CCB 056 e CCB 057).

Nos dias atuais, ser chamado de *mensaleiro* é o mesmo que ser alcunhado de *ladrão*, *sonegador de impostos*, *inadimplente* ou *político corrupto*. A base do sentido reside no fato de que todos os políticos envolvidos no escândalo do *mensalão* receberam propina mensalmente.

Conclui-se que o item *mensaleiro* tanto no singular como no plural, com função de sujeito ou objeto, com função morfológica de substantivo, iguala-se a outras estruturas da língua: *trambiqueiro*, *trapaceiro*, *caloteiro* e *embusteiro*, todas com valor atributivo negativo.

³⁴ Sobre o assunto, ver: O julgamento do mensalão. Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2012/ojulgamentodomensalao/>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

5.6. Amostra 06: orkuteiro / orkuteiros

Fragmento (CCB 058)	<p>: Se o locutor diz o que diz da forma como o diz é porque o outro o autoriza a assim o fazer, já que antes de o depoimento passar a fazer parte da página pessoal do orkuteiro , é preciso que este o aceite.
---------------------	---

Tabela 16 — (subs. sing.) *Orkuteiro*

Fragmento (CCB 059)	<p>: Inclusive, alguns orkuteiros têm esse entendimento, conforme atestam as seguintes respostas dadas à pergunta 11: «em sua opinião, para quem são escritos os textos tornados públicos no espaço ` depoimentos '? »
---------------------	---

Tabela 17 — (subs. plur.) *Orkuteiros*

Os neologismos *orkuteiro/orkuteiro*, se comparados a outras estruturas do Português, revelam que: (1) não se vê em língua portuguesa outras formas com o uso do grafema k no interior da construção, (2) podem ser classificados como *neologismos por empréstimo* já que contêm item de outro sistema linguístico em sua composição (*Orkut*) e (3) a baixa frequência de uso pode indicar que os falantes não percebem a informatividade destas formas, por isso a sua consequente rejeição.

Os itens lexicais destacados nos fragmentos CCB 058 e CCB 059, assim como outros já discutidos, são neologismos formados a partir do material linguístico das línguas inglesa e portuguesa, consecutivamente: *Orkut* (elemento linguístico 01), de um lado, mais o sufixo -*eiro* (elemento linguístico 02), do outro. É possível afirmar que eles são formas que apresentam complexidade estrutural e cognitiva altas, o que demanda mais reflexão por parte dos falantes. Neste caso, também, a noção expressa é a de atribuição qualitativa ao substantivo em si mesmo. O sentido nos dois casos é o de usuário ou indivíduo viciado nesta rede social de relacionamentos, o *Orkut*.

A baixa frequência de uso destes itens indica que tais termos estão em processo de desaparecimento, isto é, os termos cairão em desuso brevemente tanto na língua oral quanto escrita. Talvez uma das razões para o pouco uso destes itens tenha sido o fim desta rede social no fim de 2014. Sabe-se que o *Orkut* ficou disponível por uma década, porém, com o surgimento do *Facebook* muitos usuários migraram para esta rede social. Todavia esta é uma hipótese muito subjetiva; seria necessário dispor de mais dados para comprovar isso. O que de fato se pode provar é que muitos outros neologismos estão surgindo para suplantam o item *orkuteiro*, entre os quais se destacam: *faceboqueiro*, *faceboqueira*, *facemaníacos* e *facebookeano*, atestados por Abreu (2010; 2012) e Santos (2013).

5.7. Amostra 07: internauta / internautas

internauta (in.ter.nau.ta) s.2g Inf. Quem navega na internet. ☹ [De *internet* + *nauta*.]

Figura 19 — Verbete: internauta (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 518)

Fragmento (CCB 060)	: As respostas estão gravadas, transcritas e traduzidas para o idioma inglês e servem de base para um fórum chamado «Living Library» (Biblioteca Viva) onde dão início a uma discussão aberta ao público internauta .
Fragmento (CCB 061)	: O texto pode tratar de sexo, de amor, de notícias atuais ou até mesmo de um assunto particular do internauta .
Fragmento (CCB 062)	: O internauta que acreditar na mensagem vai contaminar seu computador e o worm, para se propagar, envia cópias da mesma mensagem para a lista de contatos da vítima e coloca o endereço de e-mail dela como remetente.
Fragmento (CCB 063)	: Para fazer com que o internauta clique no link, o texto da mensagem pode, por exemplo, sugerir uma premiação: «Você acaba de ser premiado com 10 mil reais.
Fragmento (CCB 064)	: Como a instituição bancária escolhida geralmente é muito conhecida, as chances de que o internauta que recebeu o e-mail seja cliente do banco são grandes.
Fragmento (CCB 065)	: que permite ao internauta criar gratuitamente um site.
Fragmento (CCB 066)	: O mais interessante é que as mensagens ficam armazenadas no servidor e o internauta pode ter acesso a suas pastas e mensagens em qualquer computador, tanto por webmail como por cliente de correio eletrônico (como o Outlook Express ou o Evolution).
Fragmento (CCB 067)	: Outro tipo de Keylogger foi desenvolvido a partir do surgimento dos teclados virtuais nos serviços de Internet Banking, onde o internauta dispensa o teclado para digitar as senhas de acesso á conta corrente.
Fragmento (CCB 068)	: As tendências de marketing estão mudando, pois existe um novo advento de comunicação que é a internet, são redes sociais, são blogs, são ações de interação com o internauta no ambiente internet, toda essa nova tendência de propagar marcas e empresas nesse ambiente podemos definir como um dos significados marketing digital.
Fragmento (CCB 069)	: O sistema é totalmente interativo, o internauta pode inserir seus fornecedores usuais que não constem na pesquisa por um simples registro de indicação.
Fragmento (CCB 070)	<p>: Cultura e Diversão, Guia Local, Cinema, Bares e Restaurantes oferecem ao internauta um meio de acesso via busca a locais e serviços das regiões de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, e aos principais eventos culturais de cada região.
Fragmento (CCB 071)	<p>: A TVCEI utiliza tecnologia vídeo streaming onde o internauta assiste o conteúdo em tempo real, sem necessidade de download prévio.
Fragmento (CCB 072)	<p>: Ao criar um trabalho de arte para a rede, parte-se do princípio de estabelecer relações com a sensibilidade do internauta , tornando a navegação, uma experiência insólita, cômica, hermética, repetitiva, labiríntica, estética etc.
Fragmento (CCB 073)	<p>: Teaser-site Um teaser-site é um website que tem por objetivo atizar a curiosidade do internauta para o conteúdo do mesmo, que costuma ser ambíguo ou pouco / nada explicativo.
Fragmento (CCB 074)	<p>: É um « internauta »: vai para lá, para cá, está tudo bonitinho, tudo legal, tudo numa boa, apesar de a Bolsa de Hong Kong cair.
Fragmento (CCB 075)	<p>: Dos sem-terra às grandes empresas, dos socialistas aos neoliberais, do

	indígena amazonense ao internauta , todos estão representados entre os 513 membros desta Casa.
Fragmento (CCB 076)	<p>: -- Sr. Presidente, esta Relatoria concorda com o acréscimo ao texto, na forma regulamentar, para disciplinar a interferência do internauta , que é necessária e providente.
Fragmento (CCB 077)	<p>: Lá, também, irá o internauta encontrar informações e subsídios, como um artigo de Dunshee de Abranches, que vaticinou, ainda em 1959, que aquela região ainda iria cumprir seu destino, independente.
Fragmento (CCB 078)	<p>: Como se vê, trata-se de uma grande empresa de comunicação totalmente voltada para o interesse do leitor, do ouvinte, do internauta ou ainda do espectador, pois, como todos sabemos, o Diário de Pernambuco se utiliza de tecnologia de ponta, proporcionando grande agilidade na confecção de notícias, contribuindo tanto para o trabalho do profissional quanto para a satisfação do consumidor.
Fragmento (CCB 079)	<p>: Era uma internauta fanática; construiu belos sites de poesia que ela mesma ilustrava e mantinha contato com poetas de todo o mundo.
Fragmento (CCB 080)	<p>: foi colocado um link a fim de que qualquer internauta pudesse, com um único clique, enviar sua mensagem de protesto aos superiores hierárquicos do Dr. Diaulas.

Tabela 18 — (subs. sing.) *Internauta*

Fragmento (CCB 081)	<p>: Os internautas brasileiros já representam 40 % do mercado da América Latina.
Fragmento (CCB 082)	<p>: Vemos alguns internautas passar e-mails caluniando e difamando esse ou aquele Deputado pela sua opinião a respeito desse ou daquele projeto.
Fragmento (CCB 083)	<p>: Repito: alguns internautas irresponsáveis estão caluniando esse ou aquele cidadão.
Fragmento (CCB 084)	<p>: Oito em cada dez internautas pertencem às classes A e B. Segundo os últimos números divulgados pelo IBGE, neste País tão informatizado, apenas 12 % da população tem computador em casa.
Fragmento (CCB 085)	<p>: Naquela oportunidade, ofereci aos internautas a possibilidade de opinar a respeito do valor do novo salário mínimo.
Fragmento (CCB 086)	<p>: Nada mais, nada menos que 1.606 pessoas opinaram: 0,62 % apoiou a proposta apresentada pela equipe econômica do ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, de 217 reais; 0,75 % afirmou que 230 reais seria o valor mais adequado para o novo salário mínimo; 0,75 %, igual percentual, portanto, também afirmou que o melhor valor seria o de 240 reais, valor já apresentado pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, como proposta do novo Governo, que deve vigorar a partir deste mês; 3,74 % das pessoas, o que equivale a sessenta internautas, demonstraram que o melhor valor seria o de 250 reais; contudo, Sr. Presidente, nada mais, nada menos do que 94,15 % dos internautas marcaram, sem titubear, que o melhor valor para o salário mínimo seria aquele equivalente a 100 dólares.
Fragmento (CCB 087)	<p>: Quando o Presidente desta Casa, Deputado João Paulo Cunha, determinou que a Comissão de Constituição e Justiça definisse os tópicos a serem discutidos naquela Comissão e, posteriormente, no plenário sobre o tema Segurança Pública, consultei, no meu site da Internet, os internautas sobre quais medidas poderiam efetivamente ser tomadas.
Fragmento (CCB 088)	<p>: Estas opções, para a questão ética, são feitas não só por aqueles que recebem as comunicações -- espectadores, ouvintes, internautas e leitores -- mas especialmente por aqueles que têm em 984 Câmara DOS Deputados -- DETAQ Número Sessão:
Fragmento (CCB 089)	<p>: Essa a proposta do sítio Plenarinho, canal de comunicação dos pequenos internautas com a Câmara, no qual, entre outras opções, encontram os navegadores mirins a história em quadrinhos Como nascem

	as leis.
Fragmento (CCB 090)	<p>: Os internautas acessam o site e votam espontaneamente naqueles que julgam os piores Ministros.
Fragmento (CCB 091)	<p>: Depois de uma disputa renhida, Sr. Presidente, votaram 48.197 internautas , no primeiro troféu.
Fragmento (CCB 092)	<p>: S.Exa. recebeu 12 % dos votos dos internautas .
Fragmento (CCB 093)	<p>: O portal RMT on-line do Grupo Zahran, realizou enquete para saber se os internautas têm conhecimento da lei que protege os cidadãos que entraram na melhor idade.
Fragmento (CCB 094)	<p>: Infelizmente grande parte da população encontra-se excluída do mundo infoviário, do ínfimo mundo dos internautas brasileiros.
Fragmento (CCB 095)	<p>: A pujança da infra-estrutura brasileira de informação e telecomunicações, que atualmente conta com mais de 600 mil domínios na Internet, 3 milhões de hosts e 10 milhões de internautas , demonstra que o nosso mercado oferece inesgotável potencial para a expansão do comércio eletrônico, desde que sejam estabelecidas regras claras para as transações digitais efetuadas.
Fragmento (CCB 096)	<p>: Mesmo usando senha, os internautas não ficam imunes às notícias inverídicas e às imagens pornográficas que chegam por meio de um tipo de e-mail não solicitado, o spam, encaminhado indiscriminadamente a vários destinatários.
Fragmento (CCB 097)	<p>: De acordo com estudo do Ferris Research Report, em 2002, os internautas gastaram 4 horas por dia lendo e recebendo uma média de 50 mensagens relacionadas ao seu trabalho, sendo 40 % delas e-mails considerados do tipo spam.
Fragmento (CCB 098)	<p>: É possível que o País tenha número superior a 13 milhões de internautas que navegam pela Internet mais de 8 horas por dia.
Fragmento (CCB 099)	<p>: Espero que minha propositura venha a eliminar de maneira contundente o envio de mensagens eletrônicas não solicitadas por meio de e-mails e que prevaleça sempre a ética como essência no trabalho e no lazer de milhões de internautas que buscam a tecnologia como fonte de conhecimento, de prazer e, sobretudo, da promoção da paz universal.

Tabela 19 — (subs. plur.) *Internautas*

As amostras de CCB 060 a CCB 099 contêm exemplos do emprego dos itens lexicais *internauta/internautas* e atestam o alto grau de frequência de uso no *corpus*. Apesar da exposição de apenas 1% dos dados colhidos, este resultado aponta que estes itens, entre os treze escolhidos, são os mais usados: no singular foram detectadas 2.063 e no plural, 1.875 ocorrências.

Internauta é um *neologismo formado pela aglutinação* de itens de sistemas linguísticos distintos. Constituído de duas partes: *Internet*, com a supressão do *-et* da palavra (elemento linguístico 01) e o sufixo *-auta* (elemento linguístico 02). A quantidade de forma é significativa. Este sufixo está presente em raros substantivos encontrados na língua portuguesa: *astronauta*, *cosmonauta* (sinônimo de astronauta), *argonauta*, (tripulante da nau

Argo - Mitologia Grega) e *jogonauta* (termo que se refere ao usuário que é viciado em jogos *on-line*³⁵).

Algumas palavras apresentam um *-auta* na sua estrutura, mas nestes casos não são sufixos e sim parte do radical, como em: *nauta* (marinheiro), *flauta* e *pauta*. A diferença entre estes dois grupos é que no primeiro tem-se uma palavra com um sufixo, enquanto que no segundo grupo, tem-se uma palavra constituída apenas pelo radical.

Pode-se tentar entender que a ideia de *tripulante/navegante* expressa pelo substantivo *nauta* estaria inserida nos itens *astronauta*, *argonauta* e *jogonauta* da seguinte maneira: *astronauta* (“Pessoa que voa ou navega através do espaço, acima da aeropausa; cosmonauta”. [Aurélio, s.u.]), *argonauta* (“1. Tripulante lendário da nau mitológica *Argo*. 2. P. ext. Navegador ousado”. [Aurélio, s.u.]) e *jogonauta* (um navegante dentro da rede/net/internet). Portanto, percebe-se que, se esta hipótese for aceita, *-auta/-nauta* são sufixos nestas palavras.

Foi dito, na *Amostra 04*, que o *internauta* aprecia *navegar* na *internet*, sem que isso indique um vício frenético ou obsessivo, ou seja, é apenas um usuário da rede mundial de computadores (sentido presente nas amostras coletadas).

5.8. Amostra 08: curtir

curtir (cur.tir) v. *td.* 1 Deixar (couro, pele) de molho em líquido apropriado para prepará-lo para a industrialização. *td. tda.* 2 Conservar (comida) em molho. *td.* 3 *Pop.* Participar de atividade prazerosa; desfrutar. ■ *Curtíamos cinema nos finais de semana.* *td.* 4 *Pop.* Gostar demais de. [Conjug. 3 curtir] * **curtição** adj. Ⓢ [De or. controv.]

Figura 20 — Verbetes: curtir (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 253)

Fragmento (CCB 100)	<p>: O melhor aqui é mesmo curtir o sol e a praia.
Fragmento (CCB 101)	<p>: Colocavam o fumo numa taboca, socavam e deixavam curtir .
Fragmento (CCB 102)	<p>: · Depois, coloque em uma vasilha para curtir , até ficar avermelhado.
Fragmento (CCB 103)	<p>: Podem mesmo curtir e experimentar haxixe ou ecstasy para se fingirem populares e de confiança, mas no dia seguinte «chibam-se», isto é, contam tudo à mãe e à professora, numa vertigem de confiança à qual os adultos, infelizmente, não fazem ouvidos de mercador.
Fragmento (CCB 104)	<p>: O « curtir » vai assim sendo substituído pelo «andar com», onde a fidelidade e a entrega afectivo-sexual profunda são a regra.
Fragmento (CCB 105)	<p>: Pedro - Agora não quero compromissos, só quero curtir .
Fragmento (CCB 106)	<p>: É isso que se espera de cada professor que queira honrar e curtir sua tarefa.

³⁵ Há, inclusive, um blog dedicado aos fanáticos deste tipo de jogos. Ver: www.jogonautas.blogspot.com.br. Acesso em: 21 mar. 2015.

Fragmento (CCB 107)	p>: É a vitória dos mais humildes, que estiveram no comício de encerramento da campanha de Cido e Nilson, recusando-se a assistir ao sofisticado show pirotécnico ou divertir-se no parque de diversão instalado improvisadamente para tal, ou ainda curtir atrações musicais no comício que os adversários simultaneamente promoveram a 500 metros do local da nossa concentração, idealizado com o único objetivo de esvaziar o nosso, mas inutilmente.
Fragmento (CCB 108)	<p>: Agradáveis no sentido de poder desfrutar não só do conforto de ser capaz de captar e de redigir informações, mas da alegria de curtir os encantos da literatura, rainha das artes.
Fragmento (CCB 109)	<p>: Abro aqui um parêntese para, mais uma vez, clamar às autoridades do Estado do Rio de Janeiro para que não descuidem das promessas de salvação da Lagoa de Araruama, esta sim uma premência inadiável, da qual depende a sobrevivência de meio milhão de residentes e de mais de 3 milhões de turistas do mundo inteiro, que, anualmente, vêm curtir o sol consagrado como o melhor do País.
Fragmento (CCB 110)	<p>: A eleição de Lula foi o primeiro reflexo dessa mudança na sociedade brasileira, que volta a reencontrar o prazer das coisas simples -- estar com amigos, trabalhar no que gosta, cozinhar, curtir filhos, família, casa, jardim.
Fragmento (CCB 111)	<p>: Então ele foi curtir a cachaça lá, numa sala qualquer.

Tabela 20 — (v.) *Curtir*

O item lexical individualizado *curtir* foi o segundo mais recorrente no *corpus*: foram encontradas 1.193 ocorrências. *Curtir* tem estrutura semelhante a outras formas da língua portuguesa como: *falir, cumprir, cair, subir, partir, ferir, entupir, sair* etc. (verbos da terceira conjugação), e abriga várias funções semânticas.

O mesmo item também pode ser classificado como *neologismo semântico* por duas razões: (1) é uma unidade léxica que comporta variados sentidos e (2) a origem do item não é a mesma do verbo *curtir* já existente na língua portuguesa, ou seja, possui a mesma quantidade de forma, mas com informações diferentes. Em um primeiro momento, o verbo *curtir* apresentava os seguintes sentidos: *conservar; fazer efeito ou deixar em conserva; amaciar; deixar fermentar; guardar* (cf. fragmentos: CCB 101 e CCB 102). Em um segundo momento, os sentidos passaram a ser: *divertir-se com ou por meio de; gozar de ou alegrar-se com/por meio de/através de* (cf. fragmentos CCB 100, CCB 103 e de CCB 105 a CCB 111). Já em CCB 104:

O «**curtir**» vai assim sendo substituído pelo «andar com», onde a fidelidade e a entrega afectivo-sexual profunda são a regra (CCB 104).

Curtir, neste caso, não é verbo, mas substantivo que tem o sentido de “andar com” (tendo em vista que ocupa a função de sujeito, apresentando, inclusive, artigo definido). Isto é mais uma prova da multiplicidade de significações que este item pode assumir diante do uso.

Ultimamente, devido à alta frequência de uso nas redes sociais, em especial no *Facebook*, o item lexical *curtir* tem-se cristalizado com novos sentidos que só podem ser compreendidos no contexto real de uso. Eis alguns sentidos apreendidos: *concordar*, *apreciar*, *gostar* e *consentir*. Notou-se que o item em análise demonstrou alto grau de produtividade e por essa razão serão dedicados outros estudos sobre o item, em momento propício.

5.9. Amostra 09: trouxa / trouxas

trouxa (trou.xa) [ch] *sf.* 1 Embrulho de pano para transportar roupas ou objetos. *adj.2g. s.2g.* 2 *Gír.* Que ou quem se deixa enganar facilmente; tolo, otário. [Antôn.: *esperto.*] Ⓢ [Do espn. *troja.*]

Figura 21 — Verbete: trouxa (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 882)

Fragmento (CCB 112)	<p>: Juntou umas roupas, umas panelas, um fogãozinho, amarrou a trouxa e se mandou pra casa da velha.
Fragmento (CCB 113)	<p>: Hermione, a melhor amiga de Harry Potter, é filha de ' muggles ' e não é ' trouxa '.
Fragmento (CCB 114)	<p>: Ela escolheu « trouxa », no sentido de «otário», porque essa é uma característica da maioria dos «muggles».
Fragmento (CCB 115)	<p>: Também não estou indo para lá com a expectativa de fazer papel de trouxa .
Fragmento (CCB 116)	<p>: ' ' Eles acham que brasileiro é trouxa .
Fragmento (CCB 117)	<p>: Ela foi crucial no julgamento de Harry, semanas depois, quando estava decidindo se iria ou não ser expulso de Hogwarts por ser menor e ter usado magia fora da escola e, ainda por cima, na frente de um trouxa .
Fragmento (CCB 118)	<p>: Aí ela deixou a roupa no chão, a trouxa que trazia, aí ela pegou minha irmã, naquele tempo usava camisinha esporte, era assim virada a golinha e tinha aquela parte aqui assim que hoje não tem mais, não tem mais como tinha antigamente.
Fragmento (CCB 119)	<p>: Um tempinho depois, surgiu um casal, carregando sacolas, uma trouxa , panelas e tal.
Fragmento (CCB 120)	<p>: Então, a coisa correu, eu arrumei minha trouxa , fui com eles, os deixei em São Gonçalo do Sapucaí e fui para o Rio.
Fragmento (CCB 121)	p>: E a minha mulher fala assim: «Você vai ficar aqui, trouxa ? " \ " Você imaginou o trabalho, vai ter guarda lá, vai ter alguém lá. "
Fragmento (CCB 122)	<p>: Não se deve ficar fazendo todo mundo de trouxa , exigindo uma montanha de papéis, até que a maioria dos interessados, exausta da labuta de uma vida inteira no roçado, venha a sucumbir, devido ao estresse e à raiva, na hora da aposentadoria.
Fragmento (CCB 123)	<p>: Agora, querer tirar o que está na CLT e na Constituição no que tange aos direitos do trabalhador e dizer que, dali para frente, vai negociar, é piada, é olhar para o trabalhador e dizer: «Você é trouxa e, por isso, vou mais uma vez aprovar uma lei que retira seus direitos».
Fragmento (CCB 124)	<p>: Mas ninguém aqui no Congresso é trouxa , ninguém aqui é bobo, nem a população brasileira.
Fragmento (CCB 125)	<p>: É para inglês ver ou para trouxa acreditar.
Fragmento (CCB 126)	<p>: O mascate era aquele que levava uma trouxa de roupa, na rua que a gente morava, batia palmas no portão, a mãe da gente saía, ia lá e falava: «Eu não quero comprar, não tenho dinheiro».
Fragmento (CCB 127)	<p>: Afinal, quando de todo já não tinham forças para bater ainda,

	arrastaram a trouxa até a ribanceira da praia e lançaram-na ao mar.
Fragmento (CCB 128)	<p>: Entretanto, Marciana, sem largar a filha, invadira a casa de João Romão e perseguia o Domingos que preparava já a sua trouxa .
Fragmento (CCB 129)	<p>: E saímo todos de pé, todos nós e descalço com as trouxa na cabeça, mais o papagaio no meu ombro e ainda carregava o menino menor escanchado na cintura.

Tabela 21 — (subs. sing. / adj.) *Trouxa*

Fragmento (CCB 130)	<p>: De repente, adentra ao local uma multidão de pessoas carregando seus parcos pertences em pequenas trouxas , a exemplo dos retirantes nordestinos.
Fragmento (CCB 131)	<p>: Só se fôr dos « trouxas »! -- O Príncipe tem tôda a razão! -- acrescentou Caramujo, introduzindo na boca um tablete de goma de mascar.
Fragmento (CCB 132)	<p>: A mostra Artur Barrio: a Metáfora dos Fluxos fornece parte da resposta com a seleção de objetos emblemáticos do artista, como os livros de carne (literalmente) e as trouxas (de pães velhos) que assombraram galerias nos anos 70.
Fragmento (CCB 133)	<p>: E vão continuar com os votos dos ' trouxas '. "
Fragmento (CCB 134)	<p>: Ministro afirma que conceito de déficit adotado pelo órgão é diferente para os « trouxas » do Sul Critério do FMI prejudica saúde, diz Serra DANIELA Falcão da Sucursal de Brasília O ministro José Serra (Saúde) disse ontem que o governo não faz mais investimentos na área social por causa do critério de cálculo do déficit público adotado pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) e aceito pelo Brasil.
Fragmento (CCB 135)	<p>: Esse critério, afirmou, só vale para os « trouxas do Hemisfério Sul».
Fragmento (CCB 136)	<p>: Desempregadas apanham pertences dos presos ao lado do DP Vizinhos pegam roupas e tênis dos fugitivos da Reportagem Local Pelo menos uma família que mora na região do 40º DP aproveitou a fuga no distrito e encheu quatro trouxas com roupas, tênis, vasilhas e até comida abandonados pelos fugitivos em suas celas ontem.
Fragmento (CCB 137)	<p>: Assim, investir pesado em melhoramento genético, em tecnologia, aumento de produtividade, confinamento, cruzamento industrial, qualidade da carne, tudo isso é desafio para « trouxas ».
Fragmento (CCB 138)	<p>: Difícil saber se o profissional do conhecimento não é mais uma dessas modas do tipo «reengenharia», hoje, nos Eua, sinônimo de consultor esperto e empresários trouxas .
Fragmento (CCB 139)	<p>: Novamente, encontramos Harry mais ou menos miserável e oprimido pelos tios trouxas (aqui como substantivo, trouxas são todos os não-mágicos) no início do livro, situação qual, mais uma vez, ele será resgatado por algum enviado do mundo mágico.
Fragmento (CCB 140)	<p>: Nas edições brasileiras de «Harry Potter», feitas pela Rocco e traduzidas por Lia Wyler, os «muggles» viraram « trouxas ».
Fragmento (CCB 141)	<p>: Dimensione bem o volume da bolsa, para não ter que fazer trouxas na hora de «levantar o acampamento».
Fragmento (CCB 142)	: A grande maioria da família é totalmente à favor de Lord Voldemort e seus ideais de livrar o mundo bruxo de trouxas , ou muggles, com exceção de Sirius Black, padrinho de Harry Potter.

Tabela 22 — (subs. plur. / adj.) *Trouxas*

Os itens lexicalizados *trouxa/trouxas*, a princípio, apresentam algumas funções semânticas comprovadas com itens do *corpus*.

Inicialmente, o item funciona como substantivo: *amontoado de roupas, panos ou tralhas (ou qualquer outra coisa); embrulho; pacote* (“trouxa [Do ant. esp. *troja, troxa*, ‘carga que se leva às costas’.] Substantivo feminino. 1 .Fardo de roupa. 2. Grande pacote” [Aurélio, s.u.]). Estes sentidos podem ser depreendidos nos fragmentos: CCB 112, CCB 118, CCB 119, CCB 120, CCB 126, CCB 127, CCB 128, CCB 129, CCB 130, CCB 132, CCB 136 e CCB 141.

Em seguida, o item exerce a função de adjetivo: *tolo; inocente; idiota; bobo; boboca*, nos enunciados CCB 115, CCB 116, CCB 117, CCB 121, CCB 122, CCB 123, CCB 124, CCB 125, CCB 131, CCB 133, CCB 134, CCB 135, CCB 137 e CCB 138 (semelhante ao sentido dicionarizado: “Substantivo de dois gêneros. 5. Gír. Pessoa tola, inábil, sem expediente, fácil de ser enganada. Adjetivo de dois gêneros. 6. Diz-se de pessoa trouxa. [Var.: *troixa*.]”. [Aurélio, s.u.]).

Uma terceira função se mostrou diferente destas anteriores. Nos fragmentos CCB 139 e CCB 140:

Novamente, encontramos Harry mais ou menos miserável e oprimido pelos tios *trouxas* (aqui como substantivo, trouxas são todos os não-mágicos) no início do livro, situação qual, mais uma vez, ele será resgatado por algum enviado do mundo mágico (CCB 139).

Nas edições brasileiras de «Harry Potter», feitas pela Rocco e traduzidas por Lia Wyler, os «muggles» viraram «*trouxas*» (CCB 140).

Percebe-se, nestas amostras, que por causa de uma tradução do termo inglês *muggles* para *trouxas*, a noção de *não-mágicos* se tornou comum ao público infanto-juvenil que leu os livros (e assistiu aos filmes) da franquia *Harry Potter*. O mesmo sentido também é atestado em CCB 113, CCB 117 e CCB 142. Por essa razão, é possível classificá-los como *neologismos semânticos* devido à variabilidade de sentidos que assumem segundo os contextos de que participam.

É interessante notar que, no fragmento CCB 114, lê-se que:

Ela [Lia Wyler] escolheu «**trouxa**», no sentido de «otário», porque essa é uma característica da maioria dos «muggles» (CCB 114).

Neste trecho, percebe-se que a tradução do termo inglês feita por Lia Wyler tomou um sentido já existente, isto é, a motivação icônica para a tradução foi a ideia de *otário*. Apesar de o item ser uma forma relativamente recorrente no *corpus* (com 359 e 246 ocorrências no

singular e plural, respectivamente) e apresentar a mesma quantidade de forma do item já existente, nota-se que essa estrutura parece conter certo grau de complexidade, já que os sentidos são variados e o falante precisa recuperar estes sentidos.

5.10. Amostra 10: cutucar

cutucar (cu.tu.car) *v. td. Bras.* **1** Tocar (em alguma parte do corpo de outra pessoa) para chamar a atenção. **2** Meter o dedo ou objeto em orifício. **3** Tocar insistentemente em. [Sin.: *cutucar.*] [**Conjug.** **1** cutucar] * **cutucada** *sf.* **Cutucão** *sm.* Ⓞ [De or. controuv.]

Figura 22 — Verbete: cutucar (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 254)

Fragmento (CCB 143)	<p>: Insisto em que não escrevi essa novela para exorcizar nem mesmo cutucar fantasmas que porventura assombrassem a casa de meu ser.
Fragmento (CCB 144)	<p>: Vou reclamar, vou cutucar seu braço, mas quando olho as mãos do indivíduo, as mãos do indivíduo são de cera.
Fragmento (CCB 145)	<p>: Nós não temos que ficar lamentando, nós temos é que ir atrás, cutucar , para que a gente possa colocar os nossos produtos.
Fragmento (CCB 146)	<p>: Essa turma que tomou de assalto os postos majoritários deste País e que dorme e acorda procurando novas formas de despojar o trabalhador de seus direitos, além de inventar fórmulas mágicas para seus propósitos, procura sempre « cutucar a onça adormecida», chamando a imprensa, com seus flashes e suas câmeras, para despejar com o auxílio dela suas teorias, que são, no mínimo, imorais.
Fragmento (CCB 147)	<p>: Vamos encurtar-la mais ainda e não queremos apenas cutucar , mas ver esses cafajestes, monstros que lucram com base na morte de crianças e adolescentes brasileiros, atrás das grades, que é o seu lugar.
Fragmento (CCB 148)	<p>: Proibir visitas no próximo final de semana é provocar a situação, é cutucar o bicho com vara curta, é esperar um carnaval sangrento.
Fragmento (CCB 149)	<p>: Meu diretor me falou, alarmado, e eu disse que não se preocupasse e me desse o setor do Palácio que eu me encarregaria de « cutucar a onça».
Fragmento (CCB 150)	<p>: Mas, com esse episódio, eu levei mais a sério, \ " deixa eu cutucar todas as minhas questões, se não for assim como eu vou sair dessa? " e foi meio assim que eu comecei a fazer terapia e comecei a ler mais questões relativas a Psicanálise e tal e foi ainda que foi formando, quer saber?
Fragmento (CCB 151)	<p>: Então, a nossa função de assessor é cutucar : «Dr. Bulhões, não vai esquecer o Banco Central.
Fragmento (CCB 152)	<p>: Quer dizer, a idéia deles era essa, cutucar a cabeça do Médico com radicalismos.

Tabela 23 — (v.) Cutucar

A estrutura do verbo *cutucar* é morfologicamente e semanticamente similar a outros verbos da primeira conjugação (terminados em *-ar*) da língua portuguesa, tais como: *catucar*

(“Verbo transitivo direto. 1. Bras. Pop. V. *cutucar*.” [Aurélio, s.u.]), *futucar* (“Verbo transitivo direto. 1. Bras. V. *futicar*. 2. Bras. N.E. MG Pop. V. *cutucar*.” [Aurélio, s.u.]) e *futicar* (“Verbo transitivo direto. 1. Bras. Pop. Fuxicar (4). 2. Furar, espetar. 3. Importunar, aborrecer, amolar. [Var.: *futucar*. Conjug.: v. *trancar*. Cf. *futricar*.] [Aurélio, s.u.]). A diferença constatada no emprego de *cutucar* no *Facebook* é relativa à mudança (ou acréscimo de sentido. Conclui-se a partir daí que o item analisado é um *neologismo semântico*.

O verbo *cutucar*, utilizado nas amostras coletadas (cf. CCB 143, CCB 145 até CCB 152), apresenta, na maioria dos casos, a acepção *chamar a atenção de* (sentido metafórico) diferente de CCB 144:

Vou reclamar, vou **cutucar** seu braço, mas quando olho as mãos do indivíduo, as mãos do indivíduo são de cera (CCB 144).

Em que, neste caso, a acepção é *tocar; ferir; pôr o dedo* (no sentido físico).

É importante dizer que a frequência de uso dessa estrutura em contextos digitais, como é o caso dos fragmentos do *corpus* adotado e especialmente nas redes sociais (o *Facebook*, por exemplo) tem favorecido ao aparecimento de outro sentido: *cutucar* ganha a acepção como sinônimo de *avisar*, ou seja, é o mesmo que enviar um aviso indicando que o usuário quer dizer ou mostrar algo. Serão necessárias mais amostras para atestar ou rejeitar esta nova hipótese, por isso, em momento oportuno, pretende-se ampliar esta investigação.

Resta ainda dizer que mesmo não sendo o objetivo desta dissertação discutir itens lexicalizados em forma de expressões cristalizadas, foram detectadas três amostras que são casos desse tipo. São elas:

[...] além de inventar fórmulas mágicas para seus propósitos, procura sempre «**cutucar** a onça adormecida», chamando a imprensa, com seus flashes e suas câmeras, para despejar com o auxílio dela suas teorias, que são, no mínimo, imorais (CCB 146).

Proibir visitas no próximo final de semana é provocar a situação, é **cutucar** o bicho com vara curta, é esperar um carnaval sangrento (CCB 148).

Meu diretor me falou, alarmado, e eu disse que não se preocupasse e me desse o setor do Palácio que eu me encarregaria de «**cutucar** a onça» (CCB 149).

Estes casos são metáforas e de modo algum podem ser entendidas literalmente.

5.11. Amostra 11: fake / fakes

Fragmento (CCB 153)	<p>: A performance cuidadosamente calculada do político transmite um senso « fake » que cheira a fogueira das vaidades.
Fragmento (CCB 154)	<p>: A tal lenda « fake » da bruxa de Blair serviu para estimular os distribuidores a encher os circuitos com o filme independente.
Fragmento (CCB 155)	<p>: Tomando a liberdade de empregar uma expressão do idioma inglês: foi um exercício fake .
Fragmento (CCB 156)	<p>: Fabrica-se uma identidade fake , portanto sem resistência.
Fragmento (CCB 157)	<p>: Destacadamente, nessa ocasião, seu silêncio converte-se em fala, porém incompreensível, pelo menos para seu pai que o olha como quem examina um produto fake e reconhece em si mesmo uma aguda condição de desterritorializado.
Fragmento (CCB 158)	<p>: 21 Vale lembrar que a palavra fake em inglês significa «fraudar» ou «falsificar».
Fragmento (CCB 159)	: Como não se sabe quem é o dono do fake , é comum chamar o próprio dono desse perfil de « fake ».
Fragmento (CCB 160)	: Outra finalidade de um fake é dar opiniões sem se identificar, evitando constrangimentos ou ameaças pessoais ao opinante.
Fragmento (CCB 161)	: Em alguns países, o conceito da palavra « fake » está mais voltado para arquivos ou servidores de P2P falsos e para montagens fotográficas.
Fragmento (CCB 162)	<p>: A canção título « fake », 4º faixa do álbum, foi liberada aos clubes no Reino Unido, em 30 de julho na 28ª posição do mapa comercial de clube de música na semana.

Tabela 24 — (v./subs./adj. 01) Fake

Fragmento (CCB 163)	<p>: Nem o presidente dos Eua, Bill Clinton, e sua mulher, Hillary, escapam das famosas « fakes » (falsificações).
Fragmento (CCB 164)	<p>: ' Por EDILAMAR GALVÃO \ " Cadê o Meu Herói? " é uma divertida fábula de herói e princesa» fakes «de um mundo moderno da Idade Média (ou de Idade Média em mundo» moderno \ ").
Fragmento (CCB 165)	: Ultimamente, fakes são mais encontrados em sites de relacionamento, como o orkut, e são criados geralmente com o intuito de fazer amizades, conhecer gente com os mesmos interesses, participar de comunidades privadas ou atuar em um jogo de rpg online.

Tabela 25 — (v./subs./adj. 02) Fakes

A unidade lexical *fake*³⁶ é, atualmente, um *estraneirismo*, enquanto que o item *fakes* é um *neologismo por empréstimo*. A razão para esta divisão é a seguinte: *fake* é um adjetivo em inglês, e nessa língua, os adjetivos são invariáveis, não admitem pluralização com acréscimo do morfema/desinência -s final. A inclusão do -s final altera a estrutura do adjetivo, e consequentemente, sua iconicidade é modificada: conforme a postulação do *subprincípio da quantidade*, mais forma indicará mais informação.

³⁶ Verbete *fake* (Na condição de substantivo, significa: “imitação”; de adjetivo, significa: “falso” e de verbo, “fingir”). In: **Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês (português-inglês/inglês-português)**. Brazil: Oxford University press, 2007, p. 463.

Duas possíveis informações o *-s* final poderá indicar: (i) ajuste à flexão de número conforme a língua portuguesa ou (ii) ajuste estrutural na língua-alvo promoveu a ampliação da forma.

Nos fragmentos CCB 153, CCB 154, CCB 156, CCB 157, CCB 162 e CCB 161, o sentido de *fake* é *falsol/falsa* ou *imitação*. A prova disso é revelada em CCB 154:

A tal lenda «**fake**» da bruxa de Blair serviu para estimular os distribuidores a encher os circuitos com o filme independente (CCB 154).

Na amostra CCB 155 o termo é usado em alusão à forma inglesa:

Tomando a liberdade de empregar uma expressão do idioma inglês: foi um exercício **fake** (CCB 155).

Esse uso se repete no fragmento CCB 158:

Vale lembrar que a palavra **fake** em inglês significa «fraudar» ou «falsificar» (CCB 158).

Já em CCB 159, CCB 160 e de CCB 163 a CCB 165, os itens destacados exercem função de substantivos e significam: *falsificação* ou *imitação*.

Nas redes sociais, *Facebook* e no antigo *Orkut*, encontram-se inúmeros perfis falsos e por isso, muitos usuários costumam chamá-los de *fake* (e *fakes*), igualmente como são expressos nos fragmentos CCB 159 e CCB 165:

Como não se sabe quem é o dono do **fake**, é comum chamar o próprio dono desse perfil de «**fake**» (CCB 159).

Ultimamente, **fakes** são mais encontrados em sites de relacionamento, como o *orkut*, e são criados geralmente com o intuito de fazer amizades, conhecer gente com os mesmos interesses, participar de comunidades privadas ou atuar em um jogo de rpg online (CCB 165).

Isto atesta que a alta frequência de uso desses itens pode fazer com que deixem de ser vistos como *estrangeirismo* e *neologismo por empréstimo*, respectivamente, e então passem a fazer parte do léxico do português, seja como *neologismos semânticos* ou *empréstimos linguísticos*. A variabilidade de funções semânticas é um forte indício para que essa mudança ocorra.

5.12. Amostra 12: mensalão

mensalão (men.sa.lão) *sm.* **1** *Bras. Joc. Pop.* Dinheiro supostamente oferecido por mês (ou só uma vez) a deputados para votarem a favor de projetos importantes para o governo federal. **2** *P.ext.* A prática de oferecer esse dinheiro. [PL.: *mensalões*.]

Figura 23 — Verbetes: mensalão (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 595)

Fragmento (CCB 166)	<p>: Acabar com a verticalização significa estabelecer o mercado livre das coligações partidárias para as eleições de 2006 e, o que é pior, frustrar as expectativas do povo brasileiro, que, após as denúncias de pagamento de mensalão , dinheiro em malas e cuecas e caixa 2, esperava desta Casa uma atitude corajosa, transparente e ousada, com a aprovação de uma reforma política profunda.
Fragmento (CCB 167)	<p>: Foi lá que começou o processo do mensalão .
Fragmento (CCB 168)	<p>: É mensalão , é conchavão, é escândalo de todo jeito.
Fragmento (CCB 169)	<p>: Certamente, se vier uma decisão absolutamente contrária, uma decisão que afronte a economia popular, o Presidente da República dirá que nada tem a ver com isso, que não sabe de nada; afinal de contas, não sabe nem do mensalão , nem do caixa 2, por que saberia como serão cobradas no País as ligações telefônicas?
Fragmento (CCB 170)	<p>: Um governo que se diz engessado por não ter a maioria na Casa, que não governa com partidos, porque seu discurso priorizava a reforma política, mas ao chegar ao poder fez o contrário e transformou esta Casa em balcão de negócios e, em troca de mensalão , buscava apoio para aprovar as matérias que dizia mais importantes e de interesse de governo.
Fragmento (CCB 171)	<p>: Destruíu o Executivo ao montar, no Palácio do Planalto, o maior escândalo da história da República, o mensalão , e colocar nos vasos comunicantes subterrâneos Marcos Valério, José Dirceu, Delúbio e companhia limitada.
Fragmento (CCB 172)	<p>: Depois do escândalo do mensalão , do recebimento ilegal de dinheiro de Cuba para a campanha do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do esquema do chamado «valerioduto», no qual se envolveram diversos órgãos da Administração Pública Federal e instituições financeiras, surge nova denúncia, desta vez envolvendo a empresa Cobra Tecnologia, subsidiária do Banco do Brasil.
Fragmento (CCB 173)	<p>: Quando se fala de Deputado, Senador ou Vereador logo se pensa em corrupção, mensalão , malandro de gravata e capital, que nunca se dá mal.
Fragmento (CCB 174)	<p>: Não vou fazer uma análise detalhada de tudo o que aqui aconteceu, mas certamente posso lembrar que o ano legislativo de 2005 ficará para sempre marcado na história do Legislativo como o ano em que as denúncias de pagamento do mensalão chegaram com força, atingiram a credibilidade desta Casa e levaram sua imagem aos frangalhos perante a opinião pública brasileira.
Fragmento (CCB 175)	<p>: Se Lula comprou Parlamentares para votarem a favor da reforma da Previdência -- o escândalo do mensalão --, Fernando Henrique Cardoso não tem moral alguma para falar a respeito.
Fragmento (CCB 176)	<p>: Aliás, o PSDB também está envolvido no escândalo do mensalão , haja vista que a campanha do Senador Eduardo Azeredo foi financiada por Marcos Valério.

Tabela 26 — (subs.) Mensalão

Na *Amostra 05* (p. 117) foi discutido o uso dos itens *mensaleiro/mensaleiros*. Naquela ocasião, falou-se em *mensalão*³⁷, designação de um escândalo que envolveu políticos partidos e empresas públicas em práticas fraudulentas (2005 e 2006) e de *mensalão* derivou *mensaleiro* (e suas flexões) permanece como uma alcunha de valor semântico negativo.

O item *mensalão* é um *neologismo semântico* constituído de duas unidades linguísticas: *mensal* (elemento linguístico 01) e o sufixo aumentativo *-ão* (elemento linguístico 02). A estrutura do item é relativamente semelhante a outras estruturas, tais como: *facão* (faca + ão), *beijão* (beijo + ão), *portão* (porta + ão) etc.

Entretanto, no que diz respeito à quantidade de forma, percebeu-se que o *-ão* além do aumentativo trazer valor objetivo (=grande), no caso de *mensalão* (compra de votos de parlamentares) o sufixo aplicado também representa o volume de negociações e de dinheiro implicados. A base (*mensal-*) amplia sua referência: de algo *que se realiza uma vez por mês* [*Houaiss, s.u.*], passa a significar *periódico*.

Um dos principais conteúdos semânticos de *mensalão* é *corrupção*. Isto é, alguns sentidos ficaram mais cristalizados ao longo do tempo. Assim, *mensalão* também apresenta os seguintes sentidos conforme o contexto: *caixa-extra*; *caixa-2*; *dinheiro*; *ajuda financeira*; *grana*; *propina*, *dinheiro ilícito* etc. Em CCB 172:

Depois do escândalo do **mensalão**, do recebimento ilegal de dinheiro de Cuba para a campanha do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do esquema do chamado «valerioduto», no qual se envolveram diversos órgãos da Administração Pública Federal e instituições financeiras, surge nova denúncia, desta vez envolvendo a empresa Cobra Tecnologia, subsidiária do Banco do Brasil (CCB 172).

Sobre a frequência de uso do item *mensalão* no *corpus* CCB, constatou-se que é uma frequência mediana, com exatas 212 ocorrências. Por isso, é possível afirmar que as funções semânticas no *corpus* dão indícios de que esta unidade está lexicalizada.

³⁷ O Supremo Tribunal Federal concluiu que o *mensalão* foi um esquema ilegal de financiamento político organizado pelo PT para corromper parlamentares e garantir apoio ao governo Lula no Congresso em 2003 e 2004, logo após a chegada do partido ao poder. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2012/ojulgamentodomensalao/ojulgamento/o_esquema.shtml>. Acesso em 07 set. 2015.

5.13. Amostra 13: cracker

cracker (*Ing./craquer/*) *sm.* Aquele que é especializado em sistemas e redes de computador que burla a segurança de sistemas alheios para danificá-los, manipular ou roubar informações, valores, etc.

Figura 24 — Verbete: cracker (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 243)

hacker (*Ing./requer/*) *s.2g. Inf.* Especialista em informática que invade sistemas ou redes de computador. * **haquear** *v.*

Figura 25 — Verbete: hacker (Minidicionário da Língua Portuguesa, 2009, p. 463)

Fragmento (CCB 177)	<p>: O hacker não gosta de ser confundido com um cracker , pois, ao contrário deste, não invade sistemas com fins criminosos, mas para ampliar seus conhecimentos ou para ter a satisfação de detectar suas possíveis falhas de segurança.
Fragmento (CCB 178)	<p>: O « cracker » é a pessoa que entra em um sistema para destruir os arquivos e roubar informações.
Fragmento (CCB 179)	<p>: Os filmes 'Matrix' e 'Cubo' exploram a fronteira entre o que é e o que parece ser Cena de «Matrix», que conta a história de Neo, cracker que descobre que sua existência é virtual «MATRIX» Alexandre MARON da Sucursal do Rio Em um momento crucial do filme «Matrix», que acaba de ser lançado em VHS e DVD, o personagem Neo (Keanu Reeves) é obrigado a decidir entre a verdade sobre o mundo que o cerca, materializada em uma pílula vermelha, e a ignorância, representada pela azul.
Fragmento (CCB 180)	<p>: Neo é um cracker (invasor de sistemas de computadores) que descobre (na cena das pílulas) que o mundo é uma realidade virtual (a Matrix do título) criada por uma raça de robôs, que escravizou a raça humana após vencê-la em uma guerra.
Fragmento (CCB 181)	p>: (Aureliano Biancarelli) Arquivos da Unicamp são destruídos por pirata 21/04/95 O analista de sistemas Carlos Fernando Paniago, 38, da Embrapa, vítima do ' cracker ' Arquivos da Unicamp são destruídos por pirata Da Folha Sudeste Os arquivos de três faculdades da Unicamp e do Núcleo de Monitoramento Ambiental da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias), em Campinas (99 km de SP) , foram destruídos por um « cracker ».
Fragmento (CCB 182)	<p>: As informações destruídas pelo « cracker » faziam parte de um banco de dados sobre monitoramento ambiental em todo país.

Tabela 27 — (subs.) Cracker

Conforme acepção do *MLP* (2009, p. 243), o *cracker* é “Aquele que é especializado em sistemas e redes de computador que burla a segurança de sistemas alheios para danificá-los, manipular ou roubar informações, valores, etc.”, já *hacker* é o “Indivíduo hábil em enganar os mecanismos de segurança de sistemas de computação e conseguir acesso não autorizado aos recursos destes, ger. a partir de uma conexão remota em uma rede de computadores; violador de um sistema de computação” (*Aurélio, s.u.*), ou seja, o *hacker* é um

“Especialista em informática que invade sistemas ou redes de computador” (MLP, 2009, p. 463).

Costuma-se dizer que ambos têm as mesmas habilidades, mas o que se vê nos verbetes apontados é uma distinção, aparentemente, definida e clara. Não há dúvidas de que tanto um termo quanto o outro são *estrangeirismos* inseridos no léxico do português.

A frequência de uso destes itens está se tornando elevada e por essa razão, ambos podem se tornar *neologismos por empréstimos* e consequentemente passarem a ser encarados como *empréstimos linguísticos*.

No que se refere à estrutura dos itens, a quantidade de forma é quase a mesma, exceto por uma letra em *cracker*, que tem mais forma do que *hacker*. Ambas são palavras de outro sistema linguístico, porém o que difere uma da outra é que não há consenso, nos dicionários adotados, sobre a definição do segundo item³⁸.

O substantivo *cracker* se encontra no *Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês* (2007), mas o sentido é: “1. bolacha de água e sal. 2. (GB) (*tb Christmas cracker*) embrulho em forma de tubo, geralmente presenteado no Natal e que estala ao se romper” (p. 418). Estas acepções nada lembram o sentido anterior, o que dificulta a identificação do outro sentido por um falante comum; para resolver o problema, o falante opta por defini-lo em comparação com *hacker*. As funções semânticas dos itens se misturam no uso geral.

Em um dos blocos do programa *Conexão Repórter*³⁹, o âncora Roberto Cabrini aponta uma das definições para *hackers*. Segundo o repórter, estes são “os foras da lei do meio eletrônico”. Na reportagem cujo título era “A guerra do milênio”, discute-se sobre a vida e ações de hackers em todo o mundo. Durante a mesma reportagem, são ouvidas opiniões de profissionais no assunto, *hackers profissionais*, peritos na área e *ex-hackers* que veem os *hackers* (como criminosos). Portanto o termo recebe valores negativos e positivos.

No fragmento CCB 177 do *corpus* encontra-se uma distinção explícita:

O hacker não gosta de ser confundido com um **cracker**, pois, ao contrário deste, não invade sistemas com fins criminosos, mas para ampliar seus conhecimentos ou para ter a satisfação de detectar suas possíveis falhas de segurança (CCB 177).

Este mesmo sentido está em CCB 181, CCB 178 e CCB 182.

³⁸ Verboete *hacker* (sentido: “violador/a de sistemas”). In: **Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês (português-inglês/inglês-português)**. Brazil: Oxford University press, 2007, p. 496.

³⁹ O programa *Conexão Repórter* vai ao ar todos os domingos, às 00h00min. Esta reportagem foi exibida no dia 28 de junho de 2015, no SBT.

A conduta de um *cracker* também é discutida em filmes como *Matrix* (fragmentos CCB 179 e CCB 180). Na amostra CCB 180 lê-se que:

Neo é um **cracker** (invasor de sistemas de computadores) que descobre (na cena das pílulas) que o mundo é uma realidade virtual (a Matrix do título) criada por uma raça de robôs, que escravizou a raça humana após vencê-la em uma guerra (CCB 180).

No entanto, para o público que assistiu à trilogia *Matrix* (*Matrix*, 1999; *Matrix Reloaded*, 2003 e *Matrix Revolutions*, 2003), um *cracker* não é “*mau*”, mas apenas um visionário, um *expert* em sistemas, capaz de acessar o mundo que se esconde por trás das redes de fibra óptica. Por esta razão, o pré-julgamento sobre o sentido de *cracker* ou *hacker* é impróprio, pois deve ser definido no contexto de uso.

Diante dos dados que foram analisados neste capítulo, algumas descobertas importantes foram apreendidas. As 182 amostras coletadas serviram para fundamentar as três hipóteses iniciais desta investigação. As discussões aqui apresentadas de maneira alguma esgotaram essa temática, mas, de certo modo, trazem já uma semente para tempos vindouros. No capítulo que se segue, os principais resultados serão discutidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de representação da língua como um multissistema dinâmico formado por sistemas — Castilho (2003b), *Figura 02* (p. 36), e Castilho e Elias (2013), *Figura 09* (p. 100) — mostrou que o centro da língua é o *DC* (“Dispositivo Conversacional”), e é ele que comanda os quatro sistemas: *semântico*, *discursivo*, *gramatical* e *lexical*. Mostrou também que cada um destes sistemas é independente, dispõe de categorias próprias e suas respectivas características não interferem umas nas outras; que as correspondências entre os sistemas são vistas como interfaces, sem que isto não seja uma determinação entre elas.

A hipótese do *DC* engloba os falantes da língua. Deste modo, aceitando a tese de que a língua, além de ser um instrumento de interação social, faz parte da capacidade do ser humano, pode-se entender que a função pragmática determinará o uso das unidades léxicas do multissistema. O conhecimento ou competência lexical do falante é acionado quando ele necessita se comunicar. Por meio dessa competência, todo falante é capaz de identificar os itens lexicais necessários ao uso, podendo avaliar as relações dessas unidades lexicais e os possíveis processos de formação de palavras, entre eles, a lexicalização.

Os itens lexicalizados selecionados pelos falantes se juntam aos outros elementos linguísticos do léxico e formam um todo na comunicação. Independentemente de serem empréstimos linguísticos, estrangeirismos ou neologismos, o fato é que o *DC* estará atuando na interação verbal. A mente do indivíduo operará, ao mesmo tempo, sobre o conjunto das categorias selecionadas a partir dos quatro sistemas. Isto significa que toda e qualquer expressão linguística exibirá, simultaneamente, tanto propriedades lexicais, quanto discursivas, semânticas e gramaticais (CASTILHO, 2013b, p. 4).

No que diz respeito ao neologismo, cabe dizer que, após ser criado, será provavelmente lançado na “grande corrente vital de evolução da língua”. Será, portanto, incorporado a um campo semântico determinado e começará logo em seguida a “sofrer influxos dos seus vizinhos de significação” (BIDERMAN, 1978, p. 166). As amostras analisadas nesta dissertação trazem algumas formas que ainda não foram dicionarizadas. Muitos desses neologismos poderão desaparecer, pois a frequência de uso determinará a sua existência ou permanência dentro do léxico.

Biderman (1978) afirma que a vida de um neologismo não é longa. Muitas vezes, essa nova palavra é provisória igualmente como acontece com muitas gírias. A única maneira de

um neologismo se tornar duradouro é sua inclusão em dicionário. Mas é exatamente neste momento em que ele deixa de ser uma palavra nova, pois o seu registro é um atestado de uso. O dicionário se torna, assim, o “depositório físico do tesouro léxico abstrato de uma língua” (p. 166).

Biderman também admite que o processo de dicionarização de uma palavra nova refletirá a permanência do uso desse neologismo. Isto é, a palavra tida como nova somente será dicionarizada quando, de fato, já foi aceita por toda uma comunidade linguística que fala aquela língua (BIDERMAN, 1978, p. 166).

Mais uma vez, como se pode comprovar nas palavras da autora, é ressaltada a importância do falante, pois é ele quem cria as palavras, quem modifica ou combina as unidades, quem aceita ou recusa uma dada construção. E mais importante: é o falante quem faz uso do Dispositivo Conversacional para enriquecer o léxico do multissistema, ainda que inconscientemente. Por fim, considera-se qualquer falante de uma língua como um “artista”, pois: “os artistas da língua também estão criando sempre termos e expressões novas, ou dando conotações novas a palavras já existentes. Assim, a criatividade humana em todos os domínios é a principal causa da expansão sempre crescente do léxico da língua” (BIDERMAN, 1978, p. 166).

Por tudo isso, desde as primeiras linhas desta dissertação, foi defendido que o processo de lexicalização contribui para a ampliação do léxico de qualquer língua. Buscou-se, primeiramente, fazer uma exposição da fundamentação teórica construída com os estudos produzidos por pesquisadores da contemporaneidade. A maior parte dos argumentos apresentados, oriundos da Linguística Centrada no Uso (LCU), fundamentou a discussão sobre a importância da lexicalização para a renovação das unidades do léxico.

Três hipóteses foram discutidas e a conclusão delas é a seguinte:

- 1ª hipótese:

O produto resultante da lexicalização nem sempre é um neologismo, podendo muitas vezes ser um item lexical cuja estrutura é semelhante a outras formas existentes (*trouxa*, por exemplo). Existem unidades lexicalizadas que se mantêm inalteradas ou que adquirem novos sentidos mediante frequência de uso (*curtir*). Há itens lexicais formados a partir da união entre línguas diferentes (*analfabyte*, *internauta*, *orkuteiro* etc.).

- 2ª hipótese:

Alguns dos itens lexicais analisados revelam em sua estrutura marcas não apenas de outros idiomas, mas também algo da cultura que envolve o léxico da referida língua (é o caso das

palavras: *cat*, *fox*, *pendrive*, *plugar*, *cracker*, *fake*, entre outros). Itens deste tipo só fazem sentido na língua portuguesa se houver alguma referência aos sentidos da língua de origem, ou seja, a língua inglesa. Sem isso, o sentido se perde totalmente. São itens cuja carga semântica é diferente da encontrada em outras unidades léxicas do português. Ao passo em que um determinado estrangeirismo tem sua frequência de uso acentuada, as chances de ele se tornar um *empréstimo linguístico* são significativas. O mesmo pode ser dito em relação ao neologismo, pois à medida que a frequência de uso se ampliar, mais chances há de ele integrar-se ao léxico da língua.

- 3ª hipótese:

O estudo buscou o princípio da iconicidade para propor a análise dos neologismos/palavras lexicalizados selecionados no *corpus*. As discussões sobre a quantidade de forma, com base no *subprincípio da quantidade*, permitiram as seguintes conclusões: a) a informatividade da forma é relevante para a sua permanência no sistema, visto que quanto mais informativa for uma dada forma, mais há possibilidades que essa estrutura se fixe no léxico, deixando de ser um neologismo para se tornar uma forma da língua e b) determinadas formas/funções dos neologismos semânticos formados pela aglutinação e por empréstimos determinarão a permanência do item ou, em outros casos, indicarão sua não funcionalidade no léxico.

Foi constatado que tanto o neologismo quanto o item lexical individualizado são motivados por lacunas no léxico. Isso reforça a 2ª hipótese, porque quanto mais se eleva a frequência de uso da unidade tida como nova, mais o item irá se ajustar no multissistema, podendo ser incorporado, descartado ou trocado por outro.

Concluídas estas primeiras reflexões, faz-se necessário trazer algumas considerações sobre o que os dados mostraram. Os itens lexicalizados expostos e analisados nas tabelas revelaram que os seus respectivos sentidos variaram de acordo com o contexto. Mostraram também que, seja pela morfologia (novas estruturas) seja pela semântica (novos sentidos), ampliaram o multissistema. Por fim, foi possível concluir que há três destinos para os novos itens, mediante a força do uso: 1) permanecem e integram-se ao multissistema; 2) restringem-se a contextos específicos e 3) caem em desuso e se tornam palavras eruditas.

A frequência de uso de cada uma das unidades lexicalizadas é determinante para a sua permanência no léxico, ou o seu possível desaparecimento. Isto se torna mais evidente quando analisados a partir de um *corpus*. As análises apresentadas, cujos dados foram extraídos de um *corpus* que reflete a língua em uso em diversos contextos, possibilitaram a comprovação

de que certas unidades linguísticas, menos recorrentes, podem desaparecer, enquanto outras, mais recorrentes, tendem a permanecer no uso.

O princípio da iconicidade serviu para avaliar o ajustamento dos novos itens lexicais/neologismos à língua. Itens mais icônicos são mais propícios a perdurarem no léxico. Aqueles itens mais recorrentes no *corpus* entram no uso e com isso cristalizam sentidos, como é o caso de *internauta/internautas* e *mensalão*. Isso também pode ocorrer com itens de baixa frequência de uso como *fakel/fakes*, *internetes*, *mensaleiro/mensaleiros*, *orkuteiro/orkuteiros* e *analfabylte/analfabyltes*, mas essas unidades são mais propensas a cair em desuso, visto que seus sentidos restritos estão relacionados a dado contexto ou período histórico.

Em outra situação, unidades lexicais cujos sentidos variam conforme os contextos de uso podem ser vistas como produtivas (*trouxa/trouxas*, *cutucar*, *cracker*, *piratear*, *plugar* e especialmente *curtir*). Unidades como estas podem ser encontradas nos mais variados *corpus*, com outros sentidos, construídos em novos contextos.

Percebeu-se também que algumas das unidades analisadas variaram não apenas o sentido, mas também a categoria a que pertenciam. Isto comprova a premissa de que as unidades não são discretas e de maneira alguma se pode tentar “encaixotar” a língua.

Sobre a variabilidade dos sentidos extraídos a partir dos fragmentos, pôde-se formular um esquema no qual é possível identificar as diferentes classes gramaticais dos itens:

ESQUEMA				
Itens lexicalizados	Classes gramaticais (Categorias) identificadas			
	Substantivo	Adjetivo	Verbo	Outras ⁴⁰
Internauta / Internautas	√	-	-	-
Curtir	√	-	√	-
Trouxa / Trouxas	√	√	-	-
Cutucar	-	-	√	-
Fake / Fakes	√	√	√	-
Mensalão	√	-	-	-
Cracker	√	-	-	-
Piratear	-	-	√	-
Plugar	-	-	√	-
Internetes	√	-	-	-
Analfabylte / Analfabyltes	√	-	-	-
Mensaleiro / Mensaleiros	√	-	-	-
Orkuteiro / Orkuteiros	√	-	-	-

Tabela 28 — Itens lexicalizados / categorias identificadas

⁴⁰ Os dados analisados não apontaram outras categorias, porém não descartamos essa possibilidade.

Essa tabela releva que essas classificações não são perenes e as unidades não são discretas, porque isoladas não são transparentes quanto ao sentido, e que mediante o contexto de uso, podem assumir outras funções semânticas e mudar ou participar de mais de uma classe gramatical, seja ela tida como mais concreta ou mais abstrata. Isto reforça a tese de que uma forma pode comportar mais de uma função.

Em suma, resta almejar que os questionamentos levantados nesta dissertação, possam propiciar novas investigações.

Com a certeza de que o tema de modo algum foi levado à exaustão, acredita-se que, para os propósitos estabelecidos no respectivo projeto de pesquisa, a presente dissertação atingiu seu principal objetivo: o de discutir sobre a relevância da lexicalização para a formação de neologismos na língua em uso e da ampliação do multissistema.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. **Cadernos do CNLF**, vol. XV, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CIEFIL, 2011, p. 1332-1343. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/105.pdf>. Acesso em 01 de nov. 2014.
- ABREU, Vera Santos. O léxico na internet: análise de neologismos em comunidades do Orkut. **Anais eletrônicos**, 3º simpósio hipertexto e tecnologias na educação – redes sociais e aprendizagem, 2010, p. 1-20. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Verena-Santos-Abreu.pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2014.
- _____. O que escrevem os orkuteiros e facebookeiros? Uma análise de neologismos em comunidades virtuais. **Cadernos do CNLF – anais do XVI CNLF**, vol. XVI, n. 04, t. 3. Rio de Janeiro: CIEFIL, 2012, p. 2469-2478. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlftomo_3/213.pdf>. Acesso em 04 de nov. 2014.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística (parte 1). In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. vol. I. 9ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-50.
- ALVES, Ieda Maria; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Apresentação – percorrendo o caminho das palavras. In: CARVALHO, Nelly Medeiros. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009, 7-10. (Coleção linguagem & linguística)
- ALVES, Ieda Maria. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, 2006, p.131-144. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1415/1116>>. Acesso em 17 de fev. 2015.
- ANDRADE, Antônio Carlos Siqueira de. **Semântica e Estilística**. Rio de Janeiro: UCB, 2008.<http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/letras/ingles/6_periodo/semantica_e_estilistica.pdf>. Acesso em 09 de set. 2015.
- BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- _____. Como e por que as línguas mudam? In: _____. **Língua, linguagem, linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 69-116.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.
- BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- BERLINK, Rosane de Andrade; AUGUSTO, Marina R. A.; SCHER, Ana Paula. Sintaxe. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012, p. 221-259.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. Cap. 5 – Lexicologia. In: BORBA, Francisco da Silva (Orgs.). **Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981, p.131-145.
- _____. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. Terminologia e lexicografia. **TradTerm**, [S.l.] vol. 7, dez. 2001, p. 153-181. Disponível em: <www.revistas.usp.br/tradterm/rt/captureCite/49147/53230>. Acesso em 04 de mar. 2015.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 28ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAMBRAIA, César Nardelli; RAMALHO, Victor Hugo Barbosa; STRADIOTO, Sara Alves. Gramaticalização e lexicalização no limite: demonstrativos românicos. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, v. 16, n. 2, 2011, p. 33-67. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/1618/1823>>. Acesso em 04 de nov. 2014.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, Ataliba de. (org.). **Historiando o português brasileiro - História das línguas: variedades, gramaticalização, discursos**. Relatório das atividades desenvolvidas ao abrigo do Programa CAPES-DAAD-PROBRAL, de 2000 a 2003 (Projeto 109/00). Coordenadores: Ataliba T. de Castilho (USP / Brasil) – Konstanze Jungbluth (Tübingen / Alemanha). Aspectos sincrônicos e diacrônicos do Português Brasileiro. Universität Tübingen Blaubeuren, 4-7 de jul. de 2003. Blaubeuren, 2003a, p. 1-142. Disponível em: <<http://150.164.100.248/profs/jania/dados/arquivos/Historiando....pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2014.

CASTILHO, Ataliba de. **Proposta funcionalista de mudança linguística**: Lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro. 2013b, p. 1-32. Disponível em: <<http://files.professorivo.webnode.pt/200000059-5d9c35e960/Proposta%20funcionalista%20de%20mudan%C3%A7a%20ling%C3%BC%C3%ADstica%20-%20Ataliba%20Castilho.pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2014.

_____. Mudança linguística multissistêmica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs.). **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 505-518. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_510.pdf>. Acesso em 01 de mar. 2015.

_____. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, Edson Roda de. **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 17-42.

_____. Entrevista: funcionalismo(s) e teoria multissistêmica. **Revista Prolíngua**. v. 9, n. 2, p. 87-104, jul/dez 2014. (Entrevista concedida a Camilo Rosa Silva). Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/23947/13169>>. Acesso em 10 de jul. 2015.

_____. **O que é Semântica?**. Museu da língua portuguesa. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_40.pdf>. Acesso em 09 de set. 2015.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARDOSO, Elis de Almeida. A formação histórica do léxico da língua portuguesa. In: SILVA, Luiz Antônio da (Org.). **A língua que falamos: português: história, variação e discurso**. São Paulo: Globo, 2005, p. 163-182.

CARVALHO, Nelly Medeiros. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009a. (Coleção linguagem & linguística)

_____. Empréstimos linguísticos e identidade cultural. In: ALVES, Ieda Maria [et. al.] (org.). **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas** [recurso eletrônico] vol. 1. São Paulo: FFLCH/USP, 2009b, p. 73-80.

_____. A criação neológica. **Revista Trama**, vol. 2, n. 4, 2º sem. de 2006, p. 191-203. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/download/681/574>>. Acesso em 03 de nov. 2014.

CASSEB-GALVÃO, Vânia; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. O equilíbrio na mudança linguística: a gradualidade em processo. In: SOUZA, Edson Roda de. **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 153-170.

CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Orgs.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Eduardo Martelotta**. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística: I. Objetos teóricos**. 6ed. 2. rei. vol. 1 São Paulo: Contexto, 2012, p. 141-163.

CONTIERO, Elza; FERRAZ, Aderlande Pereira. A neologia de empréstimos no LDP: uma abordagem a partir dos atos discursivos. In: SIMÕES, Darcilia; OSÓRIO, Paulo (Orgs.). **Léxico: Investigação e Ensino**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014, p. 45-59. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/Livro_Lexico_e_Ensino.pdf>. Acesso em 03 de nov. 2014.

CORREA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CUNHA, Aline Luiza da. A lexicografia pedagógica e o léxico especial. **Cadernos do CNLF**, vol. XV, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CEFIL, 2011, p. 1322-1331. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/104.pdf>. Acesso em 01 de nov. 2014.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Assistentes: Cláudio Mello Sobrinho [et al.]. 3ed. 2. rei. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DIESSEL, Holger. Iconicity of sequence. A corpus-based analysis of positioning of temporal adverbial clauses in English. **Cognitive Linguistic** 19. German: University of Gena, 2008, p.457-482. Disponível em: <<http://www.personal.uni-jena.de/~x4diho/Iconicity%20of%20Sequence.pdf>>. Acesso em 09 de nov. 2014.

DUBOIS, Sylvie; VOTRE, Sebastião Josué. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. In: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da Gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012, 49-72. (Coleção Biblioteca EDUFF, 2004)

DUTRA, Vania Lúcia Rodrigues. A concepção sistêmico-funcional e o processo semiótico de construção dos sentidos no texto. **Linguagem em (Re)vista**, ano 7, num. 13/14. Niterói, 2012, p. 131-147. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/13_14/07.pdf>. Acesso em 21 de jul. 2015.

FERRARI NETO, José. Morfologia Derivacional RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho (org.). **A morfologia e sua interface com a sintaxe e com o discurso**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 41-74.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de

Letras da UFMG, 2006, p. 217-234. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/E-Livros/O%20L%C3%A9xico%20em%20Estudo-Grafia,%20Toponímia,%20Lexicologia,%20Etimologia,%20etc..pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2014.

_____. Neologismos no português brasileiro contemporâneo: Aplicação ao ensino de português para estrangeiros. **Livro de actas**. Diálogo com lusofonia. Colóquio comemorativo dos 30 anos da Secção Portuguesa do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia. (10 e 11 de dezembro de 2007). Polónia: Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia, 2007, p. 133-151. Disponível em: <https://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio_ISII-UW_8_FERRAZ-Aderlande-PEREIRA_Neologismos-no-portugues-brasileiro.pdf>. Acesso em 01 de nov. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. versão 7.0. São Paulo: Positivo Informática Ltda, 2010.

FORTUNATO, Isabella Venceslau. Gramaticalização e lexicalização das lexias complexas no português arcaico. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs.). **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 1394-1403. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_456.pdf>. Acesso em 01 de mar. 2015.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013, p.157-176.

_____. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: SOUZA, Maria Medianeira et alli. (org.). **Sintaxe em foco**. Recife: PPGL/UFPE, 2012b. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/ebooks/ebook-sintaxe-em-foco.pdf>>. Acesso em 01 set. 2013, p. 31-54.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; Cezario, Maria Maura. Pressupostos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003, p. 29-55.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira de. Situando o funcionalismo. In: _____. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 17-28.

GIVÓN, Talmy. Mudança linguística. In: _____. **A compreensão da gramática**. Traduzido por Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Felipe Albani. Revisão técnica da tradução feita por Maria Angélica Furtado da Cunha, Maria Alice Tavares e Edvaldo Balduino Bispo. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012, p. 305-346. [título original em inglês *On understand grammar*]

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Das diferenças entre flexão e derivação. In: _____. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-69.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 3.0. Monousuário. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à Semântica: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Introdução ao estudo do léxico:** brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderlei. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2011. (série princípios)

LANGACKER, Ronald W. Mudanças linguísticas. In: _____. **A linguagem e sua estrutura:** alguns conceitos linguísticos fundamentais. Tradução de Gilda Maria Corrêia de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 185-209.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. A dimensão social da palavra. In: SILVA, Luiz Antônio da (Org.). **A língua que falamos:** português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005, p. 121-161.

_____. O princípio da iconicidade e sua atuação no Português do Brasil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, 2006, p. 83-96. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59746/62855>>. Acesso em 21 de jul. 2015.

LOPES, Bruno Silva. Neologismo e política: expressividade em novas criações lexicais. **Revista Philologus** – Suplemento, ano 17, n. 51, set./dez. 2011. Rio de Janeiro: CIEFIL, 2011, p. 101-11. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/51supl/09.pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2014.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem:** um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. Colaboradores: Francisco de Assis Barbosa e Manuel da Cunha Pereira; organização e supervisão de Lya Luft. São Paulo: Ática, 2000.

MACEDO, Auricélia de. **Indícios sincrônicos de gramaticalização: o uso do verbo chegar em orações coordenadas e na perífrase verbal [chegar (e) + V2]:** contribuições para o ensino de gramática. 86 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2008. Disponível em: <<ftp://ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/AuriceliaM.pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística:** uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção leituras introdução em linguagem; v. 1).

_____. A mudança linguística. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional:** teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003, p. 57-71.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional:** teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003, p. 17-28.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica:** ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MENDES, Humberto; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Neologismo: evolucionismo e criacionismo linguístico. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 235-243. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/E-Livros/O%20L%C3%A9xico%20em%20Estudo->

Grafia,%20Toponímia,%20Lexicologia,%20Etmologia,%20etc..pdf>. Acesso em 01 de nov. 2014.

MICHAELIS: dicionário prático da língua portuguesa. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A gramática passada a limpo**: conceitos, análises e parâmetros. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Linguística Centrada no Uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015.

PAULA, Maria Helena. Considerações breves sobre cultura rural. **Revista Opsi**, v. 8, n. 11 (out. 2008). Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2008, p. 258-274. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsi/article/view/9364/6456>>. Acesso em 01 de nov. 2014.

PONTES-RIBEIRO, Dulce Helena. Semiótica: extrapolando as fronteiras do léxico. **Caderno Seminal Digital**, ano 13, n. 8, v. 8, jul./dez. 2007, p. 134-155. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_seminal/seminar_VIII.pdf>. Acesso em 01 de nov. 2014.

SANTOS, Renise Cristina. **Neologismos lexicais em gênero textual emergente** [manuscrito]: análise de textos veiculados no Facebook. f. 116. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/poslin/defesas/1564m.pdf>. Acesso em 03 de mar. 2015.

SCHULTZ, Benilde Socreppa; BACCIN, Paola Giustina. Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceptuais. In: BARROS, Lidia Almeida; ISQUERO, Aparecida Negri (orgs.). **O léxico em foco**: múltiplos olhares [online]. São Paulo: Editora da UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 93-108. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/946ch/pdf/barros-9788579831256.pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2014.

SILVA, Luiz Antônio da (Org.). **A língua que falamos**: português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

SIMÕES, Darcília. **Iconicidade verbal**. Teoria e prática. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. Disponível em: <<http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/iconicidadeverbal.pdf>>. Acesso em 03 de nov. 2014.

_____. **Iconicidade e verossimilhança**. Semiótica aplicada ao texto verbal. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/iconicidade_e_verossimilhanca.pdf>. Acesso em 15 de set. 2015.

_____. **Teoria da iconicidade verbal**: aplicações. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.academia.edu/3777243/TEORIA_DA_ICONICIDADE_VERBAL_-_APLICA%C3%87%C3%95ES>. Acesso em 15 de set. 2015.

SIMÕES, Darcília; ARAGÃO, Maria do Socorro. **Iconicidade no léxico e repertório discente**. Vitória, 2009, p. 1-11 (comunicação apresentada na ABRALIN em Cena Espírito

Santo, 26 a 29 de maio de 2009). Disponível em:

<<http://www.darciliasimoes.pro.br/textos/docs/textos30.doc>>. Acesso em 03 de mar. 2015.

SIMÕES, Darcilia; DUTRA, Vania Lúcia Rodrigues. A iconicidade, a leitura e o projeto do texto. **Linguagem & Ensino**, vol. 7, n. 2, 2004, p. 37-63. Disponível em:

<<http://www.revistas.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/207/174>>. Acesso em 21 de jul. 2015.

SIMÕES, Darcilia; MATOS, Denilson Pereira de. Gramática no texto: a era digital e a língua escrita. In: MATOS, Denilson Pereira de (Org.). **Estudos sobre língua e linguagem na EAD**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012, p. 35-73.

SOUZA, Christiane Maria N. et al. (Orgs.). A teoria da variação e mudança linguística. In: _____ **Para conhecer a sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 55-98.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: _____. SOUZA, Edson Rosa (org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 33-50.

VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony J. Mecanismos funcionais do uso da Língua: função e forma. In: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da Gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012, P. 43-48. (Coleção Biblioteca EDUFF, 2004).

VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. Gramaticalização na ordenação vocabular de sujeito e auxiliar-verbo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, 1996, p. 64-70. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf>. Acesso em 13 de mai. 2014.

DICIONÁRIO Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês (português-inglês/inglês-português). Brazil: Oxford University press, 2007.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português**. Petrópolis: São Paulo: Vozes, 2014.

VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013, 137-179.

XIMENES, Expedito Eloísio. Neologismos na imprensa cearense. **Revista Philologus**, ano 18, n. 54. Rio de Janeiro: CIEFIL, set./dez. 2012, p. 115-131. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/54/011.pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2014.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 71-85.

OUTRAS FONTES

JORNAL HOJE (Rede Globo). **A língua que a gente fala**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-sobre-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

APITAÇO é arma diante da violência contra a mulher em Recife. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/maisdireitosmaishumanos/episodio/apitaco-e-arma-diante-da-violencia-contra-a-mulher-em-recife>>. Acesso em: 06 set. 2015.

CEPRIL: Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Linguagem. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/pos/lael/cepril/cepril-info.php>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

CORPUS brasileiro. Disponível em: <<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>>. Acesso em 15 de nov. 2014.

FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.fapesp.br/>>. Acesso em 15 de nov. 2014.

GELC: Grupo de Estudos de Linguística de Corpus. Disponível em: <<http://corpuslg.org/gelc/gelc.php>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

GRUPO de pesquisa teorias linguísticas de base (TLB). Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1401444172048026>>. Acesso em 16 de nov. 2014.

LAEL: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada-e-estudos-da-linguagem>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MATRIX. Direção: The Wachowski Brothers. Produção: Joel Silver. Intérpretes: Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Carrie-Anne Moss, Hugo Weaving, Joe Pantoliano e outros. Música: Don Davis. EUA: Warner Brothers/Village Roadshow Pictures, 1999. 1. DVD (136 min), widescreen, color. Produzido por Warner Brothers/Village Roadshow Pictures. (Título original: *The Matrix*)

MATRIX RELOADED. Direção: The Wachowski Brothers. Produção: Joel Silver. Intérpretes: Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Carrie-Anne Moss, Hugo Weaving, Jada Pinkett Smith, Gloria Foster e outros. Música: Don Davis. EUA: Warner Brothers/Village Roadshow Pictures, 2003. 1. DVD (138 min), widescreen, color. Produzido por Warner Brothers/Village Roadshow Pictures. (Título original: *The Matrix Reloaded*)

MATRIX REVOLUTIONS. Direção: The Wachowski Brothers. Produção: Joel Silver. Intérpretes: Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Carrie-Anne Moss, Hugo Weaving, Jada Pinkett Smith, Monica Bellucci e outros. Música: Don Davis. EUA: Warner Brothers/Village Roadshow Pictures, 2003. 1. DVD (129 min), widescreen, color. Produzido por Warner Brothers/Village Roadshow Pictures. (Título original: *The Matrix Revolutions*)

O Supremo Tribunal Federal concluiu que o mensalão foi um esquema ilegal de financiamento político organizado pelo PT para corromper parlamentares e garantir apoio ao governo Lula no Congresso em 2003 e 2004, logo após a chegada do partido ao poder.

Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2012/ojulgamentodomensalao/ojulgamento/o_esque_ma.shtml>. Acesso em 07 set. 2015.

O julgamento do mensalão. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2012/ojulgamentodomensalao/>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

PROJETO AC/DC: corpo corpus brasileiro. Disponível em:

<<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>>. Acesso em 26 de abr. 2015.

PUCSP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em:

<<http://www4.pucsp.br/paginainicial/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

TONY Berber Sardinha. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/~tony/tony/Home.html>>.

Acesso em: 15 nov. 2014.

ANEXOS

Anexo 01 — Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro (parte superior)

Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro

AC/DC : [Linguateca](#)

O [Corpus Brasileiro](#) é uma coletânea de aproximadamente um bilhão de palavras de português brasileiro, resultado de projeto coordenado por [Tony Berber Sardinha](#), ([GELC](#), [LAEL](#), [CepriL](#), [PUCSP](#)), com financiamento da [Fapesp](#). Devido a variados tipos de processamento automático, é possível que nem todo o material incorporado esteja disponível através do AC/DC.

Procurar:

OK

Resultado:

- ☒ Concordância
- ☐ Distribuição das formas ([word](#))
- ☐ Distribuição dos lemas ([lema](#))
- ☐ Distribuição da categoria gramatical (PoS) ([pos](#))
- ☐ Distribuição do tempo verbal e/ou do caso pronominal ([temcagr](#))
- ☐ Distribuição de pessoa e/ou número ([pessnum](#))
- ☐ Distribuição do gênero morfológico ([gen](#))
- ☐ Distribuição da função sintática ([func](#))
- ☐ Distribuição por gênero de texto ([genero](#))
- ☐ Distribuição por campo semântico ([sema](#))
- ☐ Distribuição por grupo (de cor, roupa, etc.) ([grupo](#))

Opções

- ☐ Resultados por ordem alfabética (só distribuições)
- ☐ Ignorar maiúsculas/minúsculas (não admite parâmetros)

Amostra aleatória de linhas.

Tipo	Diversos
Variante(s)	BR
Tamanho (unidades)	1174.3 milhões
Tamanho (palavras)	989.0 milhões

[Página principal](#)

Procure noutros corpos:
[AmostrA-NILC](#) [ANCIB](#) [Avante! Corpus Brasileiro](#) [CD HAREM](#) [CETEMPúblico](#) [CHAVE](#) [Colônia](#) [CONDIVport](#) [CoNE](#) [C-Oral-Brasil](#) [DiaCLAV](#) [Díspora](#) [TL-PT](#) [ECI-EBR](#) [ECI-EE](#) [ENPCPUB](#) ([parte em português](#)) [Floresta](#) [FrasesPB](#) [FrasesPP](#) [Mariano Gago](#) [Moçambula](#) [Museu da Pessoa](#) [Natura/Minho](#) [OBras](#) [ReLi](#) [NILC/São Carlos](#) [todos juntos](#) [Tycho](#) [Brahe](#) [Vercial](#)

Anexo 02 — Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro (parte interior)

Estrutura do corpo

O corpo está apenas dividido em frases (s).

Além disso, o Corpus Brasileiro contém os seguintes valores do atributo **genero**, em que o prefixo **e** indica português escrito e **f** português falado:

genero	Gênero	Fonte
ei	Acadêmico	Artigos
ej	Acadêmico	Teses e dissertações
eq	Acadêmico	Anais de congresso
en	Cinema e TV	Roteiros
ee/ef	Educação	Diversos
ee/ef	Educação	Diversos
et	Enciclopédia	Wikipédia
fa	Esporte	Narração de jogos de futebol
ek	Informática	Manuais
ed	Jornalismo	Revistas
eg	Jornalismo	Jornais
eo	Jornalismo	Horóscopo
fe	Jornalismo	Entrevistas
em/ex	Legislação	Diversos
em/ex	Legislação	Diversos
eb	Literatura	Contos
ec	Literatura	Crônicas
eh/ew	Literatura	Variados
eh/ew	Literatura	Variados
eu	Literatura	Biografias
ea	Medicina	Bulas de remédio
ep	Política	Atas de assembleia legislativa
fb	Política	Debates de TV
fc	Política	Pronunciamentos do presidente
fd	Política	Sessões do congresso
el	Religião	Diversos
ev	Religião	Bíblia
er/es	Técnico	Relatórios e manuais diversos
er/es	Técnico	Relatórios e manuais diversos

Como todos os corpos do AC/DC, o Corpus Brasileiro está também anotado sintacticamente pelo PALAVRAS, e contém alguma anotação semântica nos atributos **sema** e **grupo**.

Anexo 03 — Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro (parte inferior)

Veja um [excerto do corpo e informação adicional](#).

Exemplo de pesquisas

	Procurar:	Resultado:
a palavra "Pelé"	Pelé	Concordância
frases contendo a expressão "casaco comprido"	"casaco" "comprido"	Concordância
referências a Dilma em jornais brasileiros	[word="Dilma" & genero="eg"]	Concordância
distribuição de "Vasco da Gama" por gênero	"Vasco" "da" "Gama"	Distribuição por gênero

Dados quantitativos

- [Lista de formas deste corpo e sua frequência](#) (veja também [esta lista](#))
- [Lista de lemas deste corpo](#) (veja também [esta lista](#))
- [Dados sobre palavras gráficas](#)
- [Contagens de atributos estruturais](#)
- [Contagens de multipalavras](#)
- [Distribuição por categoria gramatical](#)

Para informação sobre como foram obtidos estes valores, consulte a página dos [Corpos](#)

Agradecimentos

Tony Berber Sardinha, a quem estamos gratos pela autorização para a disponibilização deste corpus, agradece à Fapesp o financiamento do projeto.

[[Exemplos](#) | [Atomização](#) | [Anotação](#) | [Corpos](#) | [Agradecimentos](#)]

Última actualização: 08 de Junho de 2014

[Perguntas, comentários e sugestões](#)

Anexo 04 — Corpus Brasileiro

O Corpus Brasileiro tem a proposta de ser um corpus acessível a todos os brasileiros, por meio de uma interface simples e poderosa de acesso ao maior acervo da língua portuguesa brasileira existente.

O projeto

O projeto Corpus Brasileiro, do grupo GELC, que está sediado no Centro de Pesquisas, Recursos e Informação de Linguagem (CEPRIL), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (LAEL) da PUCSP, com apoio da FAPESP, visa a construir e disponibilizar online o Corpus Brasileiro, que será composto por um bilhão de palavras de português brasileiro contemporâneo, de vários tipos de linguagem. Um corpus, segundo a **Linguística de Corpus**, é uma coletânea de textos falados e escritos coletados criteriosamente para serem uma amostra de uma língua ou variedade linguística (Berber Sardinha, 2004). Atualmente, há uma lacuna no tocante a um corpus de português da dimensão que propomos, com variedade de gêneros e registros, que seja disponível na rede. Usaremos bases de dados SQL para armazenamento do corpus. O usuário terá acesso a informações sobre frequência de ocorrência dos termos de sua busca além de linhas de concordância onde os termos ocorrem; ele não terá acesso ao texto integral, pois isso violaria leis de direitos autorais. A necessidade de atingir o nível de um bilhão de palavras se deve ao fato de que, sendo um corpus geral apenas uma amostra de uma população imensa (Berber Sardinha, 2004), quanto maior e mais variada essa amostra, mais representativa ela será. O impacto social do Corpus Brasileiro pode ser significativo, colocando ao dispor dos cidadãos do país e do exterior uma vasta quantidade de informação sobre a língua portuguesa. Os usuários do corpus incluem lingüistas, pesquisadores da linguagem, professores de língua materna, estrangeira, de redação, jornalistas, escritores, roteiristas, publicitários, alunos de diversos níveis, dicionaristas, gramáticos e uma ampla gama de profissionais que lidam com a língua em uso.